



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**DO RISO FEZ-SE O PRANTO: EXPRESSÕES DO RACISMO E AS
CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DO HUMOR RACISTA NO BRASIL**

CAMILLA LIMA DE ARAUJO

São Cristóvão - SE,

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**DO RISO FEZ-SE O PRANTO: EXPRESSÕES DO RACISMO E AS
CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DO HUMOR RACISTA NO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada pela discente Camilla Lima de Araujo ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe - UFS (Brasil), como requisito para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Eugenio Oliveira Lima.

Leitor interno: Prof^ª Dra. Dalila da Silva Xavier

Leitor externo: Prof. Dr. Cícero Roberto Pereira

Leitor externo: Prof^ª Dra. Luciana Maria Maia Viana

Leitor externo: Prof^ª Dra. Patrícia da Silva

São Cristóvão - SE,

2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A658d Araujo, Camilla Lima de
Do riso fez-se o pranto: expressões do racismo e as
consequências sociais do humor racista no Brasil / Camilla
Lima de Araujo ; orientador Marcus Eugenio Oliveira Lima. –
São Cristóvão, SE, 2024.
160 f.; il.

Tese (doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de
Sergipe, 2024.

1. Psicologia. 2. Racismo - Humor, sátira etc. - Brasil. 3.
Humor (Psicologia). 4. Riso. 5. Psicologia social. I. Lima,
Marcus Eugenio Oliveira, orient. II. Título.

CDU 159.9:316.647.82

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO

Aos trinta dias do mês de abril de dois mil e vinte e quatro, reuniram-se por videoconferência os professores membros da Comissão Examinadora Prof. Dr. Marcus Eugênio Oliveira Lima (Presidente), Prof^ª Dra. Dalila Xavier de França (Membro Interno - UFS), Prof. Dr. Cícero Roberto Pereira (Membro Externo – ICS – Universidade de Lisboa), Prof^ª Dra. Luciana Maria Maia Viana (Membro Externo – Universidade de Fortaleza) e Prof^ª Dra. Patrícia da Silva (Membro Externo - Universidade Federal do Acre), para avaliar o trabalho intitulado: “Do riso fez-se o pranto: expressões do racismo e as consequências sociais do humor racista no Brasil” da doutoranda Camilla Lima de Araujo. O orientador, assumindo os trabalhos na qualidade de presidenteda sessão, passou a palavra a candidata, para que ela apresentasse sua Tese, informando que a mesma dispunha de 30 (trinta) minutos para a apresentação, que cada examinador iria dispor de 20 (vinte) minutos para fazer argüições e que a candidata gozaria de 20 (vinte) minutos para responder aos questionamentos. Terminada a exposição da candidata, o presidente passou a palavra aos membros da Comissão Julgadora, que iniciaram a argüição. Terminada a argüição, a Comissão Julgadora se reuniu em outra sala para a deliberação final. Logo em seguida, o presidente anunciou que a candidata foi considerada **APROVADA** a partir da avaliação dos membros da Comissão Julgadora. O presidente proclamou a doutoranda **DOUTORA EM PSICOLOGIA**, devendo este resultado ser homologado pela Comissão da Coordenação de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe. Em seguida, o presidente agradeceu aos membros da Comissão Julgadora e aos presentes e encerrou a sessão. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata que vai assinada pelos membros da Comissão Julgadora.

Documento assinado digitalmente
 **MARCUS EUGENIO OLIVEIRA LIMA**
Data: 22/07/2024 18:12:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcus Eugênio Oliveira Lima (Orientador).

Documento assinado digitalmente
 **DALILA XAVIER DE FRANÇA**
Data: 22/07/2024 12:10:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dra. Dalila Xavier de França (Avaliadora Interna – UFS)



Documento assinado digitalmente
CICERO ROBERTO PEREIRA
Data: 18/07/2024 12:00:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cícero Roberto Pereira (Avaliador Externo – ICS-UL)



Documento assinado digitalmente
LUCIANA MARIA MAIA VIANA
Data: 19/07/2024 18:37:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dra. Luciana Maria Maia Viana (Avaliadora Externa – UNIFOR)



Documento assinado digitalmente
PATRICIA DA SILVA
Data: 22/07/2024 11:41:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dra. Patrícia da Silva (Avaliadora Externa – UFAC)

Cidade Prof. José Aloísio de Campos, s/n, Rosa
Elze, São Cristóvão – Sergipe, 30 de abril de 2024

AGRADECIMENTOS

Sempre ouvi que o doutorado é uma trajetória solitária. E de fato o é. Mas nessa minha trajetória tive o repouso em muitos que pude trocar e compartilhar durante esses cinco anos. Primeiramente, Augusto e Francisca, meus pais, pelo amor, confiança e suporte em todos os momentos desses 15 anos de formação em psicologia. Mesmo sem falar, eu vejo em seus olhos a sua alegria em mais essa conquista, paiinho.

O pano de fundo desta tese é iniciado ainda na graduação, entre os primeiros períodos, quando desejei estudar o racismo enquanto fenômeno social. Naquele momento não tinha a dimensão da importância do estudo, tampouco do impacto social. Eram apenas atravessamentos pessoais de ser uma mulher negra, vinda de uma família majoritariamente negra, e que já havia sofrido e presenciado algumas discriminações raciais. Logo no primeiro período fiquei sabendo que no curso de Psicologia da universidade havia um professor que pesquisava a temática. Descobri o e-mail desse professor e enviei um e-mail, com todo o temor de um calouro, pedindo para participar do seu grupo de pesquisa. Naquele momento não pude dar prosseguimento, mas esse breve contato com a psicologia social foi, certamente, distintivo na minha formação.

Períodos depois iniciei uma pesquisa de iniciação científica sobre racismo com o Prof. Marcus Eugênio inaugurando uma parceria que se renovou por anos. A minha formação como pesquisadora e psicóloga social devoto a todos esses anos de orientações e ensinamentos. Agradeço por toda a parceria e compreensão fundamentais para atravessar esses cinco anos atípicos.

Agradeço também a Prof^a Zenith Delabrida, pelos primeiros passos na iniciação científica, sobretudo por despertar em mim o encantamento por uma psicologia ética e

baseada em evidências. Agradeço ainda as professoras Dalila Xavier, Ana Raquel Torres e Patrícia Silva por todas as contribuições dadas a este trabalho desde a banca de qualificação.

Agradeço aos colegas do Con-Psi, antigo NSEPR, em todas suas formações ao longo desses 13 anos em que fiz parte. Aos colegas do doutorado Israel, Henio e Luana pelo apoio e parceria. Aos colegas que foram fundamentais para o andamento das duas coletas de dados (Pedro, Diego, Rita, Jhenifer, Rose e Charles) meus sinceros agradecimentos.

Agradeço ainda aos amigos (Henrique, Rafael, Analys, Yris, Ana) pelos risos que tornaram o processo menos pesado. Especialmente à Luiza, minha grande amiga e parceira em diversas esferas da vida, pelas leituras, sugestões e apoio emocional ao longo dessa trajetória. Aos meus irmãos (Dani, Guto, Grace, Verônica e Lucas) pela torcida e incentivo.

À Alice, o meu amor e a minha grande companhia, que esteve comigo ao longo de toda essa jornada trazendo sentido e força a cada etapa. Obrigada, filha. Eu consegui porque conseguimos.

À Deus e a minha espiritualidade que foram suporte fundamental nos momentos mais difíceis e que me possibilitou a serenidade para chegar até aqui. Muito obrigada.

Este trabalho contou com o apoio e financiamento das seguintes instituições:

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

“Nossas vidas começam a terminar no dia em que permanecemos em silêncio sobre
as coisas que importam.”

Martin Luther King

RESUMO

Esta tese objetivou analisar o impacto do humor racista e do riso nas reações das pessoas em relação aos negros, considerando que o humor cria um clima normativo de tolerância à discriminação, atuando como fonte de autorregulação para pessoas com preconceito. Para tanto, apresentamos um trabalho composto por três artigos. O primeiro deles é um estudo teórico (Artigo 1) que consiste em uma revisão sistemática de literatura sobre o humor racista. Esta revisão embasou a construção do cenário experimental dos artigos empíricos apresentados na sequência. Seus resultados evidenciam um número pouco expressivo de publicações científicas adiante à necessidade do debate acerca do tema do humor racista e racismo, em especial no campo da psicologia. No Artigo 2, por meio de um delineamento quase experimental, investigamos o impacto da exposição ao humor racista e ao riso nas expressões de racismo em dois estudos. Em conjunto, os resultados indicam que embora as pessoas previssem que ficariam muito chateadas com um ato de discriminação racial apresentado por meio de piada (estudo 1), quando elas realmente vivenciam esse evento (estudo 2), elas mostram relativamente pouco sofrimento emocional e incômodo. Por fim, o Artigo 3 objetivou compreender como os participantes de uma pesquisa experimental sobre racismo avaliam a sua experiência de pesquisa, o seu comportamento e o comportamento dos outros. Os resultados, em consonância com a literatura, indicaram que apesar de as pessoas terem consciência da existência do racismo, elas não se sentem individualmente responsáveis por essa situação. Em síntese, os resultados confirmaram a hipótese principal desta tese: que o humor racista expresso por meio de piada impacta aumentando o preconceito racial implícito contra os negros, variando a sua expressão a depender da cor da pele e da expressão facial de quem apresenta a piada. Os achados reunidos nesta tese destacam a necessidade contínua de investigação e reflexão sobre o papel do humor racista e suas implicações sociais e culturais.

Palavras-chave: Racismo, humor, riso, entrevista pós-experimental.

ABSTRACT

This thesis aimed to analyze the impact of racist humor and laughter on people's reactions to blacks, considering that humor creates a normative climate of tolerance for discrimination, acting as a source of self-regulation for prejudiced individuals. To this end, we present a work composed of three articles. The first of them is a theoretical study (Article 1) consisting of a systematic literature review on racist humor. This review informed the construction of the experimental scenario of the empirical articles presented subsequently. Its results show a relatively small number of scientific publications, highlighting the need for debate on the subject of racist humor and racism, especially in the field of psychology. In Article 2, through a quasi-experimental design, we investigated the impact of exposure to racist humor and laughter on expressions of racism in two studies. Overall, the results indicate that although people predicted they would be very upset by an act of racial discrimination presented in the form of a joke (study 1), when they actually experience this event (study 2), they show relatively little emotional distress and discomfort. Finally, Article 3 aimed to understand how participants in an experimental research on racism evaluate their research experience, their own behavior, and the behavior of others. The results, in line with the literature, indicated that although people are aware of the existence of racism, they do not feel individually responsible for this situation. In summary, the results confirmed the main hypothesis of this thesis: that racist humor expressed through jokes impacts by increasing implicit racial prejudice against blacks, varying its expression depending on the skin color and facial expression of the joke teller. The findings gathered in this thesis emphasize the ongoing need for investigation and reflection on the role of racist humor and its social and cultural implications.

Keywords: Racism, humor, laughter, post-experimental interview.

SUMÁRIO

SEÇÃO I – MARCO TEÓRICO	13
INTRODUÇÃO	14
Riso e racismo no Brasil	20
Explorando a Branquitude: o humor como ferramenta de legitimação e justificação da opressão.....	24
Lista de referências	31
ARTIGO 1: COMPLEMENTAR AO MARCO TEÓRICO	37
Introdução	40
Método	42
Identificação	44
Triagem	44
Elegibilidade.....	44
Inclusão	44
Análise dos dados	45
Considerações finais	52
Referências.....	53
SEÇÃO II – ARTIGOS EMPÍRICOS	62
CAPÍTULO 1	63
ARTIGO 2: Efeito da exposição ao humor racista	63
Introdução.....	63
Experimento Virtual em Psicologia Social: Algumas considerações	69
Contexto	70
Requisitos Éticos	70
Características do Experimento Virtual	71
Recrutamento	71
Agendamento e comparecimento	72
Conduzindo a sessão em grupo	73
Cenários experimentais: O desafio do mundo virtual	74
Estudo 1	75
Método	77
Delineamento	77
Participantes	77
Procedimentos	78
Instrumentos e Materiais	78

Resultados e Discussão	83
Estudo 2	92
Método	93
Participantes	93
Instrumentos e materiais.....	94
Procedimentos	97
Delineamento	98
Resultados e Discussão	98
Discussão geral	102
Referências.....	104
CAPÍTULO 2	112
ARTIGO 3: Percepções sobre o Racismo: uma análise das experiências de participantes em pesquisa experimental	112
Introdução	112
Método	115
Participantes.....	115
Instrumento e procedimentos	115
Análise dos dados.....	116
Resultados	117
Considerações finais	127
Referências.....	130
DISCUSSÃO GERAL	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
APÊNDICE.....	139
Apêndice A: Instrumentos utilizados nos Estudos descritos no Capítulo 1.....	140
IPANAT	140
Cavalier Humor BeliefsScale.....	143
Escala de Branquitude.....	145
Escala de Motivação Interna e Externa para responder sem Preconceito.....	148
ANEXO	151
Anexo A: Tabela de artigos incluídos na Revisão Sistemática de Estudos do Capítulo 1	152
Anexo B: Pré-teste dos vídeos utilizados no Estudo 1 (Artigo 2)	156

LISTA DE ABREVIATURAS

ANOVA. Análise de Variância

CEP. Comitê de Ética em Pesquisa

CHB. Cavalier Humor Beliefs

CHD. Classificação Hierárquica Descendente

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IAT. The Implicit Association Test

IPANAT. Implicit Positive and Negative Affect Test

IRAMUTEQ. Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires

MANOVA. Análise Multivariada de Variância

PRISMA. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews

TCLE. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Artigo 1

Figura 1. Fluxograma de processos do PRISMA para a seleção dos estudos revisados.....	44
Figura 2. Dendrograma da CHD com os resumos dos artigos.....	46

Artigo 2

Tabelas

Tabela 1. Distribuição dos participantes em função das condições experimentais.....	78
Tabela 2. Relação entre contexto de humor e cor da pele do ator.....	86
Tabela 3 Frequência de escolha do participante por condição experimental.....	87
Tabela 4. Distribuição dos participantes em função das condições experimentais.....	97

Figuras

Figura 1. Escala de variação da Percepção comportamental dos participnates.....	84
Figura 2. Médias de preconceito implícito contra negros dos participantes brancos e pardos nas condições experimentais.....	89
Figura 3. Médias de frequência da escolha do participante nas condições	99

Artigo 3

Figura 1: árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Quais as suas impressões sobre a pesquisa que acabou de participar?.....	116
Figura 2: árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Como você se sentiu ao participar do contexto de pesquisa?.....	118
Figura 3: árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Você escolheu um participante para uma atividade, quem e por que você escolheu aquele e não o outro? O que motivou a sua escolha?.....	120

Figura 4: árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Participaram dessa pesquisa várias outras pessoas, quem você acha que a maioria delas escolheu? Por quê?.....99

Figura 5: árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Você sentiu algum incômodo/ constrangimento em participar deste estudo? Por quê?.....122

SEÇÃO I – MARCO TEÓRICO

INTRODUÇÃO

Imagine a cena: o mundo inteiro vive uma grande pandemia de um novo vírus que ocasiona diversas mortes. Nesse cenário, muitas informações circulam entre a população sobre formas de contaminação, prevenção, tratamento e, também, muitas inverdades, as chamadas *fake news*, com objetivos políticos e econômicos, chanceladas por líderes de estado. Enquanto muitos ainda estão amedrontados com as notícias diárias sobre os impactos da pandemia, o presidente de um país, com 203,1 milhões de habitantes dos quais 55,5% da população se identifica como parda ou preta¹, faz um comentário sobre o cabelo crespo de um apoiador político que o acompanha. Aos risos o presidente compara o cabelo a um “criador de baratas”, pergunta quantas vezes o rapaz o lava e afirma “você não pode tomar ivermectina que vai matar todos os seus piolhos.”². Após o ocorrido, o presidente leva o rapaz para uma transmissão ao vivo em suas redes sociais a fim de justificar que as suas afirmações não passaram de uma grande brincadeira, que os dois tinham intimidade para brincar e que o rapaz não seria um “negro vitimista”³.

“Era apenas uma brincadeira” tornou-se uma resposta recorrente para os questionamentos sobre os limites do discurso de ódio e do humor. Essa retórica é uma forma de defesa comumente utilizada e validada por setores mais conservadores, e não só, da sociedade que buscam a naturalização de ofensas e discriminações por meio de uma mensagem ambivalente. Tal ambivalência provoca uma dificuldade em se distinguir se a ação foi um evidente ataque ou uma mera brincadeira de mau gosto (Chagas, 2020; Moreira, 2019). Enquanto uns podem rir da mensagem apresentada em tom jocoso, outros podem se sentir ofendidos. Devido a ambivalência apresentada pela mensagem e a capacidade dela de

¹ <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>

² Ivermectina é um vermífugo comprovadamente ineficaz no tratamento contra o vírus, mas defendido pelo presidente como forma de tratamento à doença.

³ <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonar-volta-a-fazer-comentario-racista-sobre-apoiador-com-cabelo-black-power-como-esta-a-criacao-de-barata-ai/>

provocar variadas reações, esta forma de comunicação foi denominada *trollagem* (Namise & Rizzoto, 2022; Nunes, 2020). Coleman (2012) define *trollagem* como uma mensagem disruptiva, uma ação ou discurso que teria como objetivo interromper ou atrapalhar um processo comunicativo *online*. Já para Antunes (2019) a nomenclatura é usada na grande mídia como comportamentos nas comunidades conectadas relacionados ao ódio, ao *cyberbullying*, ao racismo, ao machismo etc.

A temática *troll* ganhou espaço nos estudos das Ciências Sociais e Políticas em razão de setores reacionários da sociedade adotarem esse tipo de comunicação que utiliza o humor e a *trollagem* como recurso retórico para atacar grupos específicos da sociedade, especialmente no mundo virtual (Chagas, 2020; Namise & Rizzoto, 2022). O *troll* é uma figura que induz temas “polêmicos”, mas que na verdade são discriminações contra alguma minoria, em forma de “brincadeira”. Ele está sempre nesse jogo dúbio, entre o que é brincadeira e o que é sério.

Uma das principais características da subcultura *troll* é a busca pelo riso, que é causado por um impacto negativo que a ação (*trollagem*) tem sobre o outro (Fragoso, 2015). Desde a Antiguidade, já se observava o riso provocado pelo sofrimento alheio. Platão compreendia que as pessoas baseiam o seu humor nas enfermidades, fraquezas e sofrimentos do outro (Fragoso, 2015). No Renascimento, Hobbes o considerava uma eclosão súbita de nosso sentimento de superioridade diante do defeito que notamos em alguém. Descartes acreditava que o riso dizia respeito à zombaria ou escárnio, uma forma de alegria misturada com ódio, que caracterizava uma espécie de formação reativa (Fonseca, 2012). Este fenômeno, o gozo com o sofrimento do outro, tornou-se objeto de estudo psicológico, sendo denominado *scadenfraude*, representando uma manifestação específica do prazer derivado da desgraça alheia (Feinberg, Willer, Stellar, & Keltner, 2012).

Figueiredo (2012) destaca que as piadas e discurso jocoso direcionadas a grupos socialmente vulneráveis são uma forma de reforçar uma posição de domínio sobre aquele grupo ou indivíduo de um modo aceitável socialmente. Nesta mesma direção, Moreira (2019) afirma que o humor é utilizado como estratégia de manutenção de uma estrutura hierárquica social, ao mesmo tempo que mascara o sentimento de hostilidade de um grupo contra outro.

A psicologia social do humor

O fenômeno do humor é reconhecido como um dos mais eficazes mecanismos de comunicação. A capacidade de rir aproxima as pessoas, desencadeia respostas emocionais e estimula processos cognitivos, ao mesmo tempo em que atua como um agente de alívio da tensão. Esta dinâmica é considerada universal, como evidenciado pela presença de ditados folclóricos compartilhados por diferentes culturas, tanto ocidentais quanto orientais. "Quem não sabe sorrir, não deve abrir uma loja" ilustra a importância do humor como um elemento cultural e socialmente integrador.

Como fenômeno cultural, o humor desempenhou um papel significativo em diversas sociedades e em diferentes períodos históricos. Para Bergson (1978), o riso e a comicidade são fenômenos sociais que só ocorrem na presença de outras pessoas. Em outras palavras, o nosso riso é sempre compartilhado com um outro (grupo ou indivíduos); não encontraríamos tanta graça no cômico se estivéssemos sozinhos, pois o riso parece depender da resposta dos outros. Bergson também observa que, mesmo quando parece genuíno, o riso esconde uma segunda intenção de concordância ou cumplicidade com os outros que também riem - isto é, aqueles que "riem junto com" o contador da piada, e não daqueles que "riem de" algo específico. Essa segunda intenção mostra que o riso não está apenas ligado ao prazer da alegria e satisfação, mas envolve também aspectos sociais e relacionais, relacionados à validação das condutas.

Tanto na Antiguidade quanto na Idade Média, o humor era difundido devido à falta de uma clara separação entre as esferas pública e privada (Sennett, 1977). As comédias eram eventos participativos nos quais todos compartilhavam e desfrutavam juntos das risadas. Com o surgimento da esfera pública moderna entre os séculos XVII e XVIII, o humor se tornou uma forma de comunicação amplamente disseminada e universal, refletindo os comportamentos humanos e provocando reações emocionais coletivas, incluindo tanto o choro quanto o riso (Bakhtin, 1987).

O riso é uma experiência humana complexa que nem sempre está relacionada ao "bom humor". Devido à sua natureza variada, o riso está ligado a diversos aspectos da vida humana. O humor contemporâneo, especialmente no século XX, é conhecido por sua tendência à ambiguidade: uma piada pode ser apreciada por alguns e ofender outros. Essa diversidade de reações destaca a complexidade do riso e sua relação com as interações sociais e culturais (Saliba, 2000).

Muitos trabalhos teóricos e empíricos na literatura internacional sobre processos cognitivos no humor afirmam que a compreensão do humor é o processo de entender ou “pegar” uma piada, geralmente operacionalizada pela intensidade e duração da “resposta de alegria”, sendo estas sorrir, rir ou avaliações subjetivas fornecidas por meio de instrumentos. Há na literatura evidências psicométricas que indicam correlações positivas entre apreciação e compreensão de humor. Ou seja, a apreciação (achar engraçado) e a compreensão (entender a piada) estão associadas positivamente; achamos graça daquilo que compreendemos ou não achamos engraçado aquilo que não conseguimos entender (para uma revisão ver Martin, 2008).

Não há uma teoria única que defina o humor, existem diversas que podem se adequar melhor a uma determinada pesquisa ou objetivos. Em 1923, Greig catalogou 88

teorias diferentes sobre o humor, embora tenha reconhecido que muitas delas diferiam apenas em detalhes (Martin, 2008). Nesta mesma direção, Elias Tomé Saliba destacou:

Já se produziu uma biblioteca, com centenas de volumes, que nos legaram as mais variadas definições sobre humor e riso e que nunca chegaram se quer a esboçar uma categoria ou, ao menos, um princípio unificante para as formas cômicas e humorísticas. [...] filósofo, escritor, artistas, psicólogo, linguista, diletante e, ultimamente neurologista ou humorólogo, iniciam sua reflexão do zero supondo-a sempre original. (Saliba, 2018, pp.10-11).

A Teoria da Superioridade, dentre todas as já existentes, é a perspectiva mais antiga do humor datando pelo menos os tempos dos filósofos Platão e Aristóteles. Para Platão (428-348 a.C.), rimos do que é ridículo nos outros e sentimos prazer ao invés de dor ao ver a desgraça alheia. Do mesmo modo, Aristóteles (348-322 a.C.) encarava a comédia como uma representação de indivíduos abaixo da média (Martin, 2008). Para ambos, o humor envolve certo grau de malícia na medida em que rimos de piadas que retratam situações ridículas que envolvem grupos sociais específicos.

Os escritos de Thomas Hobbes, filósofo britânico do século XVII, contribuíram para reforçar uma visão amplamente aceita da noção de superioridade ao longo de vários séculos. De acordo com Hobbes, o riso é uma emoção que surge quando nos percebemos como superiores em comparação com a fragilidade dos outros, ou mesmo em relação a alguma fragilidade anterior nossa. Isto é, o riso é sempre fruto de uma comparação de um ser supostamente superior a outro inferior, sejam eles indivíduos diferentes ou um mesmo indivíduo ao se comparar com o seu eu do passado (para uma discussão mais detalhada ver Martin, 2008).

O humor, de acordo com essa teoria, nada mais é do que um sentimento de superioridade que surge quando percebemos situações humilhantes nas quais pessoas que consideramos inferiores estão envolvidas (Moreira, 2019). Essa visão tem sido central em várias outras teorias do humor ao longo do último século, conforme proposto por pensadores como Bergson (1911), Propp (1992) e Raskin (1985). Além disso, os autores argumentam que a afiliação a um grupo dominante desempenha um papel fundamental na geração desse sentimento de superioridade. O prazer do humor muitas vezes surge da comparação com segmentos marginalizados da sociedade, com membros dos grupos dominantes mantendo uma identificação psicológica positiva e não se vendo como parte dos grupos minoritários. Assim, o efeito cômico de uma piada pode ser explicado pela comparação entre um indivíduo e membros de outro grupo social.

Uma outra abordagem relevante relacionada à teoria da superioridade é a Teoria da Identidade Social, a qual também aborda o dinamismo entre grupos sociais. Para Tajfel e Turner (1979), o conceito de Identidade Social se refere à consciência que o indivíduo possui de pertencer a um determinado grupo juntamente com a carga afetiva e emocional que a pertença traz ao sujeito. Essa perspectiva parte do pressuposto de que os indivíduos procuram alcançar um tipo de identidade social que contribua para a obtenção de uma autoimagem positiva. Essa imagem é construída por meio da busca por uma distintividade positiva em relação aos outros grupos durante o processo de comparação social. A consequência é que quanto maior o sentimento de pertença a um grupo, maior a tendência a diferenciar de uma maneira favorável o próprio grupo e de forma desfavorável o grupo dos outros.

A Teoria da Identidade Social é uma perspectiva de análise particularmente relevante para a compreensão dos mecanismos envolvidos na expressão do humor depreciativo. A expressão de conteúdos ofensivos disfarçados em tom de brincadeira permite que membros de um determinado grupo mantenham a distinção social por meio da ênfase de

elementos identitários relevantes. Assim, o humor depreciativo atua na preservação da imagem social positiva de um grupo em relação ao outro por meio da ênfase nos aspectos negativos retratados nas “brincadeiras” (Martin, 2008; Moreira, 2019). Essa foi uma das estratégias adotada pelo brasileiro após a abolição da escravatura para manter cada coisa em seu lugar: os indígenas nas matas, os pretos nas cozinhas e os brancos na sala de estar. (Ribeiro, 1995).

Riso e racismo no Brasil

No Brasil, o racismo encontra suas raízes na época da escravidão, cuja influência é evidenciada pelo fato de que esse sistema perdurou no país por mais de três séculos (Kalckmann et al., 2007). O negro escravizado, desprovido de direitos legais, era tratado como uma propriedade e não como uma pessoa, sendo considerado exclusivamente pertencente ao seu senhor, com a única obrigação de obedecer aos brancos. Sua condição subjugada era refletida nas leis, modeladas a partir do direito romano de propriedade, que o desumanizava, retirando-lhe sentimentos e cultura. O escravo podia ser comprado, alugado, hipotecado ou emprestado, negando assim sua essência humana e sua existência como pessoa (Queiroz, 1990).

Durante os séculos de colonização e exploração do trabalho escravo de negros e indígenas, a norma social prevalente era a discriminação e exploração dessas minorias (Lima & Vala, 2004). No século XVIII, surge o racismo científico como uma teoria que passa a ser aplicada para justificar o desenvolvimento de povos e países. Nesse período, as manifestações de racismo eram abertas, refletindo a norma social da época.

A ideia de raça ganhou força ideológica com o conhecimento científico produzido no final do século XIX e início do século XX, servindo como justificativa para desigualdades entre grupos humanos. No entanto, pesquisas realizadas ao longo do século XX revelaram

que o patrimônio genético de indivíduos pertencentes à mesma raça pode ser mais distante do que aqueles pertencentes a raças diferentes, invalidando cientificamente a raça como critério para explicar a diversidade humana e segmentá-la em grupos (Munanga, 2003). Concomitantemente aos progressos das pesquisas genéticas, que minavam a ideia de que a diversidade humana poderia ser categorizada em termos raciais, surgiu um fortalecimento das normas sociais antirracistas no âmbito sociopolítico.

As normas sociais desempenham um papel crucial nas dinâmicas interpessoais, influenciando diversos aspectos do comportamento humano, desde percepções até comportamentos concretos (Sherif, 1965). No contexto específico da expressão do preconceito racial em crianças, estudos têm destacado o impacto significativo da norma social antirracismo em suas atitudes. Essas pesquisas indicam que a percepção das crianças sobre as normas vigentes em seu grupo social influencia diretamente suas manifestações de preconceito racial, levando-as a ajustar suas expressões conforme as normas predominantes (Costa, 2012). Tais normas, arraigadas na estrutura social, não apenas influenciam a expressão do preconceito, mas também moldam os contextos e grupos que são alvos potenciais de discriminação, exercendo uma influência crucial nas dinâmicas do racismo.

O fenômeno do racismo espelha as particularidades culturais, econômicas e históricas do contexto social em que emerge. Para entender suas manifestações, é fundamental examinar as dinâmicas de relações racializadas estabelecidas em cada contexto histórico e cultural específico (Lima & Vala, 2004). O racismo é caracterizado por atitudes discriminatórias e hostis dirigidas aos membros de outros grupos. Ele se manifesta como uma forma particular de preconceito que inclui não apenas a adoção de atitudes positivas ou negativas em relação a uma pessoa ou grupo, mas também envolve a classificação de raças com base em fatores biológicos, a crença na superioridade de uma raça sobre outra, e a justificação de práticas institucionais e culturais que legitimam a dominação de um grupo

sobre outro (Jones, 1972). Dessa forma, o racismo "é entendido como um processo que envolve a hierarquização, exclusão e discriminação contra indivíduos ou toda uma categoria social percebida como diferente devido a características físicas externas, que são reinterpretadas em termos de marcadores culturais internos que definem padrões de comportamento (Lima & Vala, 2004).

No Brasil, diferentemente de muitos outros países, a norma antirracista sempre esteve presente nas relações inter-raciais, sobretudo após a abolição da escravidão. Esse cenário contribuiu para que as manifestações de racismo se apresentassem de maneira mais sutil ou velada em comparação com outros lugares (Lima & Vala, 2004). A combinação de elementos como o mito da democracia racial, a cordialidade nas interações sociais e a ideologia do branqueamento deu origem a uma forma específica de expressão do racismo conhecida como "racismo cordial" (Turra & Venturi), caracterizando o racismo brasileiro de maneira distinta em relação a outras formas de racismo.

Turra e Venturi (1995) introduzem o conceito de "racismo cordial" como um fenômeno que ocorre no contexto brasileiro. Eles descrevem essa forma de discriminação contra não brancos como caracterizada por uma cortesia superficial que esconde atitudes e comportamentos discriminatórios. No âmbito das relações interpessoais, esse tipo de racismo se manifesta por meio de piadas e ditos populares de teor racial. No "racismo cordial", as expressões racistas muitas vezes assumem a forma de ironia ou sarcasmo, utilizando a ridicularização do outro como base para o humor, transformando o alvo em objeto de riso.

O grande levantamento sobre o tema realizado pelo Instituto de Pesquisas Datafolha foi base para a teorização do fenômeno. A pesquisa realizada com uma amostra representativa da população brasileira revelou que 89% dos entrevistados afirmavam existir racismo no Brasil, mas somente 10% da amostra admitiu ser racista. O trabalho, entre outros

instrumentos, apresentava uma escala de 12 itens composta por afirmações e ditos populares sobre a população negra, tais como “negro bom é negro de alma branca” e “negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída”. Em algum nível, 83% da amostra concordou com as afirmações da nomeada Escala de Racismo Cordial (Turra & Venturi, 1995).

Nessa mesma direção, destaca-se a ambiguidade observada em um estudo realizado por Camino et al. (2001) com estudantes universitários, que buscava investigar como esses indivíduos percebem o próprio preconceito e o preconceito geral dos brasileiros. Dos 120 participantes do estudo, 82% reconheceram a existência de preconceito racial no Brasil, ao mesmo tempo em que afirmaram não serem pessoas preconceituosas. No entanto, quando solicitados a escolher atividades típicas de pessoas brancas e negras, 69% dos participantes selecionaram atividades que não requeriam qualificação profissional ou não estavam relacionadas ao poder para pessoas negras, enquanto 69,5% associaram atividades qualificadas ou ligadas ao poder a pessoas brancas. Apenas 16% afirmaram não ver correlação entre cor da pele e atividades típicas realizadas por pessoas. As conclusões dessas investigações convergem para um elemento comum: os brasileiros não negam a existência do racismo, tendem a atribuir sua prática aos outros, mas o expressam de forma velada (Camino et al., 2001).

Contudo, o racismo é um fenômeno que possui “adequabilidade prática”, o que significa que ele é funcional em certos contextos sociais. O racismo persiste e é perpetuado nas sociedades modernas não apenas como uma forma de discriminação, mas também como uma justificativa para a desigualdade e a exclusão social, baseada em falsas premissas sobre as diferenças entre os grupos humanos (Lima, 2014). Diante de tais características, Lima et al. (2020) elaboraram um estudo a fim de compreender uma nova expressão de racismo no Brasil, face a uma recente conjuntura política e social mais conservadora, que se manifesta pela atribuição de excesso retórico, o chamado “mimimi”, e culpabilização das minorias. Esta

expressão de racismo, devido as peculiaridades políticas e culturais, foi nomeada Racismo Revitimizador.

Paralelamente, Moreira (2019) cunhou o termo racismo recreativo a expressão de racismo no Brasil que visa promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial. Para o autor, o racismo recreativo é resultado da competição entre diferentes grupos raciais pela aceitação social. Nesse contexto, membros do grupo racial dominante utilizam essa estratégia para assegurar que a reputação social, ou seja, o reconhecimento público positivo, permaneça restrito às pessoas brancas. Ter exclusivamente essa reputação proporciona a elas acesso privilegiado às oportunidades materiais, pois o humor racista perpetua a crença de que somente elas são competentes o suficiente para desempenhar papéis sociais importantes.

Em que se pesem as especificidades das diferentes expressões de racismo apresentadas, todas elas se conectam por um mesmo fio condutor: a crença no “vitimismo” das minorias. Afinal, nos racismos à brasileira “não existe intencionalidade”. Tal concepção contribui para a reprodução da branquitude como perspectiva hegemônica ao permitir que a dinâmica da assimetria de status cultural e de status material seja encoberta pela ideia de que “era só uma brincadeira” ou ainda “é tudo mimimi”.

Explorando a Branquitude: o humor como ferramenta de legitimação e justificação da opressão

A raça, como categoria sociológica, deve ser pensada como uma construção social que estrutura e justifica as desigualdades entre os grupos humanos e determina o lugar que o indivíduo pode ocupar dentre as variadas hierarquias sociais. Ela é fundamental para a compreensão das relações sociais cotidianas, não somente na esfera da experiência local,

como também global. A ideia de raça está presente nas diferentes experiências de vida social: na distribuição de recursos e poder, nas experiências subjetivas, nas identidades coletivas, nas formas culturais e nos sistemas de significação (Schucman, 2012).

Embora saibamos que o conceito de raça produza efeitos concretos no Brasil, falar dela e de racismo é delicado em virtude do brasileiro ainda se identificar e atribuir como marca positiva da identidade nacional a mistura de raças e valores de miscigenação cultural (Winant, 2001). Apesar de com a emergência das redes sociais as discussões sobre raça e racismo ganharem palco (Diniz et al., 2023), o tema ainda constitui um tabu na sociedade brasileira, já que o racismo brasileiro descortina a faceta contraditória deste discurso, que sedimenta e estrutura desigualdades socioeconômicas, simbólicas e culturais relativas à população não branca no País (Schucman, 2012).

No contexto brasileiro, a formação da identidade e da subjetividade de brancos e não brancos é influenciada por mediações distintas. Essas diferenças e desigualdades são evidentes em diversas esferas sociais, como na família, nas ruas e nas instituições. Em todos esses espaços públicos, a valorização da branquitude é predominante, e há uma clara preferência pelo branco em detrimento do não branco.

Para Schucman (2012), a branquitude pode ser compreendida como uma posição em que sujeitos que ocupam essa posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso de recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantem e são preservados na contemporaneidade. Esse privilégio branco é mantido por meio da apropriação de recursos e estratégias como a invisibilidade branca, que nega a identidade racial dos brancos, e a atribuição das desigualdades raciais a fatores externos, como a escravidão e a miscigenação, reforçando uma suposta neutralidade (Oliveira, 2023).

Diante disso, como destaca Bento (2002), o branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, como é também produtor ativo dessa estrutura por meio dos mecanismos diretos ou indiretos de discriminação e da produção de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento como políticas culturais. Tais mecanismos foram desenvolvidos de um modo que assegura aos brancos a ocupação de posições mais altas na hierarquia social, sem que isso fosse encarado como privilégio de raça.

A racialização é um produto de processos que fabrica sentidos e cria diferentes tipos de identidades com diferentes valores perante a sociedade. Enquanto a racialização de pessoas pretas de origem africana designa um lugar de subordinação, a racialização de pessoas de origem europeia brancas indica uma forma de identidade que goza de status de privilégio, que permite a sua representação como superiores e os únicos competentes e capazes de atuar na esfera pública. Assim, a identidade racial branca atua tanto como um lugar de poder social quanto um mecanismo de reprodução de relações hierarquizadas (Monteiro, 2019).

Historicamente, desde a chegada dos portugueses ao Brasil as relações raciais estabelecidas sempre foram hierarquizadas. Antes da abolição da escravatura, existiam leis estritas que enfatizavam uma clara distinção com base na raça, refletindo as normas de segregação da época. Após o fim da escravidão, surgiram novos discursos de discriminação racial de forma mais sutil para lidar com a ameaça percebida pela integração dos negros à sociedade. Isso ocorreu quando os negros passaram a competir no mercado de trabalho livre e assalariado (DaMatta, 1997; Dahia, 2008). Nesse novo contexto social, o discurso humorístico emergiu como uma estratégia discursiva da branquitude para manutenção do *status quo*.

Conforme Fonseca (2012) relata, durante esse período, começou-se a produzir e disseminar piadas racistas dirigidas aos negros. Isso contrasta com o período da escravidão, no qual praticamente não existiam piadas ofensivas voltadas para os negros. Isso ocorria porque, naquela época, os negros eram marginalizados na esfera social, considerados seres sem história, e, portanto, não eram alvos de piadas. A história e os conflitos contribuíram para o surgimento e a disseminação de piadas que envolvem referências a pessoas negras e brancas. É nesse contexto escorregadio das relações raciais que as piadas e o riso manipulam com extrema habilidade o cenário de uma aparente harmonia racial.

A cultura desempenha um papel significativo na formação do humor, determinando se certos assuntos podem ou não ser tratados de forma humorística em diferentes contextos. A produção do humor depende dos significados culturais que circulam no imaginário social. Assim, as piadas não devem ser compreendidas como um produto independente do contexto social no qual existem. Para além de meras mensagens que provocam o riso, as piadas atuam como uma ferramenta que valida as estruturas sociais existentes.

As piadas, de modo geral, são nocivas e fogem aos limites da proteção da liberdade de expressão pelos mesmos motivos mediante os quais elas provocam o riso: por uma significância social que lhes atribui sentido. A problemática não reside apenas na ofensa causada às pessoas alvo das piadas, mas também no impacto que elas têm naqueles que as consideram engraçadas. Ao seguir a norma de humor sem limites, as piadas contribuem ativamente para a aceitação, legitimização e normalização de práticas preconceituosas contra as minorias que são alvo delas (Araujo, 2015).

Dessa forma, o humor de teor racista desempenha uma função significativa na manutenção do racismo como um sistema de opressão, contribuindo para a perpetuação de

ideologias sociais que buscam preservar uma determinada hierarquia racial. O humor não apenas expressa, mas também consolida significados sociais que operam de maneira semelhante em diversos contextos da vida dos indivíduos. Os estereótipos negativos veiculados por piadas racistas são os mesmos que atuam como barreiras, limitando o acesso a oportunidades materiais e participação na esfera política (Monteiro, 2019).

“Dizem que a Aids veio do macaco, mas não acredito. Transo sempre com macaco, né? (olhando para o músico negro presente no espetáculo)”

Foi com essas palavras que o comediante Felipe Hamachi se dirigiu a um músico negro durante a sua apresentação de *stand up* numa casa de shows em São Paulo. A animalização de pessoas negras é uma ofensa racial bastante comum, que reproduz a crença de que pessoas negras não possuem humanidade e são incapazes de desempenhar competências em espaço público. Essa representação que num dado momento era compartilhada de forma crua, hoje se reveste do humor como território seguro para a sua perpetuação.

O caso ganhou repercussão nacional. Setores da sociedade passaram a discutir com maior ênfase sobre os limites e alcances do humor enquanto discurso de ódio. Contudo, uma parcela da sociedade apoiou o humorista que afirmava tratar-se apenas de “uma piada”. A ambivalência verificada na cena - frente dificuldade em se distinguir se a ação foi um evidente ataque ou uma mera brincadeira de mau gosto - retrata o humor como uma estratégia discursiva para a perpetuação de racismo e preconceitos que permite restabelecer uma autoimagem positiva do indivíduo e reduzir conflitos.

O humor racista tem sido estudado por psicólogos, sociólogos e linguistas enquanto expressão de ódio, bem como uma estratégia de política cultural permite que narrativas sociais que promovem a ideia de uma neutralidade racial sejam preservadas.

(Benedicto, 2018; Fonseca, 2012; Moreira, 2019; Martin, 2008). A literatura internacional indica a existência de consequências sociais do humor depreciativo ao criar ou reforçar estereótipos negativos ou atitudes preconceituosas (Crosby, Monin, & Richardson, 2008; Ferguson & Ford, 2004; Kawakami, Dunn, Karmali & Dovidio, 2009). Contudo, até onde sabemos, no contexto brasileiro não foram encontrados estudos empíricos sobre humor racista, tanto a nível individual quanto macrosociológico. Além disso, não encontramos pesquisas que avaliem o impacto do humor racista nas expressões, sejam elas implícitas ou explícitas, de preconceito racial e racismo. Essa lacuna é particularmente relevante, dado que o humor no contexto nacional muitas vezes serve como um veículo discursivo para perpetuar desigualdades, mascarando preconceitos como “brincadeiras” socialmente aceitas. Enquanto a literatura internacional avança no entendimento do humor como ferramenta de manutenção de sistemas opressores, poucos esforços foram realizados para compreender como essas dinâmicas operam no contexto brasileiro, considerando variáveis culturais, históricas e sociais locais.

Considerando a importância dessas variáveis, partimos das seguintes questões de pesquisa: Qual o impacto do humor racista nas expressões de preconceito racial implícito? A cor da pele da pessoa que apresenta, se preta ou branca, uma piada racista provoca respostas diferentes? E ainda, qual o impacto da presença do sorriso na apresentação de uma piada racista? Para responder a estes questionamentos, propomos esta tese composta por uma revisão de literatura, uma pesquisa empírica realizada em dois estudos e uma entrevista pós-experimental a fim de entender como os participantes avaliam a sua participação na pesquisa que acabaram de participar. Diante disso, consideramos que o conjunto de estudos que compõem esse trabalho pode contribuir para o entendimento do impacto do humor racista nas expressões de preconceito racial implícito.

Portanto, esta tese visa preencher uma lacuna referente ao impacto do humor racista nas expressões de preconceito racial implícito, com ênfase na compreensão do humor racista como via de manutenção e perpetuação do racismo. Dito de outro modo, o objetivo desta tese é analisar o impacto do humor racista e do riso nas reações das pessoas em relação aos negros, considerando a tese de que o humor cria um clima normativo de tolerância à discriminação, atuando como fonte de autorregulação para pessoas com preconceito, o que pode aumentar a expressão de preconceito racial e influenciar as atitudes e comportamentos em relação às minorias étnicas.

Para atender a esse objetivo, propomos uma tese composta por três artigos que buscam preencher essa lacuna teórica. A partir de uma abordagem multimétodo – revisão teórica, estudos experimentais e entrevistas qualitativas – os estudos que compõem esta tese consideram, principalmente, aportes teóricos dentro da Psicologia Social, como os estudos sobre Racismos (Gaertner & Dovidio, 1986; Katz & Hass, 1988; McConahay & Hough, 1976; Kinder & Sears, 1981; Pedersen & Walker, 1997; Pettigrew & Meertens, 1995; Turra e Venturi, 1995) e Humor (Bakhtin, 1987; Bergson, 1978; Propp, 1992; Martin, 2008)

O primeiro artigo é um estudo teórico (Artigo 1) que consiste em uma revisão sistemática de literatura científica sobre o humor racista. Seus resultados evidenciaram que o tema tem sido pesquisado a partir de seis diferentes eixos temáticos: humor racistas nas plataformas, discussão crítica do humor racista, *blackface*, humor racista e cotidiano, humor racista e grupos inter-raciais e humor racista e política. Assim, entre outros estudos (Benedicto, 2018; Kawakami, Dunn & Dovidio, 2009; Ford & Ferguson, 2004), essa revisão serviu de base para a construção do cenário experimental apresentado nos artigos empíricos.

No Artigo 2, por meio de um delineamento experimental, analisamos o impacto da exposição ao humor racista nas expressões de racismo por meio de dois estudos

experimentais. Em seguida, no Artigo 3, desenvolvemos um pouco mais a análise a partir de um estudo complementar de análise de entrevistas realizadas junto aos participantes do estudo II.

Reunidos, esses artigos visam adicionar elementos a compreensão do impacto do humor racista nas práticas sociais. Com isso, a hipótese principal desta tese é a de que o humor racista impacta aumentando o preconceito racial implícito contra os negros, podendo variar a sua expressão a depender da cor da pele e do riso de quem apresenta a piada.

Lista de referências

- Antunes, B. C. D. (2019). *A polarização política nas mídias sociais: o filtro bolha e a disseminação da cultura troll*. (Tese de doutorado). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.
- Araujo, C. L. (2016). *Racismo e humor: o impacto de piadas nas expressões de racismo*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- Bakhtin, M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais*. São Paulo; Hucitec.
- Benedicto, M. M. S. (2018). *Quaquaraquá quem riu? Os negros não foram... A representação humorística sobre os negros e a questão do branqueamento da belle époque aos anos 1920 no Rio de Janeiro*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bento, M. A. S. (2002). *Pactos Narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bergson, H. (1983). *O Riso: ensaio sobre o significado do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Camino, L., Silva, P., Machado, A., & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil. *Revista Psicologia Política*, 1, 13-36.

- Chagas, V. (2023). DOLCE FARMEME: a retórica da brincadeira política. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 38(111), e3811008. <https://doi.org/10.1590/3811008/2023>
- Coleman, G. (2012). *Phreaks, Hackers, and Trolls: the Politics of Transgression and Spectacle*. In: M. Mandiberg (ed.), *The Social Media Reader*. New York: New York University Press, 99-119.
- Crosby, J., Monin, B., & Richardson, D. (2008). Where do we look during potentially offensive behavior? *Psychological Science*, 19, 226–228.
- Dahia, S. L. M. (2008). A mediação do riso na expressão e consolidação do racismo no Brasil. *Sociedade e Estado*, 23, 697-720.
- Damatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Diniz, F. C. O. R., Lins, L., Torres, A. R. R., & Estramiana, J. L. Á. (2023). "Não existe racismo no Brasil: características e consequências de um fenômeno invisibilizado". *Psicologia Social*, 9(1), 1-12.
- Ferguson, M. A., & Ford, T. E. (2008). Disparagement humor: A theoretical and empirical review of psychoanalytic, superiority and social identity theories. *Humor: International Journal of Humor Research*, 21(3), 283–312. <https://doi.org/10.1515/humor.2008.014>.
- Feinberg, M., Willer, R., Stellar, J., & Keltner, D. (2012). The Virtues of Gossip: Reputational Information Sharing as Prosocial Behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(5), 1015–1030. <https://doi.org/10.1037/a0026650>
- Figueiredo, C. (2012). Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade. *Comunicação & Sociedade*, 33(57), 171-198.
- Fonseca, D. J. (2012). *Você conhece aquela? A piada, o riso e o racismo à brasileira*. São Paulo: Selo Negro.

- Fragoso, S. (2015). "HUEHUEHUE eu sou BR": spam, trollagem e griefing nos jogos online. *Revista FAMECOS*, 22(3), 129–163. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2015.3.19302>.
- Freyre, G. (1983). *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. São Paulo: Global.
- Gaertner, S. L., & Dovidio, J. F. (1986). The aversive form of racism. In J. F. Dovidio & S. L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism: Theory and research* (pp. 61-89). Orlando, FL: Academic Press.
- Jones, J. M. (1972). *Racismo e preconceito*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Katz, I., & Hass, R. G. (1988). Racial ambivalence and American value conflict: correlational and priming studies of dual cognitive structures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, 893-905.
- Kawakami, K., Dunn, E., Karmali, F., & Dovidio, J. F. (2009). Mispredicting affective and behavioral responses to racism. *Science*, 323, 276–278.
- Kinder, D. R., & Sears, D. O. (1981). Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 414-431.
- Lima, M. E. O. (2014). Preconceito. In: A. R. R. Torres, L. Camino, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia social: Temas e teorias* (pp. 589-642). Brasília: Technopolitik.
- Lima, M. E. O. (2020). Racismo no Brasil: ninguém sabe, ninguém viu. In: M. E. O. Lima (Org.), *Psicologia social do preconceito e do racismo* (pp. 102-106). São Paulo: Blucher.
- Lima, M. E. O., Barbosa, I. H. A., Araujo, E. M. S., & Almeida, J. N. de. (2020). Construção e validação da escala de racismo revitimizador. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 11(2), 111-130. <https://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n2p111>

- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 3, 401-411.
- Martin, R. A. (2008). *Psicología del humor: un enfoque integrador*. Madrid: Orión.
- McConahay, J.B., & Hough, J.C. Jr. (1976). Symbolic racism. *Journal of Social Issues*, 32, 23-45.
- Moreira, A. (2016). *Racismo recreativo: as relações raciais na prática esportiva do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Munanga, K. (2003). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF.
- Namise, D. K., & Rizzotto, C. C. (2023). Trollando em tempos de crise: uma análise dos discursos de Bolsonaro durante a pandemia. *Revista Eco-Pós*, 26(01), 168–189. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28019>
- Nunes, R. (2020, 22 de fevereiro). Inspirado nos EUA, Bolsonaro adota tática de troll: testar limites para ganhar visibilidade, diz filósofo. [Entrevista concedida a] Giuliana Vallone. BBC News Brasil. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51511316>
- Oliveira, R. C. J. (2023). *O papel da branquitude na hierarquização das raças: construção e validação de escala* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- Pedersen, A., & Walker, I. A. (1997). Prejudice against Australian aborigines: old-fashioned and modern forms. *European Journal of Social Psychology*, 27, 561-587.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.
- Propp, V. (1992). *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática.
- Queiroz, S. R. R. (1990). *Escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Ática.

- Raskin, V. (1985). *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht-Boston-Lancaster: D. Reidel.
- Ribeiro, D. (2015). *Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saliba, E. T. (2000). *Raízes do riso: a representação humorística do dilema brasileiro - da belle époque aos primeiros tempos do rádio*. (Tese de livre docência). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Schucman, L. V. (2012). *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sennett, R. (1977). *The fall of public man*. New York: Knopf.
- Sherif, M. (1965). *The psychology of social norms* (2nd ed.). New York: Octagon Books, Inc.
- Silva, K. D. C. (2014). *Normas sociais e expressões do racismo em crianças*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin, & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-37). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Racismo Cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática.
- Winant, H. (2001). *The word is a ghetto: Race and democracy since World War II*. New York: Basic Books.

ARTIGO 1: COMPLEMENTAR AO MARCO TEÓRICO

O **Artigo 1**, apresentado a seguir, foi publicado na revista Cadernos de Psicologia, classificada como B2 no QUALIS da Capes. O manuscrito foi apresentado como: Araujo, C. L., & Gois, D. F. (2022). Humor Racista: Um Revisão Sistemática de Estudos.

Sua formatação segue as diretrizes do periódico, disponíveis em:

<https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos>

Humor racista: uma revisão sistemática de estudos

Racist humor: a systematic review of studies

Humor racista: una revisión sistemática de estudios

Humor racista: revisão sistemática

Resumo

O presente estudo objetiva analisar a produção científica de estudos de distintas áreas que tiveram como foco o humor racista. Para tanto, uma revisão sistemática foi realizada nas bases de dados Scielo Brasil e Portal Periódicos CAPES em abril de 2021. A busca utilizou as palavras-chave racismo, humor e piada. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão restaram 42 artigos na amostra. Para a análise, os resumos dos artigos compuseram um *corpus* textual que foi submetido a análises lexicais com o auxílio do *software* IRAMUTEQ. Os resultados indicam que o tema tem sido pesquisado a partir de seis diferentes eixos temáticos: humor racistas nas plataformas, discussão crítica do humor racista, *blackface*, humor racista e cotidiano, humor racista e grupos inter-raciais e humor racista e política. Contudo, identificamos um número pouco expressivo de publicações científicas adiante à necessidade do debate acerca do tema do humor racista e racismo, em especial no campo da psicologia. Ademais, aponta-se a necessidade de estudos que visem analisar o impacto e compreensão do fenômeno sob a ótica dos seus atingidos.

Palavras-chave: Racismo, humor, piada.

Abstract

The present study aims to analyze the scientific production of studies from different areas that focused on racist humor. For the analysis, a systematic review was carried out in the Scielo Brasil and Portal Periódicos CAPES databases in April 2021. The search used the keywords racism, humor and joke. After applying the inclusion and exclusion criteria, 42 articles remained in the sample. For the analysis, the abstracts of the articles composed a textual *corpus* that was submitted to lexical analysis with the help of the IRAMUTEQ software. The results indicate that the topic has been researched from six different thematic axes: racist humor on platforms, critical discussion of racist humor, blackface, racist and everyday humor, racist humor and interracial groups and racist humor and politics. However, we identified a small number of scientific publications ahead of the need for debate on the topic of racist humor and racism, especially in the field of psychology. Furthermore, there is a need for studies that aim to analyze the impact and understanding of the phenomenon from the perspective of those affected.

Keywords: Racism, humor, joke.

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo analizar la producción científica de estudios de diferentes áreas que se centraron en el humor racista. Para ello, se realizó una revisión sistemática en las bases de datos Scielo Brasil y Portal Periódicos CAPES en abril de 2021. La búsqueda utilizó las palabras clave racismo, humor y chiste. Después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión quedaron en la muestra 42 artículos. Para el análisis, los resúmenes de los artículos compusieron un *corpus* textual que fue sometido a análisis léxico con ayuda del software IRAMUTEQ. Los resultados indican que el tema ha sido investigado desde seis ejes temáticos diferentes: humor racista en las plataformas, discusión crítica del

humor racista, blackface, humor racista y cotidiano, humor racista y grupos interraciales y humor racista y política. Sin embargo, identificamos un pequeño número de publicaciones científicas ante la necesidad de debate sobre el tema del humor racista y el racismo, especialmente en el campo de la psicología. Además, existe la necesidad de estudios que tengan como objetivo analizar el impacto y la comprensión del fenómeno desde la perspectiva de los afectados.

Palabras clave: Racismo, humor, chiste.

Introdução

Estudiosos notam um declínio na expressão pública de discursos ostensivamente racistas na era dos direitos civis nos Estados Unidos e argumentaram que expressões mais abertas de racismo foram substituídas por um novo discurso sutil e refinado (Bonilla-Silva, 2010; Lima & Vala, 2004). A literatura sugere que tal fato decorre do impacto que a norma social antirracista imprime nas relações sociais (Gaertner & Dovidio, 1986; Katz & Hass, 1988; Kinder, & Sears, 1981; McConahay & Hough, 1976; Pedersen & Walker, 1997; Pettigrew & Meertens, 1995). É nesse panorama que se começa a falar sobre “Novos Racismos” e “Novos Preconceitos (Lima, 2004). Todavia, na era das redes sociais, temos assistido no Brasil, mas também em escala global, a um “retorno do reprimido”. Nesse novo cenário ganhou força a narrativa de que o racismo é “mimimi” (Lima, 2019).

Embora haja um controle sobre as expressões abertas de racismo, ele não atinge todas as esferas de igual forma, sendo mais frouxo nas redes sociais e no humor. Comediantes frequentemente fazem uso de estereótipos raciais e justificam-no com a narrativa de que o papel do humor é confrontar assuntos “delicados”, romper normas e tabus (Gilbert, 2004; Morreal, 2009). Se nas “novas expressões” públicas o racismo tende a ser escondido e

velado, no humor o racismo está aberto a todos (Pérez, 2013). O humor surge, assim, como estratégia retórica para solução da expressão de discursos flagrantemente racistas em uma sociedade que nega o racismo.

O uso do humor como mecanismo de expressão de preconceitos étnicos e raciais tem sido documentado com diferentes denominações na literatura. No contexto norte-americano piadas de cunho racial se configuram como micro segregações (Cabrera, 2014; Harwood et al., 2010; Sue, 2010). Sue (2010) define micro segregações como um lugar comum de “indignidades” verbais, comportamentais e ambientais diárias (i.e., discursos hostis e humilhantes contra a dignidade da pessoa humana), sejam intencionais ou não, que expressam, de forma violenta, a depreciação racial, de gênero, de orientação sexual, religiosa, dentre outras, contra uma pessoa ou grupo alvo.

As micro-segregações raciais muitas vezes são perpetuadas por meio do riso, visto a capacidade do humor de criar a coesão contra um grupo alvo, dentro dos limites da opressão e do politicamente correto (Pérez, 2013). Também nos Estados Unidos encontramos outra denominação para o fenômeno. Estudiosos intitularam humor depreciativo toda a comunicação humorística que se destina a suscitar a derrogação ou depreciação de um determinado alvo (Ferguson & Ford, 2008; Ford, Richardson, & Petit, 2015).

No Brasil, temos a denominação racismo recreativo. Segundo seu criador (Moreira, 2019), refere-se a uma política cultural que utiliza o humor para expressão de hostilidade às minorias raciais. O humor racista, para o autor, atua como mecanismo cultural que propaga racismo, mas que ao mesmo tempo permite que seus emissores ostentem uma imagem positiva de si mesmos. O racismo recreativo reproduz estigmas raciais que legitimam uma estrutura social discriminatória ao mesmo tempo em que encobre o papel da raça na construção das disparidades entre negros e brancos. Muitas são as denominações dadas ao

fenômeno. O elemento comum entre elas reside no fato de o humor racista atuar como um poderoso instrumento de expressão e consolidação de conteúdos ofensivos, disfarçados em tom de brincadeira, capazes de contornar a censura e a reflexão crítica sobre aquilo que é dito (Dahia, 2010; Ford, Richardson, & Petit, 2015).

Não obstante as diferentes denominações e perspectivas dadas ao fenômeno há ainda pouca literatura científica disponível sobre o tema no Brasil. Como consequência, percebe-se a necessidade de investigar como a temática tem sido estudada em diferentes contextos e áreas do saber. Considerando a importância dos estudos de revisão sistemática para obtenção de um panorama acerca de determinada temática (Zoltowski et al., 2014), o presente estudo objetivou analisar a produção científica de distintas áreas que tiveram como foco de análise o racismo e o humor racista, a fim de apresentar um estado da arte em relação à temática na literatura internacional. Para tanto, elencou-se como objetivo, ainda, identificar as principais perspectivas de análise dos estudos revisados.

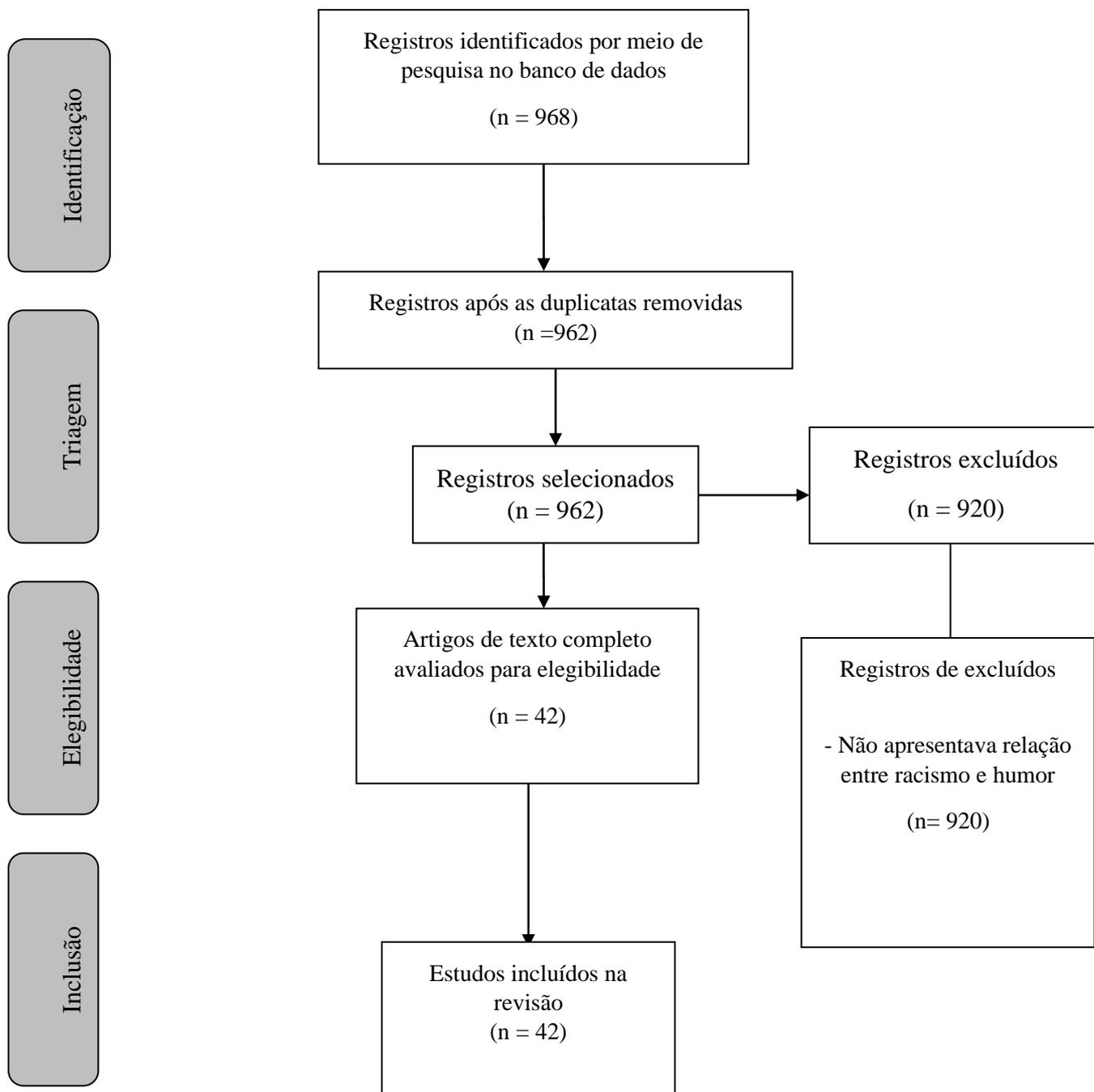
Método

Procedimentos e *Corpus*

Uma pesquisa bibliográfica foi conduzida no mês de abril de 2021, conforme as diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews* (PRISMA), nas bases de dados científicas *Scielo Brasil* e Portal Periódicos CAPES. A estratégia de busca utilizada foi: [racismo AND (humor or piada)] e [(racism or racist) AND (humor or joke)]. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: língua portuguesa e/ou inglesa, periódico revisado por pares, ter os descritores racismo e humor no assunto e objetivos voltados a investigar a relação entre racismo e humor. Com o intuito de averiguar a dimensão dos estudos do campo que atendem aos critérios de inclusão, assim como para se ter um panorama do desenvolvimento desses estudos, não foi delimitado recorte temporal de publicação. Não obstante, o artigo mais antigo encontrado está datado de 2001.

Dada as características de busca de cada base de dados, foram utilizados os descritores e operadores booleanos supracitados no campo “assunto” no portal SciELO e Periódicos CAPES. Na base de dados Periódicos CAPES ainda foram aplicados os seguintes refinamentos a fim de atender aos critérios deste levantamento: tipo de recurso – artigos; idioma – português e inglês; periódicos revisados por pares; bases selecionadas - Gale; Sociological Abstracts; Scopus. Todos os procedimentos metodológicos foram realizados e definidos por dois pesquisadores independentes. A representação gráfica do processo é apresentada na Figura 1. Após a realização desses procedimentos, foram encontrados 968 artigos sem restrição de ano. Após a exclusão de quatro artigos repetidos que estavam indexados em mais de uma base de dados, e de 920 que não atendiam aos critérios de inclusão, restaram 42 artigos^{1, 4}.

⁴ Uma tabela com a descrição dos artigos incluídos na análise dos dados consta em material suplementar

Figura 1.*Fluxograma de processos do PRISMA para a seleção dos estudos revisados*

Análise dos dados

Os resumos dos artigos que compuseram o *corpus* final (n= 42) foram analisados com o auxílio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que possibilita a realização de análises estatísticas de dados textuais, ou seja, análises lexicais (Camargo & Justo, 2013). O *corpus* foi analisado a partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que executa sucessivas repartições, gerando os segmentos de texto de acordo com os seus respectivos vocabulários e distribuídos em classes lexicais seguindo uma lógica de coocorrência e, conseqüentemente, semelhanças e distanciamentos (Sousa et al., 2020).

Resultados

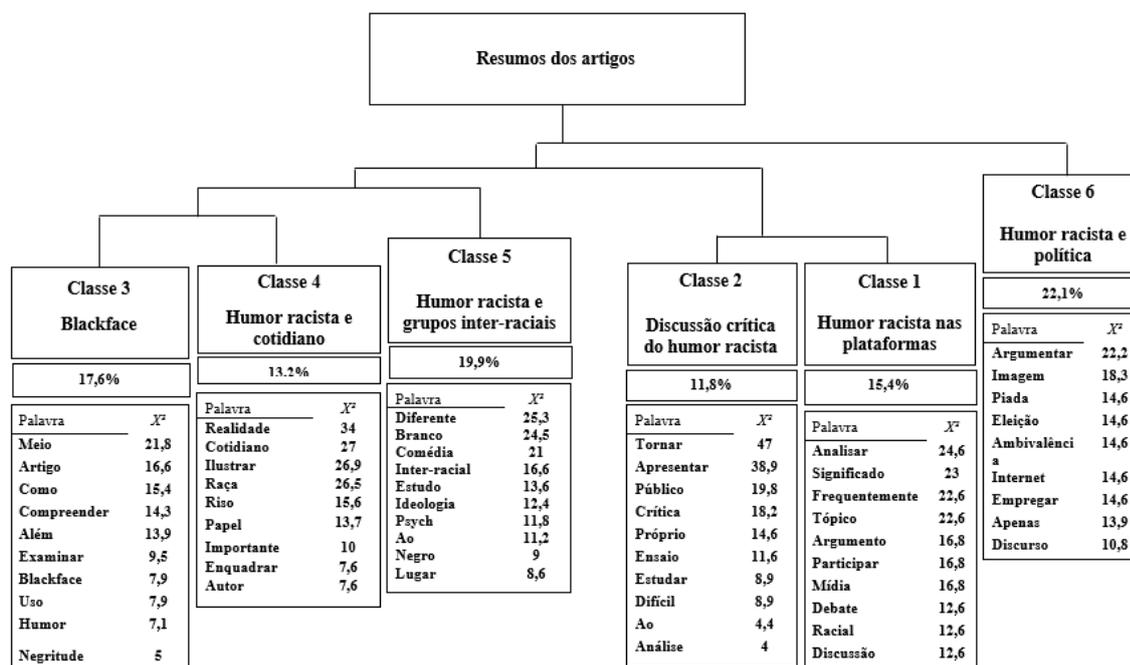
Inicialmente, os dados cientométricos dos artigos selecionados trazem que: dos 42 artigos, apenas nove são da área da psicologia (21,4%) e os restantes são provenientes das áreas de ciências sociais e comunicação. Em relação ao contexto de produção, a maioria foi escrito e publicado fora do Brasil (90,5%), sendo os Estados Unidos o principal país. Já no Brasil, as regiões Nordeste e Sudeste contribuem com dois artigos cada. Quanto ao tipo de produção, a maioria se configura como artigo empírico (69,4%), orientado de forma quantitativa e qualitativa, com uma maior publicação no ano de 2016 (cinco artigos). A partir desses achados, podemos concluir que a produção possui pouca expressividade, em especial no campo na psicologia na medida em que o primeiro artigo encontrado data 2001.

No que se refere à análise dos resumos, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) reteve 136 segmentos de texto do total do *Corpus*, que se dividiram e se reorganizaram em seis Classes lexicais. Em uma primeira partição, foi formado dois *subcorpora*, separando a Classe 6 das demais. Em uma segunda partição, o *subcorpus* maior foi dividido e, por um lado, aglutinou as Classes 1 e 2, enquanto, por outro, houve uma nova

partição, originando a Classe 5. Por fim, a última partição estabeleceu as Classes 3 e 4. É possível verificar a descrição e relação entre essas Classes no dendrograma apresentado na Figura 2, bem como os valores de qui-quadrado (χ^2) associados a cada palavra.

Figura 2.

Dendrograma da CHD com os resumos dos artigos



A Classe 6, que primeiro se separou, é a de maior representação do *corpus* (22,1%) e foi denominada “Humor racista e política”. A partir da leitura de seu conteúdo, verificaram-se segmentos de texto referentes aos resumos dos artigos que utilizam imagens satíricas que circularam em sites da internet para fazer piadas; ou foram utilizadas como *priming* em condições experimentais a fim de analisar os argumentos referentes ao cenário de eleição do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, como pode ser visto nos seguintes trechos: “*não faltaram essas piadas racistas visuais na candidatura e eleição de Barack Obama [...], a maioria delas reciclada do arquivo de imagens racistas estereotipadas que encheram a*

cultura impressa americana no final do século XIX e início do século XX” (Artigo 11); e, “*as próprias atitudes racistas simbólicas dos alunos moderaram esses efeitos aqueles que endossaram um racismo simbólico mais forte relataram respostas menos assertivas, mas apenas na condição de brincadeira*” (Artigo 5).

Como segmento de texto presente em um dos resumos alocados nesta Classe demonstra: “*os dados revelam que, em 2017, no Brasil, foram registrados 63.698 casos de discurso de ódio na internet, sendo um terço deles relacionados a discursos racistas*” (Artigo 37). Além desse uso, são discutidos os efeitos decorrentes de quando a pessoa que fez a piada racista é flagrada e tem a situação exposta como racismo, sendo comum que se aproveitem da ambivalência de seu discurso, utilizem da desculpa de que era apenas uma piada e se desresponsabilizem das consequências, naturalizando esse tipo de “humor”. Um exemplo: “*o meta-discurso das isenções de responsabilidade dos sites é estudado em relação à justificativa de uma piada ser apenas uma piada. [...] se mostra que o humor racista extremo da Ku Klux Klan não é apenas uma piada, mesmo em termos de seu próprio metadiscorso de apresentação. [...] o metadiscorso também sugere que a linguagem extrema do ódio racista é indicada como um assunto para diversão, os sites retratam o imaginário de extrema violência racista como uma questão de humor e a ambivalência de suas declarações é discutida*” (Artigo 4). Assim, é possível observar a existência de estudos na psicologia, mais especificamente em estudos da psicologia social, que utilizam um *priming* e analisam as justificativas que as pessoas apresentam frente ao estímulo.

A próxima Classe a se repartir e permanecer sozinha foi a Classe 5, denominada “Humor racista e grupos inter-raciais”, sendo a segunda mais representativa, pois integra 19,9% do *corpus* léxico. Nesta classe, fazem-se presentes estudos utilizando a série de televisão norte-americana *Psych*, como é possível observar em: “*analiso a popular comédia da televisão Psych para examinar as dimensões afetivas de um tipo de comédia pós-raça.*

[...] Psych, uma narrativa inter-racial de camaradas, adapta a comédia de situação assimilacionista para intensificar retoricamente a ideologia pós-raça, encorajando uma atitude alegre e despreocupada em relação à raça e ao racismo. [...] Psych tranquiliza o público de sua distância do racismo e confirma a ortodoxia secular da amizade inter-racial, uma ideologia despolitizante que vê a amizade como o antídoto para a injustiça estrutural e histórica” (Artigo 36).

Ademais, têm-se discussões que trazem a comparação de como grupos inter-raciais respondem e se relacionam com o humor racista, a exemplo de: *“especificamente, o estudo examinou até que ponto negros e brancos sentiriam desconforto ao ver insultos raciais em comédias com membros do grupo em comparação com membros de fora do grupo” (Artigo 14).* A base teórica e metodológica utilizada em cada artigo varia de acordo com a sua respectiva área, em sua maioria de ciências sociais e psicologia. Entre os nove artigos da área de psicologia, quatro são empíricos e três entre estes se organizaram nesta Classe, fazendo comparações de como o discurso do humor racial chega a pessoas negras e brancas e como elas reagem, a exemplo de: *“quando comunicados de forma humorística, os comentários racialmente preconceituosos podem ser considerados apenas piadas. O presente estudo investigou as respostas antirracistas de alunos brancos de graduação a diferentes tipos de comentários preconceituosos” (Artigo 5).*

Nessa mesma partição, mas em outro *subcorpora*, foi formada a Classe 1, denominada “Humor racista nas plataformas”, compondo 15,4% do *corpus*. Ela abarca questões relacionadas à análise da mídia, debates e discussão racial de comentários, em sua maioria presentes nas plataformas online, envolvendo estereótipos raciais tanto de pessoas negras, quanto de outros grupos minoritários, como migrantes não-brancos, a exemplo de: *“os brancos são ensinados a distância e estratégias de negação que lhes permitem se envolver em comentários raciais abertos e negar o racismo ou intenção racista, enquanto os não*

brancos são frequentemente encorajados a se envolver em estereótipos raciais sem crítica” (Artigo 28). A partir da grande repercussão desse tipo de mídia, os artigos abordam como os grupos são afetados em sua autopercepção e como os outros constroem suas percepções sobre tais grupos representados, o que é discutido em: *“o objetivo desta discussão é destacar como essas convenções e categorias moldam as avaliações dos americanos sobre o que é considerado racial”* (Artigo 18).

Essa mesma classe também levanta sobre como o humor pode ser uma ferramenta pedagógica para conscientização de determinados assuntos sociais como o racismo, mas que essa pode ser uma forma de intervenção utilizada de maneira inadequada por grupos que buscam a manutenção do sistema. Para isso, podem manipular a intenção da piada e acrescentar outros estereótipos ao grupo minoritário. Como pode ser visto em: *“reconhecendo os dilemas interpretativos do humor e as possibilidades do humor racista este ensaio conta uma história frequentemente esquecida dos heróis cômicos que lutam contra significados raciais dominantes relações de poder e construções de identidade. [...] o ensaio analisa as possibilidades pedagógicas de humoristas críticos que enfrentam criativamente o racismo hegemônico e cuja obra participa de projetos críticos de transformação social política e cultural. [...] esse humor racial emancipatório serve como uma pedagogia pública crítica que expõe pedagogias públicas dominantes injeta contra narrativas na luta pela hegemonia e subverte significados e privilégios raciais naturalizados”* (Artigo 32).

Compartilhando do mesmo *subcorpus*, a Classe 2, denominada “Discussão crítica do humor racista”, compõe 11,8% do léxico, sendo a que possui a menor representação. Apesar disso, ela aglutina segmentos de texto dos resumos que, em geral, apresentam ensaios críticos, em sua maioria de artigos teóricos, que identificam e analisam as discussões relacionadas ao humor racista. O enfoque desta Classe está na natureza do humor racista, isto

é, o que está por trás de seu surgimento e como traz consequências graves para os grupos alvo, principalmente devido à sua velocidade de difusão e naturalização dessas piadas, como percebido em: *“o artigo examina as ligações entre o humor e o ódio, tema muitas vezes ignorado pelos pesquisadores do preconceito. O artigo estuda três sites que apresentam humor racista e simpatizam com a Ku Klux Klan. A análise enfatiza a importância de examinar o metadiscurso que apresenta e justifica o humor tanto quanto estudar a natureza do próprio humor”* (Artigo 4).

Ademais, a Classe 2 traz ainda necessidade de uma maior discussão sobre o tema, tanto da comunidade científica, como da sociedade em geral, visto que interfere na qualidade das relações intergrupais e pode promover propostas de intervenção utilizando o próprio humor, mas de maneira bem embasada e eficaz, buscando uma inclusão antirracista. Como observado em: *“Semelhante ao resto da Europa a programação multicultural na Finlândia se tornou um risco para a radiodifusão pública. Os programas que visam encorajar a inclusão social podem não atrair públicos suficientemente grandes e podem ser atacados por vozes anti-imigração cada vez mais altas. [...] apresentado por imigrantes do Irã e da Somália um comediante stand-up e um político este popular talk show foi ao ar na rádio pública finlandesa entre 2013 e 2016. [...] nossas descobertas ressaltam maneiras específicas nas quais a programação multicultural pode usar o humor estrategicamente para envolver públicos relativamente grandes e diversos em discussões destinadas a humanizar os imigrantes e desafiar os preconceitos sociais enquanto minimiza as críticas da direita e leituras não intencionais”* (Artigo 25) e em *“este ensaio identifica o humor racial emancipatório como uma pedagogia pública crítica desarmante, que confronta a hegemonia racial”* (Artigo 32).

Em uma última partição, tem-se a formação da Classe 3, que representou 17,6% do corpus e foi denominada “Blackface”. De modo geral, esta Classe reúne resumos que trazem

discussões sobre o uso do Blackface e como as piadas racistas fazem uso desse método para propagar estereótipos raciais e naturalizar a discriminação racial, pois aparenta ser uma forma suave de racismo que, para alguns indivíduos, nem é racismo. Esse método surgiu no teatro em 1848 e, ao longo dos anos, alcançou outros ambientes “de arte”, como programas de televisão e de internet. A exemplo do seguinte trecho: *“da apresentação contemporânea do blackface é a fraternidade branca do Sul por meio do uso de artefatos raciais, o terrorismo racial é representado e a performatividade desse ato racista é reduzida sob a aparência de humor. Usando o comer o outro de Bell Hooks, juntamente com retórica visual, este artigo examina a popularidade contínua da marginalização racial e do terrorismo racial por meio de apresentações de rostos negros em fraternidades brancas do Sul.”* (Artigo 27).

Um dos desdobramentos do *Blackface*, para além do uso objetivando o “humor racial”, é a fraude de direitos duramente conquistados, a exemplo das cotas raciais, onde pessoas brancas usam maquiagem ou tinta para acessar determinados lugares como parda ou negra, visto que ainda existem grupos que consideram as cotas como um privilégio (Silva, Araujo, Costa & Santos, 2017). Dito de outra forma, em relações de grupos majoritários e minoritários, o grupo dominante buscará manter seu privilégio, mesmo que seja por atualizações de práticas racistas, como visto em: *“Com as especificidades da anti-negritude em vista, este artigo refina o conceito de Simon Weaver, racismo corporificado, para enfatizar que é uma forma de racismo biológico que historicamente tem como alvo os negros e continua a fazer hoje. [...] o artigo, portanto, sugere que deixar claro essas maneiras pelas quais o Blackface canadense contemporâneo só é legível como humor por meio de relações sociais racializadas é um componente necessário para desafiar as sugestões de que o Blackface é um humor não racial inofensivo”* (Artigo 19).

Por fim, a Classe 4 representa 13,2% do *corpus* e foi denominada de “Humor racista e cotidiano”. Em geral, as informações aglutinadas nessa classe trazem a realidade do racismo

no cotidiano e como piadas racistas, carregadas de ideologias, operam na sua reprodução, em diferentes níveis de análise das relações sociais, tanto de maneira institucional, quanto em um contexto interpessoal, a exemplo de: *“entre as incidências do racismo cotidiano, as piadas ofensivas são amplamente divulgadas como forma de estabelecer e manter normas sociais e de policiar as fronteiras do corpo social”* (Artigo 33). E se discute o que está evocando o riso, bem como quem é que está rindo, como em: *“O objetivo do presente artigo é fornecer uma possível leitura da realidade do racismo no Brasil, na qual o riso desempenha um importante papel mediador. Inscrito na fronteira entre realidades distintas, o psíquico e o social, o consciente e o inconsciente, o jocoso e o sério, o riso suscitado pela piada racista”* (Artigo 9).

Apesar de haver estudos na área de psicologia sobre o humor e o racismo, nenhum deles traz a voz das pessoas negras ou de outros grupos minoritários, que são as mais atingidas, nem sobre os impactos para a saúde mental delas. Na maior parte dos casos, têm-se pesquisas como: *“Ilustramos como o humor racial serve para reproduzir as ideologias nacionais do México e do Peru e reforça os sistemas racializados de dominação dos países”* (Artigo 34). Além dessa falta, tem-se uma necessidade da literatura em explorar mais sobre as formas de resistência para lidar com o racismo presente no cotidiano, o que pode ser verificado em: *“o artigo conclui que as técnicas de humor permanecem pouco exploradas como ferramentas importantes de resistência ao racismo cotidiano.”* (Artigo 22).

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar a produção científica de distintas áreas que tiveram como foco de análise o racismo e o humor racista a partir de um estudo de revisão sistemática de literatura. Considerando a abrangência temporal, sem delimitação prévia de período de publicação, identificamos um número de publicações científicas com pouca expressividade diante a necessidade do debate ao tema do humor racista e racismo. Em

especial no campo da psicologia, situação ainda mais restrita, na medida em que o primeiro artigo encontrado data 2001. O uso dos indicadores por meio da cientometria, além de permitir a visibilidade dos indicadores de produção da área que tratam da temática, também possibilitou vislumbrar a agenda de pesquisa desenhada até então. Destacamos a tradição da psicologia social do racismo na realização de pesquisas com cenários de justificativas a fim de compreender como os grupos interraciais respondem e se relacionam ao humor racista.

Existem limitações neste estudo quanto ao número de bases de dados utilizadas (apenas duas), o que pode não ter contemplado todo o montante de produções empíricas sobre humor racista e racismo. Ainda que sejam importantes bases e que concentrem uma quantidade e qualidade significativas de periódicos nacionais e internacionais indexados. Por fim, acreditamos que novas estratégias de busca possam ser pensadas para que um cenário mais amplo de produções na área possa emergir. Para tanto, julgamos pertinente que futuras pesquisas busquem suprimir as lacunas observadas e ampliar o conhecimento na área do humor racista e racismo, de modo a compreender o impacto e compreensão do fenômeno sob a ótica dos seus atingidos.

Referências

- Apel, D. (2009). Just Joking? Chimps, Obama and Racial Stereotype. *Journal of Visual Culture*. 8. 134-142. <https://doi.org/10.1177/14704129090080020203>.
- Atluri, T. (2009). Lighten up?! Humour, Race, and Da off colour joke of Ali G. *Media Culture & Society*, 31. <https://doi.org/10.1177/0163443708100314>.
- Banjo, O. (2011). What are You Laughing at? Examining White Identity and Enjoyment of Black Entertainment. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*. 55. 137-159. <https://doi.org/10.1080/08838151.2011.570822>.

- Bailey, C. (2012). Fight the Power: African American Humor as a Discourse of Resistance. *Western journal of black studies*, 36, 253-263.
- Barnes, B., Palmary, I., & Durrheim, K. (2001). The Denial of Racism: The Role of Humor, Personal Experience, and Self-Censorship. *Journal of language and social psychology*, v. 20, n. 3, p. 321–338. <https://doi.org/10.1177/0261927X01020003003>
- Bell-Jordan, K. E. (2007). Speaking Fluent ‘Joke’ Pushing the racial envelope through comedic performance on Chappelle's Show, *Performance Research*, 12:3, 74-90, <https://doi.org/10.1080/13528160701771329>
- Billig, M. (2001). Humour and Hatred: The Racist Jokes of the Ku Klux Klan. *Discourse & society*, v. 12, n. 3, p. 267–289. <https://doi.org/10.1177/0957926501012003001>
- Bonilla-Silva, E. (2010). *Racism without racists – Color-blind racism & racial inequality in contemporary America*. MD: Rowman & Littlefield Publishers, INC.
- Bronstein, P. (2015). Comic Relief: *The Andy Griffith Show*, White Southern Sheriffs, and Regional Rehabilitation. *Camera Obscura* 1; 30 (2 (89)): 125–155. <https://doi.org/10.1215/02705346-3078347>
- Cabrera, N. L. (2014). But We’re Not Laughing: White Male College Students’ Racial Joking and What This Says About “Post-Racial” Discourse. *Journal of College Student Development*, 55, pp. 1-15. <https://doi.org/10.1353/csd.2014.0007>
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, 21(2), 513-518. <https://doi.org/10.9788/TP2013.2->

- Dahia, S. L. M. (2010). Riso: uma solução intermediária para os racistas no Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(2), 373-389.
- Ferreira, F. (2018). Democracia racial brasileira: uma piada sem graça. *Mediações*, 23(1), 193–242.
- Ferguson, M. A., & Ford, T. E. (2008). Disparagement humor: A theoretical and empirical review of psychoanalytic, superiority and social identity theories. *Humor: International Journal of Humor Research* 21(3). 283–312.
<https://doi.org/10.1515/HUMOR.2008.014>
- Ford, T., Richardson, K., & Petit, W. (2015). Disparagement humor and prejudice: Contemporary theory and research. *HUMOR*, 28(2), 171-186.
<https://doi.org/10.1515/humor-2015-0017>
- Gaertner, S. L., & Dovidio, J. F. (1986). The aversive form of racism. (pp. 61-89) In J.F. Dovidio, & S.L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism: Theory and research*. Orlando, FL: Academic Press.
- Gilbert, C. J., & Rossing, J. P. (2013). Trumping Tropes with Joke(r)s: *The Daily Show* “Plays the Race Card.” *Western Journal of Communication*, 77(1): 92–111.
<https://doi.org/10.1080/10570314.2012.720747>
- Gilbert, J. R. (2004) *Performing Marginality: Humor, Gender, and Cultural Critique*. Detroit, MI: Wayne State University Press.
- Grigg, K., & Manderson, L. (2015). “Just a Joke”: Young Australian understandings of racism. *International Journal of Intercultural Relations: IJIR*, v. 47, p. 195, 2015.
<https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2015.06.006>

- Green, S. (2016) No laughing matter? The ethics of racial humor in *Tres sombreros de copa*. *Romance Quarterly*, 63 (2). pp. 63-72. ISSN 0883-1157
<https://doi.org/10.1080/08831157.2016.1146017>
- Hartigan, J. (2009). What Are You Laughing at? Assessing the “Racial” in U.S. *Public Discourse. Transforming Anthropology*. 17. 4 - 19. <https://doi.org/10.1111/j.1548-7466.2009.01036.x>
- Harwood, S. A., Browne Huntt, M., Mendenhall, R., & Lewis, J. A. (2010). *Racial microaggressions at the University of Illinois at Urbana–Champaign: Voices of students of color living in university housing*. Urbana, IL University of Illinois, Center on Democracy in a Multiracial Society.
- Hylton, K. (2018). I’m not joking! The strategic use of humour in stories of racism. *Ethnicities*, 18(3), 327–343. <https://doi.org/10.1177/1468796817743998>
- Howells, R. (2006). ‘Is it Because I is Black?’ Race, Humour and the Polysemiology of Ali G, *Historical Journal of Film, Radio and Television*, 26:2, 155-177, <https://doi.org/10.1080/01439680600691677>
- Howard, P. S. S. (2017). On the back of blackness: contemporary Canadian blackface and the consumptive production of post-racialist, white Canadian subjects, *Social Identities*, <https://doi.org/10.1080/13504630.2017.1281113>
- Howard, P. (2018). A laugh for the national project: Contemporary Canadian blackface humour and its constitution through Canadian anti-blackness. *Ethnicities*. 18. <https://doi.org/10.1177/1468796818785936>.
- Jin Jang, I., & Cordero-Pedrosa, C. (2016). To Laugh or Not to Laugh at Racist Jokes, *Peace Review*, 28:4, 474-481. <https://doi.org/10.1080/10402659.2016.1237116>

- Katz, J., Grant, C. & Merrilees, C. (2019). Just Joking? White College Students' Responses to Different Types of Racist Comments. *Journal of Diversity in Higher Education*, v. 12, n. 4, p. 341–350. <https://doi.org/10.1037/dhe0000102>
- Katz, I., & Hass, R.G. (1988). Racial ambivalence and American value conflict: correlational and priming studies of dual cognitive structures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, pp.893-905. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.55.6.893>
- Kinder, D. R.. & Sears, D.O. (1981). Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, pp.414-431.
- Laguna, A. S. (2021). On the Comedy of Race. *Cultural Critique*, 111, 104-132. <https://doi.org/10.1353/cul.2021.0014>
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos em psicologia*. 9(3). <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lima, M. E. O. (2019). O que há de novo no 'novo' racismo do Brasil?. *Revista de Ciência da Informação e Comunicação*. v. 4, p. 155-177, <https://doi.org/10.29327/211303.4.7-10>
- Malmqvist, K. (2015). Satire, racist humour and the power of (un)laughter: On the restrained nature of Swedish online racist discourse targeting EU-migrants begging for money. *Discourse & Society*, 26(6), 733–753. <https://doi.org/10.1177/0957926515611792>
- Malmberg, M., & Awad, I. (2019). (In/exclusion) Humor and diversity in Finnish public radio: 'If all immigrants were as funny as you guys, nobody would have any problems.' *European Journal of Cultural Studies*, 22(2), 213–230. <https://doi.org/10.1177/1367549418823060>
- McConahay, J. B., & Hough, J.C. J. (1976). Symbolic racism. *Journal of Social Issues*, 32, pp. 23-45. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1976.tb02493.x>

- Morreall, J. (2009) *Comic Relief: A Comprehensive Philosophy of Humor*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell.
- Moreira, A. J. (2019). *Racismo Recreativo*. São Paulo: Pólen.
- Mulvey, K. L., Palmer, S. B., & Abrams, D. (2016). Race-Based Humor and Peer Group Dynamics in Adolescence: Bystander Intervention and Social Exclusion. *Child Development*, v. 87, n. 5, p. 1379–1391. <https://doi.org/10.1111/cdev.12600>
- Patton, T. O. (2008) Jim Crow on Fraternity Row, *Visual Communication Quarterly*, 15:3, 150-168. <https://doi.org/10.1080/15551390802235503>
- Pedersen, A., & Walker, I.A. (1997). Prejudice against Australian aborigines: old-fashioned and modern forms. *European Journal of Social Psychology*, 27, pp.561-587. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199709/10\)27:5<561::AID-EJSP833>3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199709/10)27:5<561::AID-EJSP833>3.0.CO;2-3)
- Pérez, R. (2013). Learning to make racism funny in the ‘color-blind’ era: Stand-up comedy students, performance strategies, and the (re)production of racist jokes in public. *Discourse & Society*, 24, pp. 478 –503. <https://doi.org/10.1177/0957926513482066>
- Pérez, R., & Ward, G. (2019). From Insult to Estrangement and Injury: The Violence of Racist Police Jokes. *American Behavioral Scientist*, 63(13), 1810–1829. <https://doi.org/10.1177/0002764219842617>
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 203-226. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>
- Reid, S. W. (2015). Making Fun out of Difference: Ethnicity–Race and Humour in a London School, *Ethnos*, 80:1, 23-44, <https://doi.org/10.1080/00141844.2013.801504>

- Rossing, J. P. (2016). Emancipatory Racial Humor as Critical Public Pedagogy: Subverting Hegemonic Racism, *Communication, Culture and Critique*, Volume 9, Issue 4, Pages 614–632. <https://doi.org/10.1111/cccr.12126>
- Rossing, J. P. (2011). Comic Provocations in Racial Culture: Barack Obama and the “Politics of Fear”, *Communication Studies*, 62:4, 422-438. <https://doi.org/10.1080/10510974.2011.588077>
- Sales, R. (2006). Democracia racial: o não-dito racista. *Tempo Social*, v. 18, n. 2, p. 229–258. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200012>
- Silva, P., Araujo, C. L., Costa, L. L. A., & Santos, J. A. (2017). Entre o discurso e a prática: Atitudes dos profissionais do direito acerca das políticas de cotas para negros nas universidades públicas. In: Eleonora Vacarezza Santos; Patrícia da Silva. (Org.). *Psicologia e Relações Interétnicas: Diálogos interdisciplinares*. Ied.Aracaju: Conselho Regional de Psicologia, p. 87-106.
- Sharpe, S., & Hynes, M. (2016). Black-faced, red faces: the potentials of humour for anti-racist action. *Ethnic and Racial Studies*, 39, 104 - 87. <https://doi.org/10.1080/01419870.2016.1096405>
- Sue, D. W. (2010). *Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation*. Hoboken, NJ: Wiley.
- Sue, C. A., & Golash-Boza, T. (2013). ‘It was only a joke’: how racial humour fuels colour-blind ideologies in Mexico and Peru, *Ethnic and Racial Studies*, 36:10, 1582-1598, <https://doi.org/10.1080/01419870.2013.783929>
- Sousa, Y. S. O., Gondim, S. M. G., Carias, I. A., Batista, J. S., & de Machado, K. C. M. (2020). O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(2), 1-19.

- Trindade, L. V. P. (2019): Disparagement humour and gendered racism on social media in Brazil, *Ethnic and Racial Studies*. <https://doi.org/10.1080/01419870.2019.1689278>
- Thornton, D. J. (2011). Psych's Comedic Tale of Black–White Friendship and the Lighthearted Affect of “Post-Race” America, *Critical Studies in Media Communication*, 28:5, 424-449. <https://doi.org/10.1080/15295036.2010.518621>
- Takayuki, T. (2010). Race and black humor: from a planetary perspective. *The Free Library*. Recuperado em 28 de novembro de 2024 <https://www.thefreelibrary.com/Raceandblackhumor:fromaplanetaryperspective-a0245662000>
- Walther-Martin, Tchernev, J., Hedstrom, H., & Irwin, M. (2016). Experiencing Racial Humor with Outgroups: A Psychophysiological Examination of Co-Viewing Effects, *Media Psychology*. <https://doi.org/10.1080/15213269.2016.1234396>
- Weaver, S. (2013). A rhetorical discourse analysis of online anti-Muslim and anti-Semitic jokes, *Ethnic and Racial Studies*, 36:3, 483-499. <https://doi.org/10.1080/01419870.2013.734386>
- Weaver, S. (2011). Jokes, rhetoric and embodied racism: a rhetorical discourse analysis of the logics of racist jokes on the internet. *Ethnicities*, 11(4), 413–435. <https://doi.org/10.1177/1468796811407755>
- Weaver, S. (2010). The ‘Other’ Laughs Back: Humour and Resistance in Anti-racist Comedy. *Sociology*, 44(1), 31–48. <https://doi.org/10.1177/0038038509351624>
- Weaver, S. (2010). Developing a rhetorical analysis of racist humour: examining anti-black jokes on the Internet, *Social Semiotics*, 20:5, 537-555. <https://doi.org/10.1080/10350330.2010.513188>

Zoltowski, A. P. C., Costa, A. B., Teixeira, M. A. P., & Koller, S. H. (2014). Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30, 97-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-3772201400010001>

SEÇÃO II – ARTIGOS EMPÍRICOS

CAPÍTULO 1

Efeito da exposição ao humor racista

No Brasil, uma suposta cordialidade presente nas relações sociais fez surgir uma forma específica de expressão do racismo em que o riso, muitas vezes, é utilizado como mediador nas suas manifestações. As consequências sociais desse tipo de humor depreciativo ao criar ou reforçar estereótipos negativos ou atitudes preconceituosas têm sido discutidas na literatura internacional. Frente a isto, este trabalho tem como objetivo analisar o impacto da exposição ao humor racista e ao riso nas expressões de racismo por meio de dois estudos experimentais. No primeiro estudo participaram 150 indivíduos, com idade média de 23,93 anos ($DP = 8,08$), dos quais 63,8% eram do sexo feminino. No segundo estudo participaram 37 indivíduos, majoritariamente do sexo feminino (67,6%) e com idade média de 25,20 anos ($DP = 8,55$). Em conjunto, os resultados indicam que embora as pessoas previssem que ficariam muito chateadas com um ato de discriminação racial apresentado por meio de piada, quando elas realmente vivenciam esse evento, elas mostram relativamente pouco sofrimento emocional e incômodo. Tais achados sugerem uma ligação entre respostas afetivas e comportamentais com o racismo e contribuem para a teorização sobre o papel das emoções nos estudos sobre racismo recreativo.

Palavras-chave: Racismo, humor, piada, racismo recreativo, Brasil.

Introdução

Um homem negro desmaia de fome durante o trabalho. Os seus colegas correm para lhe socorrer enquanto o superior reclama e exige que todos voltem imediatamente ao trabalho senão “vão achar quem trabalhe de verdade”. “Vocês não sabem o que querem, hein?”, “O negro não consegue achar emprego..., mas, na época da escravidão já nasciam empregado e achava ruim. Aí fica difícil ajudar”. Este é um relato engraçado? Certamente não. A situação

narrada é hipotética, mas faz menção a uma denúncia de brasileiros resgatados de fazendas no Rio Grande do Sul que trabalhavam em condições análogas à escravidão. As falas foram retiradas de um show de *Stand Up Comedy* do humorista Léo Lins na plataforma *youtube* que consta com mais de três milhões de visualizações.

Poderíamos retratar em tantas outras cenas como o humorismo tem se tornado, cada vez mais, salvo conduto para expressão de ofensas, preconceitos e racismo disfarçados em tons de brincadeira. Os fatos narrados não se referem a eventos pontuais, mas, de uma realidade, embora negada por parte da população brasileira: somos racistas. Contudo, a temática não é de simples abordagem. O racismo é um assunto indesejado, um discurso evitado, que os indivíduos geralmente atribuem ao outro (Guimarães, 1999; Lima, 2023), mas que imprime sua marca, seja ela de forma explícita ou sutil, em variados espaços sociais.

No Brasil, o racismo tem sua origem na escravização dos povos africanos e a força desta, segundo Kalckmann et al. (2007), pode ser medida pelo fato dela ter dominado a história do País por mais de três séculos, sendo o Brasil o último país a aboli-la. Nos séculos da colonização e exploração do trabalho escravo de negros e indígenas, o racismo era expresso de maneira aberta, pois refletia as normas sociais da época: as normas de discriminação e exploração. Com a emergência dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos e a Declaração dos Direitos Humanos, as formas de expressão do preconceito e do racismo mudaram significativamente (Lima & Vala, 2004). Face aos princípios de igualdade e liberdade apregoados pelas democracias liberais e as pressões da legislação antirracista, as expressões do racismo e do preconceito se tornam mais sutis e veladas. É nesse panorama que se começa a falar sobre “Novos Racismos” e “Novos Preconceitos” (Lima, 2013).

Essa problemática exigiu dos pesquisadores uma nova perspectiva para o estudo do preconceito e do racismo, diferente das utilizadas nos trabalhos após a Segunda Guerra Mundial, que abordavam o fenômeno de uma forma direta e objetiva (ver Allport, 1954/1979). Nesse contexto, a interpretação das medidas existentes tornou-se preocupante. Tais medidas avaliavam um racismo flagrante, com expressões diretas e explícitas, que já não se mostravam sensíveis a nova realidade social. Diante disso, desenvolveu-se uma segunda geração de escalas de preconceito que visavam avaliar formas de preconceito presumivelmente “secretas” ou veladas (Brauer, 2000) que surgem na literatura com denominações diversas: racismo simbólico, racismo sutil, racismo ambivalente, racismo moderno, racismo aversivo e racismo cordial no Brasil (Dovidio, 1986; Katz & Hass, 1988; McConahay & Hough, 1976; Kinder & Sears, 1981; Pedersen & Walker, 1997; Pettigrew & Meertens, 1995; Turra & Venturi, 1995). Embora correlacionados com o estilo tradicional de preconceito, uma nova visão dessa problemática é evidenciada: a tendência das pessoas a declarar não ter preconceito ou procurar expressar respostas não preconceituosas.

No contexto brasileiro, em contraste com outras nações, a presença contínua de normas antirracistas nas relações inter-raciais pós-abolição da escravidão resultou em manifestações de racismo que tendem a ser mais subjetivas ou disfarçadas em comparação com outros países (Lima & Vala, 2004). Essa dinâmica é influenciada por uma série de fatores, incluindo o conceito de democracia racial, a dinâmica cordial nas interações sociais, a predominância da branquitude e a ideologia de branqueamento. Esses elementos contribuíram para a emergência de uma forma específica de racismo conhecida como "racismo cordial" (Turra & Venturi, 1995), caracterizando o racismo brasileiro de maneira distinta em relação a outras manifestações raciais. Entretanto, tais expressões estão mudando nos últimos anos e caminhando na direção dos racismos mais abertos das sociedades bi-raciais (ver Lima, 2020)

A convergência de fatores como a crença no mito da democracia racial, a inclinação para a cordialidade nas interações sociais no contexto brasileiro, juntamente com a ideologia de branqueamento, contribui para a manifestação de uma forma peculiar de racismo denominada "racismo cordial" (Turra & Venturi, 1995). Nesse cenário, o riso emerge como um meio frequente e significativo de expressão e reforço do racismo. O "racismo cordial" se caracteriza por uma discriminação contra os não brancos, que se manifesta por uma cortesia superficial, ocultando atitudes e comportamentos discriminatórios, muitas vezes expressos em piadas de natureza racial no âmbito das interações interpessoais (Rodrigues, 1995).

A propensão do povo brasileiro para a informalidade e cordialidade em suas interações, priorizando o âmbito privado sobre o coletivo (Hollanda, 2012), dá origem a uma forma específica de expressão do racismo no país, em que o riso frequentemente serve como um mediador ou catalisador de suas manifestações. O uso do riso, zombaria e uma abordagem ambígua para expressar o racismo contra pessoas negras no Brasil reflete uma lógica peculiar. Não se trata apenas de indivíduos que adotam uma atitude dissimulada devido ao medo da lei; estamos lidando com aqueles que se veem como "democratas raciais" e tentam adotar uma postura "politicamente correta" por considerá-la moralmente justa (Dahia, 2010).

Por meio do riso, os brasileiros encontram uma via de escape entre a conformidade com o politicamente correto e a autopercepção de não serem racistas, permitindo-lhes expressar seu racismo latente enquanto contornam a censura e a reflexão crítica sobre suas ações. Este fenômeno pode ser descrito como um tipo de racismo "sem intenção", embora suas repercussões afetem diretamente os direitos e as oportunidades de vida das pessoas afetadas. Parece ser uma prática comum para os brasileiros navegarem por espaços onde o humor prevalece, como locais de entretenimento, nos quais normas de comportamento politicamente correto são ausentes e mensagens ofensivas são mascaradas como brincadeiras

(Dahia, 2010). Esta prática cotidiana tem sido historicamente adotada pelos brasileiros como uma forma de lidar com os desafios das relações raciais no país.

No racismo à brasileira, as manifestações racistas, por vezes, tomam forma de ironia ou sarcasmo, em que as discriminações se tornam comédia ou humorismo utilizando como fundamento a ridicularização do outro de modo sutil a fim de transformá-lo em um objeto de riso. Estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e sem face que se esconde por trás de uma suposta garantia de universalidade e de igualdade das leis, e que lança para o âmbito privado o jogo da discriminação. Em uma sociedade historicamente marcada pela desigualdade, pelo paternalismo das relações e pelo clientelismo (Schwarcz, 1998), o racismo brasileiro se afirma também na intimidade (Lima, dos Santos Rodrigues, & Santos, 2022).

As piadas que fazem rir da cor e as inúmeras expressões que existem ao usar o termo “raça” revelam como a questão racial é veiculada no País. A não ser por meio do riso ou de maneira mais descompromissada, pouco se fala sobre a questão, parece que estamos envolvidos em um país de uma “boa consciência” que nega o racismo ou o concebe como mais brando. Afirma-se de modo genérico uma harmonia racial e joga-se para o plano pessoal os possíveis conflitos, sendo esta uma maneira problemática de lidar com o tema: ora ele é inexistente, ora é problema do outro (Schwarcz, 1998). Esse fenômeno se aproxima daquilo que Bonilla-Silva (2010) denominou racismo sem racistas, em sua análise sobre a expressão do racismo nos Estados Unidos. Segundo o autor, a maioria dos americanos brancos não se considera racista e defendem que a discriminação não mais se constitui como fator determinante de oportunidades na vida dos negros.

A expressão implícita do racismo e do preconceito racial é refletida em atitudes do brasileiro, sobretudo em piadas de cunho racial, configurando os não-ditos racistas (Sales Jr, 2006). Estes não se dão apenas através de piadas e eufemismos, como também por meio de

injúria racial. A injúria atua como uma forma de corroborar uma hierarquia social baseada na ideia de raça, demarcando o lugar da pessoa insultada e a distância social daquele que agride. Quando a injúria aparece sob a forma de piadas cria-se uma situação controversa que dificulta a sua distinção e afasta a responsabilidade daquele que a profere, pois este não se apresenta como autor, apenas repassa o que lhe foi dito (Rosas, 2003).

O “riso racista” tem, até o momento, desempenhado função intermediária na relação fronteira entre uma realidade em que vigoram leis severas contra o racismo manifesto e o reinado do que é politicamente correto. Essa produção social, provavelmente, resultou de um processo de adaptação e resistência ao novo modelo das relações raciais pós-abolicionistas. Dividido entre duas formas distintas e conflitantes de significar a nova condição social dos negros, o brasileiro optou por um caminho intermediário que parecia não infringir as regras legais recém-instituídas (Dahia, 2010).

Antes da abolição da escravatura, vigoravam leis rígidas que promoviam uma clara diferenciação baseada no conceito de raça, que refletiam as normas de segregação da época. Após a abolição do regime escravocrata foi possível cogitar instrumentos normativos em repúdio ao racismo, instituindo uma afirmação de igualdade formal de direitos entre indivíduos independente da cor. Diante desse fato histórico e jurídico, novos recursos precisariam ser elaborados para a manutenção do antigo sistema hierarquizado.

O final da escravidão é marcado como palco de emergência de novos e sutis discursos de discriminação racial para contornar a ameaça e a afronta que representa a integração do negro à sociedade, momento em que passa a competir no mercado de trabalho livre e assalariado (DaMatta, 1997; Dahia, 2008). Emerge nesse novo contexto cultural o discurso jocoso como possibilidade de manutenção do sistema, politicamente não comprometedor, adotado pelo brasileiro.

Diante das pressões da legislação antirracista, poucos terão coragem de verbalizar uma posição racista de forma crua. Dessa forma, o humor serve de território seguro para que ela se manifeste. Não por acaso, o humor parece ser sempre o reduto final de sobrevivência dos discursos preconceituosos, quando eles não encontram mais legitimidade social para se manifestar de outra forma.

A literatura internacional aponta para a existência de consequências sociais do humor depreciativo ao criar ou reforçar estereótipos negativos ou atitudes preconceituosas (Crosby, Monin, & Richardson, 2008; Ferguson & Ford, 2004; Kawakami et al., 2009). Contudo, no contexto brasileiro, nas buscas realizadas para a produção deste trabalho, não foram encontrados estudos empíricos sobre humor racista, tanto a nível individual quanto macrosociológico.

Frente a isto, este trabalho tem como objetivo analisar o impacto da exposição ao humor racista e ao riso nas expressões de racismo por meio de dois estudos experimentais. Inicialmente trataremos de aspectos específicos que contingenciaram a execução experimental em contexto de Pandemia Mundial COVID-19 e em seguida apresentaremos os estudos 1 e 2, respectivamente.

Experimento Virtual em Psicologia Social: Algumas considerações

Este tópico objetiva apresentar e discutir o contexto e implicações da realização dos experimentos virtuais que compõem esta tese. A realidade virtual é parte do mundo social de modo que é possível tomá-la como objeto de estudo (aquilo que se estuda), local de estudo (o ambiente de pesquisa) ou instrumento de estudo (a ferramenta para coleta de dados). Neste trabalho a realidade virtual foi tomada como meio de estudo. Serão apresentados os impactos que essa modalidade de pesquisa acarretou a realização do experimento bem como a operacionalização dele.

Contexto

Inicialmente, os experimentos foram planejados para serem realizados presencialmente em sala física na universidade que dispusesse dos materiais necessários para a sua realização. No entanto, com a pandemia Covid-19, e a necessidade de isolamento social, a maioria das interações sociais passaram a ser realizadas virtualmente. O mundo digital adentrou nossas residências com maior ênfase e modificou qualitativamente a experiência das relações interpessoais. Diante disso, tínhamos o desafio de transpor um experimento social para a realidade virtual.

Assim como em estudos descritivos em *survey* e mesmo alguns experimentos individuais (e.g. IATGEN), propusemos experimentos no mundo virtual, sendo um deles composto por uma experiência de interação ao vivo. Os experimentos foram realizados por meio de salas virtuais com o auxílio da plataforma *Google Meet*, com duração média de 40 minutos por sessão.

Requisitos Éticos

Conforme as diretrizes éticas dispostas nas resoluções n. 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde acerca das pesquisas com seres humanos, a pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade da pesquisadora (CAAE: 20787219.6.0000.5546). O TCLE era apresentado na plataforma *Qualtrics* antes dos participantes acessarem os instrumentos da pesquisa.

A participação foi voluntária e garantido ao participante a possibilidade de interromper a sua participação a qualquer momento. Os riscos envolvidos na participação foram mínimos, como um eventual desconforto ou fadiga. No entanto, na presença de quaisquer sinais de desconforto a pesquisadora contatava o participante em chamada de vídeo particular a fim de auxiliá-lo a restabelecer o bem-estar.

No primeiro estudo nenhum participante apresentou sinal de desconforto ou constrangimento. Entretanto, no segundo estudo dois participantes apresentaram desconforto frente ao conteúdo apresentado em cenário experimental. Diante disso, a pesquisadora realizou uma conversa de acolhimento e avaliação de demanda psicológica, colocando-se à disposição para os encaminhamentos que se fizessem necessários. Ambos conseguiram restabelecer o bem-estar na conversa de acolhimento e recusaram o encaminhamento para psicólogo clínico.

Características do Experimento Virtual

O contexto experimental *online* apresenta características distintas em relação aos experimentos realizados presencialmente no que tangenciam as práticas conduzidas e compartilhadas nos escritos científicos. Apesar dessas diferenças nos debruçaremos nos tópicos descritos abaixo.

Recrutamento

Com a pandemia de Covid-19 e a necessidade de isolamento social muitas atividades foram adaptadas ao modelo virtual. A restrição do contato presencial diminuiu ainda mais as barreiras físicas e geográficas da sociedade globalizada, tornando o modelo remoto uma alternativa factível. Essa possibilidade facilitou a ampliação das amostras pesquisadas, mas também trouxe o desafio da adaptação do modelo presencial ao online.

Somado a isto, o recrutamento *online* para uma pesquisa concorre com inúmeras informações que estão a um clique de distância do indivíduo. Redes sociais, correio eletrônico, chamadas, mensagens, assim como outros convites para participação em pesquisas virtuais realizados em mesma época. Todas essas interferências atuaram na baixa taxa de resposta aos convites e na demora em compor a amostra mínima necessária neste estudo.

Iniciamos a coleta de dados em fevereiro de 2021 e finalizamos em dezembro de 2021, quando as atividades presenciais já haviam sido retomadas em todo o território brasileiro. Após este período realizamos uma ampliação da amostra que iniciou em março de 2022 e finalizou em abril de 2023. Todas as coletas foram realizadas com o mesmo cenário de pesquisa de forma *online*, contudo os diferentes recortes temporais entre as coletas são variáveis intervenientes que podem ter afetado nossos resultados.

Agendamento e comparecimento

No estudo 1, os participantes recebiam o texto convite para a pesquisa com o acesso aos instrumentos disponibilizado por um link, sendo necessário apenas um clique para que fossem direcionados ao instrumento apresentado na plataforma *Qualtrics*. Das 234 pessoas que acessaram o *link* que hospedava os instrumentos apenas 162 concluíram a pesquisa.

Para o estudo 2 foi necessário um cadastro de participante uma vez que o cenário experimental acontecia por vídeo chamada ao vivo. Assim, o participante recebia um texto convite com um *link* do *Google Forms* que solicitava dados sociodemográficos, contato e disponibilidade de horário para agendamento.

Nos estudos experimentais que compõe esta tese objetivamos investigar como as pessoas que não pertencem ao grupo-alvo dos negros respondem ao estímulo do humor racista. Desse modo, a pesquisadora contatou, a partir do banco de dados de cadastro na pesquisa, apenas os indivíduos autodeclarados brancos e agendou um horário para vídeo chamada na plataforma *Google Meet*. Foram realizados 115 cadastros de pessoas, destes 42 se autodeclararam brancos. Foram realizados os 42 agendamentos, com 12 ausências no período de julho de 2021 a setembro de 2021. Uma ampliação da amostra foi realizada em fevereiro de 2023 com o apoio de uma professora de um departamento de psicologia que

disponibilizou um horário de aula para a participação de sete alunos brancos, os quais entraram na sala virtual onde se encontrava a pesquisadora e os dois cúmplices.

Conduzindo a sessão em grupo

Atividades em sala virtual apresentam especificidades impostas ao experimento seja enriquecendo-o ou limitando-o. Dependendo de um dispositivo eletrônico com uso de teclado externo proporcionou uma maior dificuldade em compor a amostra necessária. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021 o celular foi o principal dispositivo de acesso à internet em casa, sendo utilizado por 99,5% dos domicílios brasileiros com acesso à grande rede. Em seguida, vinha a Televisão, como principal dispositivo de acesso à internet com 44,4% dos domicílios e, por fim, o computador com 42,2%. Ou seja, boa parte da população não estaria apta a responder ao estudo pela ausência deste recurso.

Os problemas técnicos em geral foram relacionados à energia elétrica e a conexão da internet. Interrupções de energia elétrica ocorreram em duas sessões experimentais do Estudo 2, uma na residência da pesquisadora e outra na residência de um participante, que levaram à remarcação das sessões. A instabilidade das conexões com a internet dos participantes foi notada, no entanto não inviabilizou a realização da pesquisa uma vez que a observação comportamental acontecia apenas em dois momentos distintos – no início do cenário com a apresentação da piada e na entrevista final devolutiva.

Outro ponto a ser evidenciado é que a interação em sala virtual é limitada em informação quando comparada a uma sala presencial. O participante está sujeito a outras variáveis intervenientes que fogem ao controle do experimentador visto que este está em sua residência (ou outro espaço) e não num laboratório. A visão dos outros é apenas de faces e bustos com cenários diferentes ao fundo ao invés de sala única a todos com a possibilidade de visualizar corpos inteiros. Essas características foram levadas em consideração na criação do

cenário virtual desta pesquisa, a fim de assegurar mecanismos de confiabilidade da pesquisa que serão apresentados no tópico a seguir.

Cenários experimentais: O desafio do mundo virtual

O nosso desafio era produzir um cenário que funcionasse na indução experimental *online*. O objetivo era produzir um contexto de pesquisa com participantes “desconhecidos” no qual um deles de forma descontraída resolveria compartilhar um áudio que alegadamente acabara de receber via aplicativo de mensagem instantânea. Foi criado um roteiro com as falas e comportamento não-verbais dos cúmplices (colaboradores da pesquisa) que se alternavam na apresentação da piada. No estudo 1 gravamos os vídeos de quatro cenários experimentais com os cúmplices atuando como participantes e a pesquisadora. No estudo 2 os cúmplices, a pesquisadora e o participante estavam em vídeo chamada ao vivo na qual o mesmo roteiro foi aplicado.

Os cúmplices eram estudantes de graduação e pós-graduação em psicologia que acompanharam o desenvolvimento metodológico do estudo. A equipe de pesquisa ensaiava e repassava as falas e comportamentos verbais e não-verbais expressos sempre antes de iniciar cada sessão. Em todas as situações, independente da reação do participante, a equipe permanecia na personagem e seguia o roteiro estabelecido.

Foram registradas, individualmente, as impressões do participante por todos os membros da equipe a cada sessão e ao final chegávamos a um consenso do comportamento expresso pelo participante via indução experimental, reações que serão descritas em análise complementar noutro capítulo.

Estudo 1

O primeiro estudo teve como objetivo geral analisar o impacto da exposição ao humor racista e ao sorriso nas expressões de racismo, analisando o papel mediador da motivação para responder sem preconceito. Investigamos, especificamente, a relação entre a cor da pele do ator que apresentava ou veiculava a piada racista, a sua forma de apresentar (se estava sério ou sorrindo) e a avaliação que o participante fazia sobre sua reação, caso estivesse presente na cena apresentada no vídeo. Posteriormente, analisamos se as crenças sobre o humor racista se correlacionam com as expressões (implícitas ou explícitas) de racismo e como essas variáveis se manifestam na amostra estudada.

Desse modo, o Estudo 1 testou a hipótese geral de que o humor racista e o sorriso impactam as expressões de racismo ao endossar a naturalização do seu conteúdo. Assim, hipotetizamos que: H1) a piada quando apresentada por um ator sorrindo suscitará menos reações contrárias do que por um ator sério. Ou seja, as reações comportamentais contrárias, sejam elas verbais ou não-verbais, ao conteúdo exposto pelo ator serão menos frequentes quando a apresentação for realizada na presença do sorriso. A apresentação do conteúdo de forma jocosa parece endossar a naturalização do conteúdo racista presente no discurso (Fonseca, 2012; Moreira, 2019).

Há evidências na literatura que o humor depreciativo modifica as normas sociais em um dado contexto de modo a ditar reações convergentes a discriminação contra o grupo alvo. Assim, o humor racista amplia os limites de conduta apropriada, criando uma norma de tolerância a discriminação (Ford & Ferguson, 2004). Diante disso, na H2) esperamos que haja uma maior expressão de preconceito implícito quando a piada for apresentada por cúmplices sorrindo do que com expressão séria.

Quanto a cor da pele do ator que apresenta a piada, na H3) esperamos que a piada veiculada por um ator negro provoque mais emoções agradáveis e menos desagradáveis nos participantes do que quando apresentada por um ator branco. Dito de outro modo, esperamos que a piada apresentada por um ator branco provoque mais emoções desagradáveis ao seu conteúdo do que quando apresentada por um ator negro, uma vez que enquanto a cor da pele branca ativa a norma antirracista entre os participantes, a cor da pele preta parece atuar como salvo conduto para as expressões de racismo⁵. Nesta mesma direção, na H4) hipotetizamos que sejam escolhidos mais parceiros negros para a realização de uma tarefa hipotética subsequente a finalização do estudo quando a piada fosse apresentada pelo ator branco.

Em função da cor da pele do ator atuar ativando a norma social antirracista, esperamos na H5) que a piada quando apresentada por uma pessoa negra sorrindo provoque maior escore de preconceito racial implícito do que nas outras condições três condições, bem como na H6) que quando apresentada pelo ator branco sorrindo provoque mais afeto negativo e menos afeto positivo do que nas outras condições três condições.

Por entendermos que o humor atua como uma norma social que legitima a veiculação de conteúdos ofensivos e violentos, previmos na H7) que a piada quando apresentada pelos atores sorrindo provoque uma maior adesão às crenças sobre o humor depreciativo. Na H8) hipotetizamos que quanto maior a adesão às crenças sobre humor maiores os níveis de preconceito racial implícito.

Assim como entendemos que o humor atua como uma norma social mediando os níveis de preconceito racial, acreditamos que a motivação para responder sem preconceito

⁵ Tal hipótese deriva de evidências mais anedóticas, a exemplo do Juiz Clarence Thomas no Texto de Stuart Hall sobre jogos identitários.

Hall, S. (2005). Identidade cultural na pós-modernidade. In: Hall, S. *A identidade em questão: a busca da identidade na sociedade pós-moderna* (pp. 7-22). Rio de Janeiro: DP&A.

também seja capaz de mediar a relação entre os contextos experimentais de apresentação da piada e as expressões de preconceito racial implícito. Desse modo, a H9) prevê que a motivação interna para responder sem preconceito mediará a relação entre os contextos de humor racista e o preconceito racial implícito.

No tocante a cor da pele dos participantes, há evidências na literatura de brancos e pardos assumem padrões similares de preconceito racial dos pardos contra os pretos em função das especificidades que atravessam o racismo brasileiro (Muniz, Porto & Fucks, 2019; Turra & Venturi, 1995). Somado a isto, devido à dificuldade de composição de uma amostra hegemonicamente branca, optamos por incluir os pardos na amostra final do estudo. Diante disto, na H10) hipotetizamos que os resultados serão afetados pela cor da pele dos participantes, sendo expresso maiores escores de preconceito implícito entre os participantes brancos.

Método

Delineamento

O estudo consiste em um delineamento experimental, considerando duas variáveis independentes: cor da pele do cúmplice e contexto de humor racista. Os participantes foram alocados de forma aleatória a uma entre quatro condições em um delineamento fatorial 2 (*cor da pele do cúmplice*: branco ou negro) x 2 (*contexto de humor racista*: expressão facial neutra ou expressão de riso) entre sujeitos.

Participantes

Participaram 163 indivíduos, destes 13 abandonaram a pesquisa antes de concluir os instrumentos. Entre os 150 participantes que concluíram a pesquisa 95 eram mulheres (63,8%), com idades entre 18 e 66 anos ($M = 23,93$; $DP = 8,08$). Em relação a escolaridade, 113 (75,8%) tinham ensino superior incompleto, 29 (19,5%) ensino superior completo, seis

(4%) ensino médio completo e um (0,7%) ensino médio incompleto. No tocante à cor da pele, 66 (44,3%) autodeclararam como pardos, 59 (39,6%) como brancos, 20 (13,3%) pretos, três (2,0%) amarelos e um (0,7%) indígena. Para este estudo as respostas dos participantes pretos não foram analisadas, visto que o nosso objetivo é investigar como as pessoas que não pertencem ao grupo-alvo respondem ao estímulo do humor racista. As respostas dos participantes amarelos e indígenas viraram *missings* e, também, não compuseram o banco final. Assim, analisamos apenas as respostas dos participantes brancos e pardos, sendo a amostra final composta por 128 participantes.

Procedimentos

Inicialmente, os procedimentos de pesquisa previam o acesso a estudantes universitários em ambiente acadêmico. Contudo, a pesquisa iniciou em um contexto pandêmico no qual as interações sociais presenciais foram restritas e desencorajadas por questão de saúde pública. Diante disso, utilizamos a estratégia de coleta *online*, com o auxílio da plataforma *Qualtrics*. Para a divulgação, solicitamos o apoio de professores universitários bem como a participação da comunidade em geral por meio de ampla divulgação em redes sociais (e.g., *E-mail, Instagram e Whatsapp*).

Instrumentos e Materiais

- Vídeo com cenários experimentais

As nossas VIs foram manipuladas em cenários experimentais expressos em vídeos gravados por atores, os quais assumiram os papéis de participante negro e de participante branco. Além da própria pesquisadora, mulher negra, que atuou no seu próprio papel. Os

cenários retratam um contexto de coleta de dados *online* de uma pesquisa sobre processos cognitivos e emocionais, realizada a partir de aplicativo de videoconferência⁶.

As condições experimentais deste estudo foram: a) ator preto apresentando um áudio de piada racista com expressão facial séria na ausência da pesquisadora; b) ator preto apresentando um áudio de piada racista sorrindo na ausência da pesquisadora; c) ator branco apresentando um áudio de piada racista com expressão facial neutra na ausência da pesquisadora; e, d) ator branco apresentando um áudio de piada racista sorrindo na ausência da pesquisadora. Neste momento foi solicitado ao participante que ao assistir situação experimental exposta em vídeo apenas imaginasse ser o “participante” do vídeo que ouve a piada na cena apresentada. Os vídeos, a cor da pele dos cúmplices e da pesquisadora foram pré-testados por meio de avaliação juízes e validados mediante análises descritas em material suplementar.

Tabela 1.

Distribuição dos participantes em função das condições experimentais

Cor do ator	Reação do ator			
	Sério		Sorrindo	
	Participantes Pardos	Participantes Branco	Participantes Pardos	Participantes Branco
Branco	16	18	23	18
Preto	16	13	10	10

- *Questionário sobre percepção do participante sobre seu comportamento no cenário apresentado*

Cada participante assistia um entre os quatro vídeos de contextos experimentais. Após a sua apresentação, pedimos ao participante que respondesse as seguintes perguntas:

⁶ Um dos vídeos apresentados está disponível em: <https://youtu.be/c5vXa-fTln4>

“Imagine que você é o Participante X da cena apresentada. O que você faria nessa situação?; Como você imagina que se sentiria?; Qual entre os dois participantes você convidaria para te ajudar numa tarefa de resolução de problemas?”

- Teste Implícito de afeto positivo e negativo (IPANAT)

Em seguida apresentamos IPANAT a fim de investigar as emoções percebidas pelo participante após a experiência da piada. O teste tem sido utilizado para medir o afeto implícito e presume-se que opere de acordo com o princípio da infusão de afeto, o qual corresponde à influência que o afeto exerce sobre os julgamentos de objetos que não apresentam relação para a experiência afetiva em questão (Hernandez, Rovira, Quirin & Edo, 2020). Ou seja, o IPANAT mede a ativação automática de representações cognitivas de experiências afetivas (Quirin, Kazén, & Kuhl, 2009).

Durante o teste, os participantes são instruídos a fornecer classificações sobre o grau em que seis palavras sem sentido (SAFME, VIKES, TUNBA, TALEP, BELNI E SUKOV) soam como adjetivos de humor, sendo estes feliz, alegre, enérgico, desamparado, tenso e inibido (Quirin, Kazén, & Kuhl, 2009). Para este estudo adaptamos os adjetivos “alegre” para “entusiasmado” e “enérgico” para “ativo” (Apêndice X). Os 36 itens resultantes (seis palavras sem sentido associadas cada uma delas com seis estados de humor) são pontuados em uma escala Likert de 4 pontos, com extremos: 0 = Não se encaixa e 3 = Se encaixa muito bem.

Em seguida, as pontuações para afeto positivo foram calculadas pela média das pontuações de julgamentos relativos aos adjetivos de humor “feliz, entusiasmado e ativo”, enquanto as pontuações para afeto negativo foram derivadas da média das pontuações dos julgamentos relativos a “desamparado, tenso e inibido”.

A análise da consistência interna da escala indicou valores bons: para afeto positivo (AP), o alfa de Cronbach encontrado foi de 0.90; para afeto negativo (NA), o alfa foi de 0.80.

O alfa geral (das duas dimensões somadas) também indicou boa consistência interna ($\alpha=0,87$).

Consonante com Quirin, Kazén e Kuhl (2009), as pontuações médias de AP (Afeto Positivo) foram 1,72 ($DP = 0,52$). Os escores médios de NA (Afeto Negativo) foram 1,56 ($DP = 0,45$). A escala de AP apresentou valores médios mais elevados do que a escala de NA. Ou seja, em média, os participantes tenderam a classificar palavras sem sentido gramatical como adequadas a mais adjetivos de humor positivo do que adjetivos de humor negativo, sugerindo um viés para o humor positivo.

- *Testes de Associação Implícita (IAT)*

Posteriormente, solicitamos ao participante a realização do Teste de Associação Implícita. Concebido para uso em um computador, operante na parte experimental e de processo de dados, o método utiliza tempo de reação de voluntários na categorização de estímulos apresentados no centro de um monitor para mensurar as forças das preferências de atitudes implícitas entre pares de conceitos sociais e de atributos (Nosek, Banaji, & Greenwald, 2003).

O IAT é composto por cinco blocos. No primeiro, os alvos aparecem no centro da tela e devem ser categorizados pelos participantes. No segundo, surge ao centro da tela palavras que devem ser avaliadas positivamente ou negativamente. No terceiro bloco, em que são feitas associações, alvos e palavras alternam-se ao centro e devem ser identificados por uma junção de categorias e avaliações. O quarto bloco é similar ao primeiro, contudo as posições das categorias aparecerem invertidas. O quinto e último bloco é similar ao terceiro, havendo uma troca nos conjuntos de categorias e avaliações (Nosek et al., 2002)⁷.

Os dados dos blocos combinados são então analisados. Uma pontuação de diferença padronizada (D-score) é calculada para cada participante, indicando em qual condição

⁷Para melhor compreensão da interface do teste ver a plataforma online do Projeto Implícito, na qual consta testes de Associação Implícita(<https://implicit.harvard.edu/implicit/brazil/takeatest.html>).

(compatível vs. incompatível) eles foram mais rápidos. Uma pontuação D de 0 indica que não há diferença nas velocidades; uma pontuação positiva indica que um foi mais rápido no bloco compatível; uma pontuação negativa indica que um foi mais rápido no bloco incompatível. Ou seja, um D-score positivo indica uma associação do alvo negro com palavras positivas, enquanto um D-score negativo indica uma associação do alvo negro com palavras negativas. Quanto mais longe do zero maior é a associação.

Os dados do IAT foram processados usando o algoritmo de limpeza e pontuação de dados D-score (Greenwald et al., 2003; Lane et al., 2007). A taxa de tentativas rejeitadas (tentativas > 10 s) foi baixa em < 0,001% das tentativas. Não houve participantes eliminados por respostas excessivamente rápidas. Em seguida, os erros foram substituídos pela latência média para as tentativas corretas naquele bloco, aumentada com uma penalidade de 600 milissegundos (ou seja, procedimento D-600; Greenwald et al., 2003). A taxa de erro foi de 7%.

- *Escala Cavalier Humor Beliefs (CHB)*

O quarto instrumento pretende identificar tendências de ver piadas e humor de maneira não-crítica, alegre e indiferente. A Escala Cavalier Humor Beliefs (Hodson, Rush & MacInnis, 2010) original é composta por seis itens em um único fator, tais como “Às vezes as pessoas precisam relaxar e perceber que uma piada é apenas uma piada” e “A sociedade precisa se animar com piadas e humor em geral”. Para respondê-los, os participantes devem considerar uma escala do tipo Likert de sete pontos com extremos, 1 = discordo totalmente e 7 = concordo totalmente (Apêndice C).

A escala de crenças sobre o humor (CHB) foi submetida a uma análise de consistência interna. Os resultados apontam um alfa de 0.86, que indica consistência interna boa. As estatísticas descritivas da escala de crenças sobre o humor (CHB) indicaram uma média de respostas de 3.25 ($DP = 1,04$). Esse valor está significativamente abaixo do ponto médio da

escala (4), $t(148) = 37,97$, $p < 0,001$, que indica não adesão as crenças sobre o humor depreciativo.

- Escala de Motivações para Responder sem Preconceito

O quinto, e último, instrumento pretende identificar diferenças individuais de preconceito em relação aos grupos-alvo. Considerando os propósitos desta pesquisa, utilizaremos a Escala de Motivações para Responder sem Preconceito (Plant & Devine, 1998), adaptada para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2006), composta por dez itens distribuídos equitativamente em dois fatores de motivação: interna (por exemplo, “Procuro agir de forma não preconceituosa em relação aos negros porque isso é importante para mim”) e externa (por exemplo, “Procuro não apresentar preconceito contra negros, para evitar a desaprovação dos outros”).

Os itens avaliam em que medida as pessoas respondem não preconceituosamente em relação ao exogrupo. Para respondê-los, os participantes devem considerar uma escala de sete pontos, com extremos: 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente. Consideramos esta escala como medida no presente estudo por se apresentar como menos reativa quando comparada a medidas convencionais no estudo do preconceito.

As estimativas de consistência interna da escala indicaram um alfa de Cronbach de 0.45 para motivação interna, que indica uma consistência interna baixa, e de 0.62 para motivação externa. O alfa geral (das duas dimensões somadas) foi satisfatório ($\alpha = 0.72$). Os resultados indicaram que motivação interna para responder sem preconceito obteve uma média de respostas 3.41 ($DP = 0,69$) [$t(149) = 59,84$, $p < 0,001$], e a motivação externa obteve 2.34 ($DP = 0,62$) [$t(149) = 45,63$, $p < 0,001$] como valores médios.

Resultados e Discussão

Análise descritiva dos dados

IAT. As pontuações negativas indicam uma associação mais rápida no reconhecimento dos atributos negativos ao alvo negro. O tamanho de efeito foi avaliado por meio do método D de Cohen, sendo o mesmo $d = 0.52$. Observamos um forte efeito IAT: pontuações tendiam à associação do negro com o negativo, $MD\text{-Score} = 0.24$, $DP = 0,45$, que diferia significativamente de zero, $t(149) = 6,41$, $p < 0,001$.

Percepção comportamental pós-cenário experimental. Após leitura flutuante do material as respostas dos participantes a pergunta “Imagine que você é o Participante X desta cena apresentada. O que você faria nessa situação?” foram categorizadas, como proposto por Bardin (2011 [1977]). Oito categorias surgiram a partir das respostas dos participantes, sendo estas: “repreender o participante que apresentou”, “demonstrar preocupação com o participante que ouviu”, “ficar mal emocionalmente”, “sem reação”, “não sabe”, “sentir curiosidade/interesse em ouvir” e “achar engraçado”.

As estatísticas descritivas indicam que as respostas de 59 (45,7%) indivíduos estão representadas pela categoria “repreender o participante que apresentou”, 35 (27,1%) pela categoria “sem reação”, 11 (8,5%) pela categoria “curiosidade/interesse em ouvir”, oito (6,2%) pela categoria “demonstrar preocupação com o participante que ouviu”, oito (6,2%) pela categoria “ficar mal emocionalmente”, cinco (3,9%) pela categoria “não sabe”, três (2,3%) pela categoria “achar engraçado”.

Projeção emocional pós-cenário experimental. Após leitura flutuante do material de respostas dos participantes a pergunta “Como você imagina que se sentiria?” foram categorizadas. Quatro categorias surgiram a partir das respostas dos participantes, sendo estas: emoções agradáveis, emoções desagradáveis, neutro, não sabe.

Os resultados indicaram que as respostas de 105 (81,4%) indivíduos estão representadas pela categoria “emoções desagradáveis”, 10 (7,8%) pela categoria “emoções agradáveis”,

oito (6,2%) pela categoria “neutro”, quatro (3,1%) pela categoria “não sabe”. Dois indivíduos (1,6%) não responderam à questão.

Análises principais

A nossa primeira hipótese (H1) afirmava que *a piada veiculada por um ator sorrindo suscitará menos reações contrárias do que quando apresentada por uma pessoa com expressão neutra*. Para analisar melhor a percepção comportamental, consideramos as categorias de respostas dos participantes em uma ordem crescente, sendo “repreender o participante” a mais antirracista e “achar engraçado” a mais racista. Assim, construímos uma escala que variava de 1 a 6, sendo achar engraçado igual a 1, sentir curiosidade/interesse em ouvir igual a 2, sem reação 3, ficar mal emocionalmente 4, demonstrar preocupação com o participante que ouviu 5 e repreender o participante que apresentou 6, ilustrado na figura a seguir.

Figura 1.

Escala de variação da percepção comportamental dos participantes

Escala	Comportamento	Grau de racismo
1	Achar engraçado	Mais racista
2	Sentir curiosidade/ Interesse em ouvir	
3	Sem reação	
4	Ficar mal emocionalmente	
5	Demonstrar preocupação com o participante que ouviu	
6	Repreender o participante que apresentou	Mais antirracista

Os dados foram submetidos a uma Análise de Variância (ANOVA), na qual foram relacionadas três variáveis independentes, ou fatores, “cor da pele do cúmplice”, “contexto de

humor racista” e “cor da pele dos participantes” e a variável dependente “O que faria”. Os resultados revelaram que não houve efeito principal da cor da pele dos cúmplices $F(1,112) = 1,037$, n.s., nem do contexto $F(1,112) = 0,156$, n.s., tampouco da cor da pele dos participantes $F(1,112) = 0,346$, n.s.. Contudo, verificou-se uma interação entre contexto e cor da pele do cúmplice $F(1,120) = 6,515$, $p < 0,026$, $\eta^2 = 0,044$.

No contexto de humor racista neutro quando o ator branco apresenta a piada sem sorrir os participantes apresentam uma maior reação contrária ao humor racista ($M = 4,96$; $DP = 0,29$) do que quando o ator negro sem sorrir apresenta ($M = 4,56$ $DP = 0,33$). Já no contexto de humor racista chancelado com sorriso do cúmplice, quando o ator branco apresenta a piada os participantes expressam uma menor expressão de reação contrária ao humor racista ($M = 4,13$; $DP = 0,26$) do que quando o negro apresenta ($M = 5,15$; $DP = 0,36$).

Os achados indicam que a cor da pele do ator atua atenuando ou evidenciando a norma antirracista. No contexto neutro, no qual os atores apresentam a piada com expressão facial sem sorriso, a cor da pele do ator branco atua elevando os escores da medida de comportamento. Enquanto no contexto sorriso, em que os atores apresentam a piada sorrindo, é a cor da pele do ator negro que atua elevando os escores da medida de comportamento projetado. Parece que o conteúdo expresso por um ator negro sorrindo em alguma medida atenua a norma antirracista provocando maior expressão de racismo.

Tabela 2.*Relação entre contexto de humor e cor da pele do ator*

Cor do cúmplice	Contexto	Média	Desvio Padrão
Branco	Sério	4,96	0,29
	Sorriso	4,13	0,26
Preto	Sério	4,56	0,33
	Sorriso	5,15	0,36

Para testar o efeito da cor da pele do cúmplice (branco *versus* preto) na projeção emocional pós-cenário de piada, realizamos uma ANOVA pondo como variáveis independentes “cor do cúmplice”, “contexto de humor racista” e “cor do participante” e a variável dependente “Como você se sentiria caso fosse o participante A ou B da cena apresentada?”. Encontramos um efeito tendencial para a cor da pele do ator $F(1,123) = 3,609$; $p < 0,072$, $\eta^2 = 0,029$. Contudo, os dados foram numa direção contrária do que prevíamos. O resultado indica que os participantes sentem mais emoções desagradáveis quando o cúmplice preto apresenta a piada ($M = 2,15$; $DP = 0,74$) do que quando o branco apresenta ($M = 1,97$; $DP = 0,60$).

Alguns estudos (Cabrera, 2014; Pèrez, 2013; Rod, 2007) sobre humor afirmam que uma forma de legitimar o conteúdo ofensivo e torná-lo mais palatável ao público, por exemplo, quando é o próprio interlocutor, membro do grupo minoritário, a utilizar de estigmas do grupo ao qual faz parte em sua fala jocosa. Mas, com relação a projeção emocional, os dados deste estudo parecem indicar o contrário. Os participantes dizem ficar mais desconfortáveis quando o cúmplice preto apresentou a piada de cunho racial. O contexto de humor racista apresentado por um negro sorrindo na mesma medida que impacta em

maiores projeções de comportamento racistas (ex. achar engraçado, ter interesse em ouvir a piada etc.) parece provocar maiores desconfortos nos ouvintes.

No tocante à escolha do parceiro para tarefa hipotética subsequente, realizamos uma análise de contingência (Teste X^2 - Qui-quadrado). A análise não indicou efeitos significativos da cor da pele do ator sobre a escolha do participante [$X^2(1) = 0,00$, n.s.], entretanto 83 (64,84%) entre os 128 participantes escolheram o cúmplice negro para realizar uma tarefa hipotética ao final da pesquisa. Os resultados também não indicaram efeito para o contexto de humor racista [$X^2(1) = 0,00$, n.s.], contudo verificou-se que o cúmplice preto foi o mais escolhido para realizar a tarefa independentemente do contexto de humor racista, como apresentado na Tabela 3. refutando a nossa hipótese (H4).

Tabela 3.

Frequência de escolha do participante por condição experimental

		Escolha do participante		
		Branco	Negro	Total
Contexto	Sério	23	44	67
	Sorriso	22	40	62
Total		45	83	128

Em relação ao preconceito implícito, realizamos uma Análise de Variância Univariada pondo os contextos de humor racista 2 (neutro x sorriso) x 2 cor da pele do ator (negro x branco) x 2 cor da pele dos participantes (brancos x pardos) como variáveis independentes e o escore IAT como variável dependente. E nesse caso, os resultados indicaram efeito significativo para os contextos, $F(1,116) = 3,912$, $p = 0,050$, $\eta^2 = 0,033$.

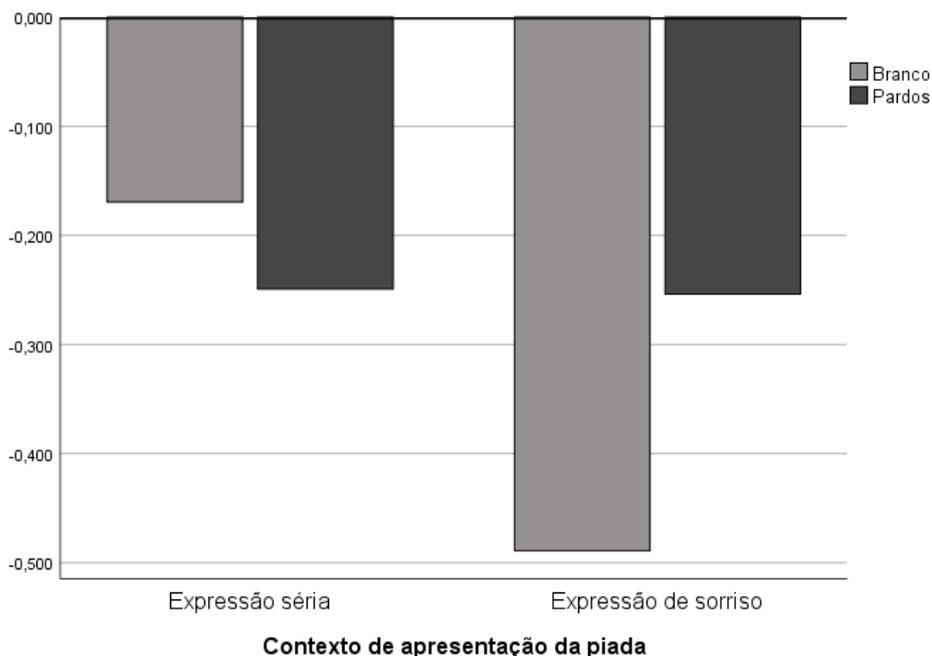
Houve uma maior expressão de preconceito implícito contra os negros no contexto em que os atores apresentam a piada sorrindo ($M = 0,371$; $DP = 0,06$) do que no contexto em que a piada foi apresentada com expressão séria ($M = 0,209$; $DP = 0,056$). O contexto de sorriso da apresentação da piada atua aumentando as expressões de preconceito implícito na amostra

pesquisada. Consonante com Ford e Ferguson (2004), os resultados indicam que de fato existem consequências sociais do humor racista. Este ao comunicar uma mensagem de aprovação ou tolerância a discriminações atua elevando os escores de preconceito racial implícito entre os participantes, confirmando a nossa H2. Ademais, não houve efeito significativo para a cor da pele dos atores $F(1,116) = 0,002$, p. n.s., nem para a cor da pele dos participantes $F(1,116) = 0,900$, n.s.

Os resultados indicaram, ainda, uma interação significativa entre o contexto de humor racista e a cor da pele dos participantes do estudo, $F(1,116) = 3,68$, $p = 0,057$, $\eta^2 = 0,031$. Na Figura X podemos ver que o preconceito implícito dos participantes pardos pouco se altera face aos contextos de humor racista. Contudo, entre os participantes brancos é possível observar um efeito do contexto nas médias de respostas. No contexto em que o ator apresenta a piada com expressão neutra os participantes brancos apresentam um efeito IAT próximo de zero ($M = 0,169$, $DP = 0,08$) o que indica ausência de preconceito. Enquanto no contexto em que o ator, seja ele branco ou negro, apresenta a piada sorrindo constata-se uma maior expressão de preconceito implícito contra os negros ($M = 0,19$, $DP = 0,48$). Assim, a nossa hipótese que previa que o contexto de humor racista com sorriso aumentaria o preconceito implícito, pois o sorriso atua como legitimação do humor racista, se confirma entre participantes brancos. Cabe referir que a intenção original desta pesquisa era considerar somente participantes brancos na análise, pois parte-se do entendimento de que o humor racista é um dos elementos da ideologia da branquitude. Nesse sentido, o ingresso de participantes pardos, que permitiu a comparação supracitada, deveu-se às dificuldades de coleta de dados no período de pandemia.

Figura 2.

Médias de preconceito implícito contra negros dos participantes brancos e pardos nas condições experimentais



Quanto à projeção de afetos medida via IPANAT, os resultados de uma Análise de Variância Univariada, tomando os contextos de humor racista (sorriso x neutro) x cor da pele do ator (negro x branco) x cor da pele do participante (branco x pardo) como variáveis independentes e o escore de projeção afetiva negativa como variável dependente, indicam um efeito significativo para a cor da pele dos participantes, $F(1,117) = 5,694$, $p < 0,02$, $\eta^2 = 0,031$. Os resultados sugerem que os participantes pardos apresentaram maior escore de afeto negativo ($M = 1,69$; $DP = 0,60$) do que os brancos ($M = 1,48$; $DP = 0,62$). Desse modo o humor racista parece incomodar mais aos não brancos, ou seja, a cor deles interfere nos resultados encontrados acima. As brincadeiras e piadas racistas, que configuram esse tipo de humor, endossam construções culturais responsáveis pela afirmação da branquitude como um referencial de superioridade moral e estética.

BM Este sugere que a apresentação da piada na presença do sorriso do ator provoca maior desconforto ($M = 1,67$; $DP = 0,06$) do que quando a piada é apresentada por um ator sério ($M = 1,50$ $DP = 0,05$).

Para testar a adesão as crenças sobre humor depreciativo realizamos uma ANOVA pondo os contextos de humor racista 2 (neutro x sorriso) x 2 cor da pele do ator (negro x branco) x 2 cor da pele dos participantes (brancos x pardos) como variáveis independentes e o escore CHB como variável dependente. Os resultados indicaram um efeito significativo para a interação contexto x cor da pele do participante $F(1,117) = 4,942$, $p = 0,03$, $\eta^2 = 0,041$. A interação indica que os participantes pardos apresentam uma maior adesão a CHB no contexto neutro ($M_{\text{neutro}} = 3,49$ $DP = 0,18$ vs. $M_{\text{sorriso}} = 3,10$ $DP = 0,19$), enquanto os brancos aderem mais a CHB no contexto sorriso ($M_{\text{sorriso}} = 3,49$; $DP = 0,20$). ($M_{\text{neutro}} = 3,01$ $DP = 0,19$). Apesar de ambos os resultados estarem abaixo do ponto médio da escala (4) [$t(128) = 35,281$, $p < 0,001$], observamos maior adesão às crenças sobre humor depreciativo entre os participantes do grupo experimental em que o a piada apresentou a piada sorrindo. Desse modo, os dados indicam que o contexto normativo de humor racista com legitimação (sorriso) aumenta a adesão a CHB entre os brancos, confirmando, assim, a nossa hipótese H7 (Tabela X).

A fim de investigar se as crenças sobre o humor se correlacionam com os níveis de preconceito racial implícito realizamos uma correlação parcial de Pearson (r). Não encontramos correlação significativa entre as variáveis citadas, mas observamos uma correlação positiva tendencialmente significativa entre crenças sobre o humor e afeto positivo, controlados para o contexto normativo de humor, a cor da pele do cúmplice, a cor da pele e o sexo do participante [$r = 0,165$; $p = 0,06$]. A correlação indica que quanto maior a adesão às crenças sobre o humor maior a expressão de afeto positivo pós-piada racista,

confirmando nossa hipótese geral de que o humor cria um desbloqueio emocional que facilita a expressão do racismo.

Uma análise mediacional foi realizada a fim de examinar se a motivação para responder sem preconceito poderiam explicar estatisticamente a interação entre os contextos de humor racista e o preconceito implícito. No entanto, não encontramos efeitos mediadores, [$\beta = 0,008$; $p = n.s.$]. A mediação não existe, presume-se a desejabilidade social foi um fator que atuou nos escores da medida explícita utilizada que, possivelmente, impactou os resultados da mediação.

Os resultados encontrados neste estudo correspondem a um cenário projetado, ou seja, criamos um cenário experimental no qual o pedíamos aos participantes que se colocassem no lugar do outro e pensasse o que faria frente ao contexto de humor racista. Mas, e quando os participantes estão em cena, a sua resposta comportamental condiz com a projetada? Com base nesta pergunta e no conjunto de resultados obtidos neste estudo, pensamos em um segundo estudo no qual os participantes vivenciam o cenário experimental de humor racista a fim de verificar se em situações reais os participantes fariam o mesmo que disseram que fariam em situações hipotéticas.

Estudo 2

Assim como no estudo anterior, este estudo também apresentou como objetivo geral analisar o impacto da exposição ao humor racista nas expressões de racismo, analisando o papel mediador da motivação para responder sem preconceito. Entretanto, enquanto no estudo 1 buscamos entender o julgamento do participante sobre o seu próprio comportamento se estivesse em cena (como ele imagina que se comportaria), neste estudo investigamos o que de fato acontece quando o participante está presente na cena racista e pode interferir sobre ela de forma imediata.

Diante disso, hipotetiza-se que: H1) a piada racista quando apresentada pelo ator branco provocará mais reações contrárias do que quando apresentada pelo negro. Ou seja, as reações comportamentais contrárias ao conteúdo exposto pelo ator serão mais frequentes quando a apresentação for realizada por uma pessoa branca.

Na H2) hipotetiza-se que o cúmplice preto será mais escolhido para a realização de uma tarefa hipotética subsequente a finalização do estudo quando a piada for apresentada pelo cúmplice branco.

Em função da cor da pele do ator atuar ativando a norma social antirracismo, espera-se na H3) que a piada veiculada pelo cúmplice branco provoque mais afeto negativo e menos positivo que pelo cúmplice preto, bem como na H4) que a piada apresentada pelo cúmplice branco provoque mais preconceito racial implícito do que quando apresentada pelo preto. Espera-se ainda na H5) que quanto maior a adesão às crenças sobre humor maiores os níveis de preconceito implícito.

Como entendemos que o humor racista atua como uma ferramenta da branquitude para referendar o sistema de opressão social, acreditamos que a norma da branquitude possa mediar a relação entre os contextos experimentais e as expressões de racismo. Desse modo, a H7) prevê que a adesão as normas da branquitude mediará a relação entre cor da pele dos cúmplices e o preconceito implícito. Por fim, na H8) prevemos que o comportamento do cúmplice branco quando será avaliado mais negativamente que o comportamento do cúmplice preto.

Método

Participantes

Participaram 37 indivíduos, entre os quais 25 eram mulheres (67,6%), com idades entre 19 e 55 anos ($M = 25,2$; $DP = 8,55$). Em relação à escolaridade, 20 (54,1%) tinham ensino superior incompleto, 12 (32,4%) ensino superior completo, três (8,1%) ensino médio

completo, um (2,7%) ensino médio incompleto e um (2,7%) ensino fundamental completo. Quanto a cor da pele, apesar dos participantes terem declarado cor da pele branca em cadastro prévio, no momento da realização da pesquisa 19 (51,4%) autodeclararam como brancos, 15 (40,5%) como pardos, dois (5,4%) pretos e um (2,7%) amarelo. Assim como no Estudo 1, neste estudo as respostas dos participantes pretos não foram analisadas, restando 35 participantes.

Instrumentos e materiais

Os instrumentos que compõem este estudo foram os mesmos do Estudo 1, sendo que são autoaplicáveis, foram hospedados e aplicados por meio do *software* e ferramenta de questionários na plataforma *Qualtrics*.

– Áudio de piada

Utilizamos como material estímulo um áudio de piada racista exposto via conferência online de coleta de dados. Dois colaboradores da pesquisadora – aqui denominados cúmplices – informam ter recebido via aplicativo de mensagem um áudio de piada racista e o apresentam, de forma alternada, em seguida na conferência com o participante. O repertório da piada foi o mesmo para os dois assistentes da pesquisadora (branco e negro).

– Teste Implícito de afeto positivo e negativo (IPANAT)

O instrumento utilizado foi o mesmo do estudo I. As pontuações médias de AP (Afeto Positivo) foram 1,72 ($DP = 0,43$), $t(28) = 21,12$, $p < 0,05$. Os escores médios de NA (Afeto Negativo) foram 1,60 ($DP = 0,48$), $t(29) = 17,72$, $p < 0,05$. Assim, a escala de AP apresentou valores médios mais elevados do que a escala de NA. Ou seja, assim como no estudo I, os participantes tenderam a classificar palavras artificiais como adequadas a mais adjetivos de humor positivo do que adjetivos de humor negativo, sugerindo um viés para o humor positivo.

As estimativas de consistência interna indicaram valores bons: para afeto positivo, o alfa de Cronbach encontrado foi de 0.85, que indica uma consistência interna alta; para **afeto negativo**, o alfa foi de 0.84, que também indica uma consistência interna alta.

– *Testes de Associação Implícita (IAT)*

Os dados do IAT foram processados, assim como no estudo anterior, utilizando o algoritmo de limpeza e pontuação de dados D-score (Greenwald et al., 2003; Lane et al., 2007). A taxa de tentativas rejeitadas (tentativas > 10 s) foi baixa em < 0,002% das tentativas. Não houve participantes eliminados por respostas excessivamente rápidas. Em seguida, os erros foram substituídos pela latência média para as tentativas corretas naquele bloco, aumentada com uma penalidade de 600 milissegundos (ou seja, procedimento D-600; Greenwald et al., 2003). A taxa de erro foi de 6%.

– *Escala Cavalier Humor Beliefs (CHB)*

A CHB foi submetida a uma análise de consistência interna. Os resultados apontam um alfa de 0.75, que indica consistência interna moderada, e a média de respostas de 3,31 ($DP = 0,95$). Esse valor está significativamente abaixo do ponto médio da escala (4), $t(36) = 4,382$, $p < 0,001$, que indica não adesão as crenças sobre o humor depreciativo.

– *Escala de Motivações para Responder sem Preconceito*

As análises de consistência interna indicaram valores baixos: para motivação interna o alfa Cronbach foi de 0.51; para motivação externa foi de 0.51. A média de respostas para a motivação interna foi a média de respostas 3,8 ($DP = 0,64$), $t(28) = 15,90$, $p < 0,001$, e para motivação externa 1,91 ($DP = 0,44$), $t(29) = 45,99$, $p < 0,001$.

– *Escala de Branquitude*

Neste estudo incluímos a Escala de Branquitude (Oliveira, 2023) que pretende mensurar aspectos cognitivos e afetivos da branquitude uma vez que a nossa amostra é

composta por pessoas brancas. A escala é composta por 13 itens em um único fator, tais como: “Quando ouço uma piada com conteúdo racista, eu sinto desconforto e digo que não deve ser contada” e “No dia a dia, não me dou conta que sou branco”. Para respondê-los, os participantes devem considerar uma escala do tipo Likert de sete pontos com extremos, 1 = concordo totalmente e 5 = discordo totalmente (Apêndice Y).

Os itens positivos se referem teoricamente a branquitude crítica, enquanto os itens negativos referem-se a branquitude acrítica. A consistência interna do fator geral da escala foi $\alpha = 0,34$. Os resultados indicaram uma média de respostas 1,60 ($DP = 0,60$) [$t(26) = 13,802$, $p < 0,001$].

– *Escala de avaliação de comportamento do cúmplice*

No sexto instrumento solicitamos aos participantes que avaliassem em uma escala de diferencial semântico o quanto consideram o “participante” que apresentou a piada caloroso/frio; positivo/negativo; engraçado/hostil; confiante/desconfiado; respeitoso/desrespeitoso; e, admirável/repulsivo.

– *Entrevista pós-experimental*

Por fim, após o cenário experimental, e consequente conclusão dos instrumentos, realizamos uma entrevista com os participantes, na qual apresentamos uma breve devolutiva dos objetivos gerais da pesquisa a qual se dispuseram contribuir. Na entrevista, os participantes foram indagados a respeito das impressões gerais sobre a pesquisa, sobre como se sentiram ao participar da mesma, sobre as motivações pessoais para a escolha do parceiro de tarefa e sobre quem o participante acredita que a maioria dos demais participantes escolheria.

Procedimentos

Inicialmente, assim como no Estudo 1, os procedimentos de pesquisa previam o acesso a estudantes universitários em ambiente acadêmico. Contudo, diante da impossibilidade em função do contexto pandêmico utilizamos a estratégia de coleta online, com o auxílio da plataforma *Qualtrics*. Para a divulgação, solicitamos o apoio de professores universitários bem como a participação da comunidade em geral por meio de ampla divulgação em redes sociais (e.g., *E-mail, Instagram e Whatsapp*).

Os participantes foram convidados por meio de mídias sociais a participar de uma pesquisa online realizada a partir de um vídeo chamada em conferência com a pesquisadora responsável.

Na videoconferência a pesquisadora informou o caráter do estudo e garantiu o sigilo e anonimato dos dados, assegurados via TCLE – hospedado na *Qualtrics*. Após um breve *rapport*, a pesquisadora solicitava aos presentes na chamada de vídeo (cúmplice e participante) que aguardassem alguns instantes para que o link com os instrumentos fosse enviado. Nesse momento, enquanto a pesquisadora (com a câmera aberta a todos) fingia procurar um arquivo em seu computador, o cúmplice informava ter recebido um áudio via aplicativo de mensagens e o apresentava ao participante. Após a finalização do áudio, a pesquisadora retoma a condução do estudo.

Na condição experimental 1, após o pedido de espera da pesquisadora, o cúmplice branco informava ter recebido um áudio e convocava a atenção do participante, chamando-o pelo nome a partir do seguinte texto: “Ei, [Nome do participante]. Veja o que acabei de receber aqui...”.

Na condição experimental 2, também após o pedido de espera da pesquisadora, o cúmplice negro informava ter recebido um áudio via aplicativo de mensagens e convocava a atenção do participante com o mesmo seguimento de texto.

Após a finalização do áudio a pesquisadora retomava a condução da pesquisa dando prosseguimento à aplicação dos instrumentos. Os instrumentos seguiram a mesma ordem de apresentação do Estudo I.

Delineamento

O estudo consiste em um delineamento experimental, considerando uma variável independente: cor da pele do cúmplice (branco ou preto). Os participantes foram alocados de forma aleatória a uma entre as duas condições. Participaram do cenário com o cúmplice branco 19 indivíduos e 16 com o cúmplice preto.

Tabela 4.

Distribuição dos participantes em função das condições experimentais

		Cor do participante			Total
		Branco	Pardo	Amarelo	
Cor do cúmplice	Branco	9	9	1	19
	Negro	10	6	0	16
Total		19	15	1	35

Resultados e Discussão

Análises descritivas

IAT. Os IATs receberam pontuação D com pontuações negativas indicando uma associação do negro com o negativo. O tamanho de efeito foi avaliado por meio do método D de Cohen, sendo o mesmo $d = 0.42$. Observamos um forte efeito no software de pesquisa IAT: pontuações tendiam à associação do negro com o negativo, MD-Score = 0,231, $DP = 0,54$, que diferia significativamente de zero, $t(37) = 2,56$, $p < 0,01$.

Comportamento dos participantes após piada racista. As expressões comportamentais dos participantes pós-cenário experimentais foram observadas por dois pesquisadores

independentes e categorizadas a partir das categorias encontradas no Estudo I. Os comportamentos observados foram categorizados a partir das categorias encontradas no Estudo 1. As categorias de comportamento observadas neste estudo foram “repreender o participante que apresentou a piada” e “sem reação”. As estatísticas descritivas indicaram que o comportamento observado entre 35 (94,6%) participantes foi “sem reação”. Destes 19 compunham o grupo experimental da piada veiculada pelo cúmplice branco e 16 da piada veiculada pelo cúmplice preto. O comportamento de um indivíduo foi incluído na categoria “repreender o participante que apresentou” ao reagir verbalmente via *chat* da plataforma criticando a piada racista, sendo este do grupo experimental do cúmplice branco. E outro indivíduo foi incluído na categoria comportamental “achar engraçado”.

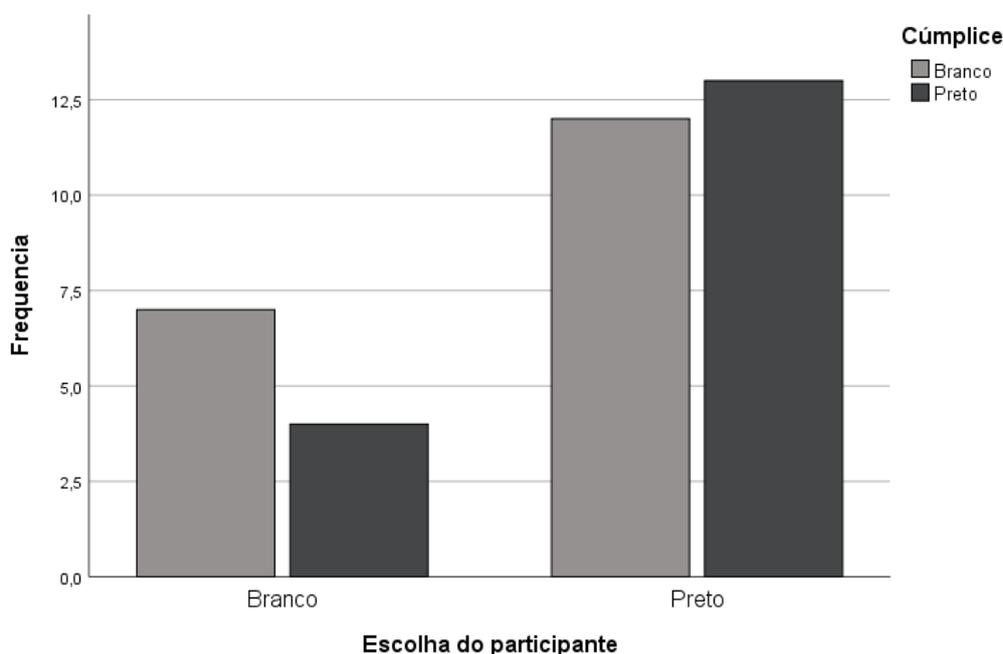
Análises principais

Para testar o efeito da cor da pele do cúmplice (branco versus negro) sobre a reação comportamental, realizamos uma Análise de Contingência que não indicou diferenças entre os grupos experimentais, $X^2(2) = 2,02$, n.s.

Realizamos uma análise de contingência (Teste X^2) para testar o efeito da cor da pele do cúmplice sob a escolha de parceiro para tarefa subsequente. Os resultados não indicaram efeitos significativos da cor da pele de quem apresenta a piada sobre a escolha [$X^2(1) = 0,749$, n.s.], o que não permite confirmar a nossa hipótese. Contudo, é possível perceber que os participantes de modo geral escolhem mais o cúmplice negro, independentemente da cor da pele da pessoa que apresenta a piada, como pode ser percebido no gráfico X (Gráfico X). Esse resultado parece reproduzir o fenômeno da assimetria positivo-negativa que é observado em diversos estudos que comparam brancos e negros usando medidas explícitas (ver Mummendey, Otten, Berger & Kessler, 2000), que implica numa tendência geral a avaliar mais positivamente e menos negativamente pessoas negras

Figura 3.

Médias de frequência da escolha do participante nas condições



No que se refere a projeção afetiva medida pelo IPANAT, realizou-se uma Análise Multivariada de Variância (MANOVA) pondo a cor da pele do cúmplice 2 (branco x negro) como variável independente e os escore de afeto positivo e afeto negativo como variáveis dependentes. Os resultados da análise indicaram que não houveram efeitos significativos para a cor da pele do cúmplice para o afeto negativo $F(1,127) = 1,926$, n.s.. No entanto, os resultados indicaram efeito tendencial da cor da pele do cúmplice para o afeto positivo $F(1,127) = 3,316$, $p = 0,071$, $\eta^2 = 0,025$. A interação indica que os participantes apresentam maior afeto positivo quando a piada é apresentada pelo cúmplice preto ($M = 1,84$; $DP = 0,74$) do que pelo cúmplice branco ($M = 1,67$; $DP = 0,06$), confirmando a hipótese H3.

Para testar o impacto da cor da pele do cúmplice nas expressões de preconceito implícito, realizamos uma ANOVA pondo a cor da pele dos cúmplices como variável independente e o escore IAT como variável dependente. Os resultados não indicaram efeito para a cor da pele do cúmplice $F(1,36) = 0,052$, n.s, refutando assim a nossa H4.

Também realizamos uma ANOVA para testar o impacto da cor da pele do cúmplice na adesão as crenças sobre humor depreciativo. Os resultados não indicaram efeitos significativos para a cor da pele dos cúmplices $F(1,36) = 0,145$, n.s., refutando a H5.

Para testar a correlação entre a adesão às crenças sobre humor e os níveis de preconceito racial implícito (H6) realizamos uma correlação parcial de Pearson (r). A correlação parcial mostrou que há uma correlação negativa e fraca entre preconceito implícito e crenças sobre o humor, controlados para a cor da pele do cúmplice e o sexo do participante [$r = -0,380$, $p < 0,025$]. A correlação sugere que aqueles com maior preconceito implícito são menos propensos a aceitar o humor depreciativo. A H6 previa que quanto maior a adesão as crenças sobre o humor depreciativo maior o preconceito implícito. Logo, os resultados da correlação foram numa direção contrária da hipotetizada. Presume-se que um dos fatores da direção contrária a esperada se deve ao fato de que se correlacionou uma medida implícita com uma medida explícita a qual é afetada pela desejabilidade social.

Utilizamos procedimentos padronizados de análise mediacional para examinar se a adesão a normas da branquitude poderiam explicar estatisticamente a interação entre a cor da pele do ator e o preconceito implícito (H7). No entanto, não encontramos efeitos mediadores, [$\beta = 0,042$; $p = \text{n.s.}$]. Presume-se que a baixa adesão a branquitude pela amostra estudada impactou os resultados da análise em questão.

Sobre a hipótese que previa uma pior avaliação do cúmplice branco frente ao cúmplice preto quanto aos seus traços comportamentais (H8). Os resultados revelaram que não houve diferenças de avaliação entre os cúmplices branco e preto quanto a ser Caloroso/Frio, $F(1,36) = 0,772$, n.s.; Positivo/Negativo, $F(1,36) = 0,397$, n.s. ; Engraçado/Hostil, $F(1,36) = 0,000$, n.s.; Respeitoso/Desrespeitoso, $F(1,36) = 0,057$, n.s.; Admirável/Repulsivo, $F(1,36) = 0,183$, n.s e Admirável/Repulsivo $F(1,36) = 0,57$,n.s.

Discussão geral

Neste artigo analisamos em dois estudos o impacto da cor da pele do ator e os contextos de humor racista nas respostas comportamentais, emocionais e de preconceito implícito dos participantes. Com base em buscas sistemáticas realizadas no contexto desta investigação, constatamos que se trata da primeira pesquisa sobre humor e racismo utilizando a metodologia experimental no país com a maior população negra vivendo fora da África e que desde muito tempo caracteriza seu racismo como sendo um racismo recreativo ou cordial (Turra & Venturi, 1995).

No estudo I, buscamos entender como as pessoas imaginam que se comportariam e como se sentiriam diante de uma cena de apresentação de piada racista. Por outro lado, no estudo II investigamos como as pessoas realmente se comportam e se sentem diante de um episódio de apresentação de piada racista. Consonante com Kawakami et. al (2009), os nossos resultados indicam que, embora as pessoas previssem que ficariam muito chateadas com um ato de racismo apresentado por meio de piada, quando elas realmente vivenciam esse evento, elas mostram relativamente pouco sofrimento emocional. Além disso, as pessoas superestimam o grau em que uma piada racista provoca rejeição comportamental ao seu interlocutor. Ou seja, embora as pessoas antecipem sentir-se muito constrangidas, chateadas, tristes e agir frente a um episódio de racismo apresentado por meio de piada, elas na verdade respondem com indiferença. Os presentes achados sugerem uma ligação potencial entre respostas afetivas e comportamentais ao racismo e contribuem para a teorização sobre o papel da emoção nos estudos do preconceito e da discriminação.

Nos dois estudos encontramos uma associação negativa significativa entre o negro e atributos negativos, o que sugere uma forte associação automática entre a cor da pele e aspectos negativos, refletindo, assim, o preconceito implícito. A análise do preconceito racial implícito sob os contextos de humor do Estudo 1 indicou que a apresentação da piada racista

mediante sorriso aumenta as expressões de preconceito implícito, confirmando a nossa hipótese. Além disso, encontramos também uma interação significativa entre a cor da pele dos participantes e o contexto de humor, o que sugere uma variação na expressão do preconceito implícito entre os grupos raciais de participantes em resposta aos diferentes contextos (nesse caso, contexto de apresentação com ou sem sorriso).

As respostas comportamentais pós-cenário experimental indicam que uma grande porcentagem dos participantes expressou comportamentos antirracistas em suas respostas, sendo a categoria de resposta mais prevalente no estudo 1 “repreender o participante que apresentou a piada”. No entanto, no estudo 2 (em que os participantes estavam em cena ao vivo) o comportamento pós-piada vai em direção oposta. Aproximadamente 94,6% da amostra não apresentou reação expressiva ao contexto de humor racista independentemente da cor da pele do ator que apresentou a piada. Assim, tanto a existência de preconceito implícito evidenciada nas respostas do IAT quanto à falta de reação à cena de racismo destacam a persistência do preconceito racial na amostra estudada, bem como sua expressão à brasileira que se caracteriza por um racismo silencioso, sem face e que se afirma na intimidade (Lima, dos Santos Rodrigues, & Santos, 2022; Schwarcz, 1998)

Nosso instrumento de projeção emocional por meio de palavras inexistentes na língua portuguesa não indicou uma mobilização emocional negativa tanto entre os participantes do estudo 1 quanto os do estudo 2. No entanto, os participantes do estudo 1 referiram em resposta aberta uma prevalência de emoções desagradáveis, especialmente quando a piada era apresentada por um ator negro. Este achado vai em direção oposta ao que hipotetizamos e sugere que a cor da pele do ator negro, em alguma medida, ativa a norma antirracismo provocando maior desconforto emocional nos participantes no contato com o conteúdo racista da piada apresentada. Diante desse resultado, discutimos a possibilidade de que a cor da pele parece atuar em duas direções: para alguns, menos atentos às questões raciais, há um

afrouxamento da norma antirracista; enquanto para outros, possivelmente com maior letramento racial, há uma maior saliência da norma antirracista no contexto experimental. Tal hipótese merece ser melhor investigada em outros estudos

Os achados dos dois estudos sugerem que a aceitação do humor depreciativo está associada a expressões de afeto positivo, ou ainda a ausência de mobilização afetiva, destacando a necessidade de explorar as dinâmicas psicológicas subjacentes a essa associação. Ademais, os estudos fornecem uma visão abrangente de como o preconceito implícito se manifesta em resposta ao humor racista, destacando a complexidade das interações entre cor da pele dos atores, dos participantes e os contextos de apresentação da piada.

Como limitação, destacamos que uma restrição importante na generalidade das nossas conclusões é que as amostras foram majoritariamente de estudantes universitários, em função da dificuldade em recrutar participantes da comunidade em geral. A coleta de dados online e o delineamento experimental também impõem um cuidado na generalização desses resultados. De todo modo, esses fatores não impediram a análise e comparação entre os estudos. Os resultados adicionam elementos à compreensão da ligação entre emoções e comportamentos nos estudos do preconceito e da discriminação. Estudos futuros podem explorar ainda mais essas nuances (como estratégias de coleta de dados presenciais, driblando algumas das variáveis intervenientes) e fomentar estratégias eficazes de redução do preconceito implícito e promoção de uma sensibilidade cultural.

Referências

- Allport, G. W. (1954/1979). *The nature of prejudice*. 3ª Ed. Wokingham: Addison-Wesley.
- Apel, D. (2009). Just Joking? Chimps, Obama and Racial Stereotype. *Journal of Visual Culture*. 8. 134-142. <https://doi.org/10.1177/14704129090080020203>.

- Atluri, T. (2009). Lighten up?! Humour, Race, and Da off colour joke of Ali G. *Media Culture & Society - MEDIA CULT SOC.* 31, 197-214. <https://doi.org/10.1177/0163443708100314>.
- Bailey, C. (2012). Fight the Power: African American Humor as a Discourse of Resistance. *Western journal of black studies*, 36, 253.
- Banjo, O. (2011). What are You Laughing at? Examining White Identity and Enjoyment of Black Entertainment. *Journal of Broadcasting & Electronic Media.* 55. 137-159. <https://doi.org/10.1080/08838151.2011.570822>.
- Barnes, B., Palmary, I., & Durrheim, K. (2001). The Denial of Racism: The Role of Humor, Personal Experience, and Self-Censorship. *Journal of language and social psychology*, 20(3), 321–338. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Bell-Jordan, K. E. (2007). Speaking Fluent ‘Joke’ Pushing the racial envelope through comedic performance on Chappelle's Show, *Performance Research*, 12(3), 74-90. <https://doi.org/10.1080/13528160701771329>
- Billig, M. (2001). Humour and Hatred: The Racist Jokes of the Ku Klux Klan. *Discourse & society*, 12(3), 267–289. <https://doi.org/10.1177/0957926501012003001>
- Bonilla-Silva, E. (2010). *Racism without racists – Color-blind racism & racial inequality in contemporary America*. MD: Rowman& Littlefield Publishers, INC.
- Cabrera, N. L. (2014). But We’re Not Laughing: White Male College Students’ Racial Joking and What This Says About “Post-Racial” Discourse. *Journal of College Student Development*, 55, 1-15. <https://doi.org/10.1353/csd.2014.0007>

- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um *software* gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. <https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>.
- Crosby, J., Monin, B., & Richardson, D. (2008). Where do we look during potentially offensive behavior? *Psychological Science*, 19, 226–228. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2008.02072.x>
- Dahia, S. L. de M. (2008). A mediação do riso na expressão e consolidação racismo no Brasil. *Sociedade e Estado*, 23(3), 697–720. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922008000300007>
- Dahia, S. L. M. (2010). Riso: uma solução intermediária para os racistas no Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(2), 373-389.
- Damatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Ferguson, M. A., & Ford, T. E. (2008). Disparagement humor: A theoretical and empirical review of psychoanalytic, superiority and social identity theories. *Humor: International Journal of Humor Research* 21(3). 283–312. <https://doi.org/10.1515/HUMOR.2008.014>
- Fernandes, F. (1978). *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática.
- Fonseca, D. J. (2012). *Você conhece aquela? A piada, o riso e o racismo à brasileira*. São Paulo: Selo Negro.
- Ford, T. E., & Ferguson, M. A. (2004). Social consequences of disparagement humor: A prejudiced norm theory. *Personality and Social Psychology Review* 8. 79–94. https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0801_4
- Ford, T., Richardson, K., & Petit, W. (2015). Disparagement humor and prejudice: Contemporary theory and research. *HUMOR*, 28(2), 171-186. <https://doi.org/10.1515/humor-2015-0017>

- Gaertner, S. L., & Dovidio, J. F. (1986). The aversive form of racism. In J.F. Dovidio, & S.L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism: Theory and research*. Orlando, FL: Academic Press.
- Gilbert, C. J., & Rossing, J. P. (2013). Trumping Tropes with Joke(r)s: *The Daily Show* “Plays the Race Card.” *Western Journal of Communication*, 77(1): 92–111. <https://doi.org/10.1080/10570314.2012.720747>
- Gouveia, V. V., Souza Filho, M. L., Araújo, A. G. T., Guerra, V. M., & Sousa, D. F. M. (2006). Correlatos valorativos das motivações para responder sem preconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 422-432. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300011>
- Guimarães, A. S. A. (1999). *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34.
- Grigg, K., & Manderson, L. (2015). “Just a Joke”: Young Australian understandings of racism. *International Journal of Intercultural Relations: IJIR*, 47, 195. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2015.06.006>
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464-1480. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.74.6.1464>
- Hollanda, S. B. (2012). *O homem cordial*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- Kalckmann, S., Santos, C. G., Batista, L. E., & Cruz, V. M. (2007). Racismo institucional: um desafio para a equidade no SUS?. *Saúde E Sociedade*, 16(2), 146–155. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902007000200014>
- Katz, J., Grant, C., & Merrilees, C. (2019). Just Joking? White College Students’ Responses to Different Types of Racist Comments. *Journal of Diversity in Higher Education*, 12(4), 341–350. <https://doi.org/10.1037/dhe0000102>

- Katz, I., & Hass, R. G. (1988). Racial ambivalence and American value conflict: correlational and priming studies of dual cognitive structures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, pp.893-905. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.55.6.893>
- Kawakami, K., Dunn, E., Karmali, F., & Dovidio, J. F. (2009). Mispredicting affective and behavioral responses to racism. *Science*, 323, 276–278. <https://doi.org/10.1126/science.1164951>
- Kinder, D. R., & Sears, D. O. (1981). Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 414-431. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.40.3.414>
- Klonis, S. C., Plant, A., & Devine, P. (2005). Internal and External Motivation to Respond Without Sexism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, pp. 1237-49. <https://doi.org/10.1177/0146167205275304>
- Laguna, A. S. (2021). On the Comedy of Race. *Cultural Critique*, 111, 104-132. <https://doi.org/10.1353/cul.2021.0014>
- Lane, K. A., Banaji, M. R., Nosek, B. A., & Greenwald, A. G. (2007). Understanding and using the Implicit Association Test: IV. What we know (so far) about the method. In B. Wittenbrink & N. Schwarz (Eds.), *Implicit measures of attitudes: Procedures and controversies* (pp. 59-102). Guilford Press.
- Lima, M. E. O., &Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos em psicologia*. 9(3). <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lima, M.E.O. Projeto Despersonalização dos negros nos serviço de saúde. Universidade Federal de Sergipe – Brasil: 2011.

- Lima, M. E. O. (2013). Preconceito. In A. R. R. Torres, L. Camino, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia Social: Temas e Teorias* (pp. 589-642). Brasília: Techonopolitik.
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. São Paulo: Blucher Open Access.
- Lima, M. E. O. (2023). Preconceito. In *Psicologia Social: Temas e Teorias*. São Paulo: Blucher.
- Lima, M. E. O., dos Santos Rodrigues, H., & Santos, E. V. (2022). Sexual Racism in Brazil: Aesthetic Preference, Beauty Models and Stereotypes. *Trends in Psychology*, 30, 480–496. <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00128-5>
- McConahay, J. B., & Hough, J. C. Jr. (1976). Symbolic racism. *Journal of Social Issues*, 32, 23-45. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1976.tb02493.x>
- Moreira, A. (2016). *Racismo recreativo: as relações raciais na prática esportiva do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Mummendey, A., Otten, S., Berger, U., & Kessler, T. (2000). Positive-negative asymmetry in social discrimination: valence of evaluation and salience of categorization. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 1258-1270. <https://doi.org/10.1080/14792779843000063>
- Nosek, B. A., Banaji, M. R., & Greenwald, A. G. (2002). The Implicit Association Test at age 7: A methodological and conceptual review, In J. A. Bargh (Ed.), *Social psychology in the unconscious: The automaticity of higher mental processes*. London: Psychology Press.
- Oliveira, R. C. J. (2023). *O papel da branquitude na hierarquização das raças: construção e validação de escala* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

- Pedersen, A., & Walker, I.A. (1997). Prejudice against Australian aborigines: old-fashioned and modern forms. *European Journal of Social Psychology*, 27,561-587. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199709/10\)27:5<561::AID-EJSP833>3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199709/10)27:5<561::AID-EJSP833>3.0.CO;2-3)
- Pérez, R. (2013). Learning to make racism funny in the ‘color-blind’ era: Stand-up comedy students, performance strategies, and the (re)production of racist jokes in public. *Discourse & Society*, 24, 478 –503. <https://doi.org/10.1177/0957926513482066>
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 203-226. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>
- Plant, E. A., & Devine, P. G. (1998). Internal and external motivation to respond without prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 811-832. <https://doi.org/10.1177/0146167205275304>
- Quirin, M., Kazén, M., & Kuhl, J. (2009). When nonsense sounds happy or helpless: The implicit positive and negative affect test (IPANAT). *Journal of Personality and Social Psychology*, 97(3), 500-516. <https://doi.org/10.1037/a0016063>
- Rodrigues, F. (1995). Racismo cordial. In *Racismo cordial - Folha de São Paulo - Datafolha - A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*, 11-55. São Paulo, Ática.
- Rosas, M. (2003), “Por uma teoria da tradução do humor”. *Delta*, 19: 133-161, número especial.
- Sales Jr., R. (2006). Democracia racial: o não-dito racista. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 18, 229-254. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200012>
- Schwarcz, L. M. (1998). Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade In *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Sue, D. W. (2010). *Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation*. Hoboken, NJ: Wiley.

Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Racismo Cordial: a mais completa análise de preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: África.

CAPÍTULO 2

Percepções sobre o Racismo: uma análise das experiências de participantes em pesquisa experimental

O presente objetiva compreender como os participantes de uma pesquisa experimental sobre racismo avaliam a sua experiência de pesquisa, o seu comportamento e o comportamento dos outros. Para tanto, realizamos uma entrevista semiestruturada com 37 indivíduos brancos, com idades entre 19 e 55 anos ($M = 25,1$; $DP = 8,55$), sendo 25 (43,1%) mulheres. As respostas dadas as perguntas foram submetidas a análises textuais realizadas com o auxílio do *software* IRAMUTEQ. Os resultados indicam que os participantes reconhecem a existência de preconceito racial no Brasil e, devido a isto, reconhecem a importância da participação em pesquisas sobre o tema. Contudo, consonante com a literatura, os resultados sugerem que apesar de as pessoas terem consciência da existência do preconceito racial, elas não se sentem individualmente responsáveis por essa situação.

Palavras-chave: Racismo, humor, piada, entrevista pós-experimental.

Introdução

Em 16 de maio de 2023 o Tribunal de Justiça de São Paulo determinou a exclusão de um vídeo de um dos shows do humorista Leo Lins do seu canal na plataforma Youtube por conter piadas sobre pessoas negras, escravidão, perseguição religiosa e pessoas com deficiências. A decisão do Tribunal reverberou entre a comunidade em geral e, especialmente, entre os humoristas. Dentre eles, o humorista Fábio Porchat, em suas redes sociais, defendeu o colega Léo Lins descrevendo a decisão judicial como algo “inaceitável”

ao afirmar que “mesmo que você não goste desse comediante, mesmo que você despreze tudo o que ele diz, ele tem o direito de ofender”⁸.

O uso do humor como meio de descontração é também uma característica marcante do brasileiro. O humor serve de palco para a propagação de insultos raciais, mensagens ofensivas e discriminatórias, embora muitos se recusem a interpretar esses atos como discurso de ódio. As justificativas que amparam tais argumentos estão pautadas no entendimento de que as mensagens expressam unicamente uma intenção cômica e que o humor não pode ser interpretado como racismo por ter um caráter recreativo (Moreira, 2019).

A defesa do humor como inofensivo é tributária da construção de uma nacionalidade brasileira democrática racialmente, pois afirmar que piadas podem ser veículos de expressão de ofensas raciais é aceitar a ideia de uma nação constituída por uma suposta cordialidade nas relações raciais entre o seu povo (Hollanda, 1902/2012). Logo, negar isto, para alguns, implica em inflar conflitos em um país no qual pessoas de diferentes raças convivem harmoniosamente.

Para os defensores da democracia racial, atualmente já compreendida como um mito, o Brasil se constitui como nação a partir de uma cultura pública igualitária em função da miscigenação significativa da população e de um certo estilo de colonização portuguesa alegadamente mais “suave”, definido como luso-tropicalismo (Freyre, 1933). A escolha de membros de minorias raciais como parceiros sexuais e românticos, supostamente, proporcionou a assimilação cultural, tornando a miscigenação uma evidência da propalada ideia de irrelevância da raça nessa nação. Diante disso, as classificações raciais não fariam sentido entre os brasileiros. Esse novo projeto de país amparado na mestiçagem nos tornaria

⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/porchat-e-leo-lins-controversia-divide-famosos-nas-redes-sociais>

iguais, anulando o preconceito racial e culminando no alívio de uma democracia racial (Pacheco, 2010). A tese da cordialidade racial brasileira é elemento central do humor racista, o qual é comumente utilizado para justificar a discriminação racial e, em alguns casos, para escapar da acusação de injúria racial (ver Moreira, 2019).

Os defensores da insignificância social do humor racista argumentam que o fato de as pessoas rirem de mensagens racistas não implica que elas desprezam as minorias raciais, ou ainda, que agirão de maneira discriminatória em relação a esse grupo (Moreira, 2019). Os humoristas, e simpatizantes da categoria profissional, afirmam que as piadas apresentam um único objeto: provocar o riso. É uma posição que ignora o poder performativo da linguagem.

De acordo com Bakhtin (1992), as palavras são tecidas a partir de uma construção ideológica que serve de trama para todas as relações sociais. Paralelamente, a teoria da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003) compreende que todas as práticas de linguagem são também práticas sociais, sendo estes modos de representar uma realidade, agir perante ela e se posicionar ideologicamente. Ou seja, piadas são construídas a partir de representações socialmente compartilhadas que tornam o conteúdo inteligível e risível. Assim, afirmar que piadas são inofensivas é negar o seu poder de influência, manutenção ou mudança de uma determinada ordem social.

Consonante com a Análise Crítica do Discurso, a qual compreende o impacto da linguagem sob as práticas sociais, os resultados dos nossos estudos experimentais mostram um efeito do humor racista nas expressões de preconceito. A apresentação da piada racista, especialmente na presença de um sorriso do interlocutor, aumenta as expressões de preconceito implícito na amostra estudada. Em outras palavras, o humor racista atua aumentando a associação da cor da pele preta com atributos negativos.

A literatura (Fonseca, 2012; Kawakami et al., 2009; Martin, 2008; Moreira, 2019; Sue, 2010) e os resultados dos estudos experimentais indicam a existência de impacto das piadas no comportamento do indivíduo. Mas, como esse indivíduo percebe o humor racista e os seus impactos? Visando responder essa pergunta, o presente estudo tem como objetivo: compreender como os participantes de uma pesquisa experimental sobre racismo avaliam mais qualitativamente a sua experiência de pesquisa, o seu comportamento e o comportamento dos outros.

Método

Participantes

Participaram do estudo 37 indivíduos, sendo 25 (43,1%) mulheres com idades entre 19 e 55 anos ($M = 25,1$; $DP = 8,55$). Todos estes indivíduos se autodeclararam brancos no recrutamento online da pesquisa, contudo ao final dos instrumentos apenas 19 (32,8%) se autodeclararam brancos novamente, 15 (25,9%) declararam serem pardos, dois (3,4%) pretos e 1(1,7%) amarelo. Os 37 participantes foram heteroclassificados como brancos pela pesquisadora e pelos dois colaboradores da pesquisa presentes no cenário experimental pré-entrevista. No tocante a escolaridade, 20 (34,5%) informaram possuir ensino superior incompleto, 12 (20,7%) ensino superior completo, três (5,2%) ensino médio completo, um (1,7%) ensino médio incompleto e um (1,7%) ensino fundamental.

Instrumento e procedimentos

Os participantes, ao finalizarem todos os instrumentos do estudo experimental II, foram convidados a permanecer em vídeo chamada para uma conversa na qual seria explicado o objetivo geral do estudo e investigado as suas impressões sobre o mesmo.

Após a devolutiva, realizamos entrevista individuais semiestruturadas composta por cinco perguntas sobre a pesquisa que o participante acabara de responder. Cabe referir que a

terceira pergunta da entrevista abordou a experiência de escolha de parceiro para a realização de uma tarefa. O participante tinha a opção de escolher um entre os dois cúmplices da pesquisa que também estavam em cena, sendo estes Pedro (o cúmplice negro) e Diego (o cúmplice branco). Ambos, alternadamente, apresentavam um áudio de piada racista no cenário experimental, que configurava a variável independente do estudo experimental. Pedro, o nosso cúmplice negro, apresentou a piada 18 vezes no cenário experimental e Diego, o cúmplice branco, apresentou a piada 19 vezes no cenário experimental.

As perguntas realizadas na entrevista pós-experimental: 1. Quais as suas impressões sobre a pesquisa que acabou de participar? 2. Como você se sentiu ao participar do contexto de pesquisa? 3. Você escolheu um participante para uma atividade, quem e por que você escolheu aquele e não o outro? O que motivou a sua escolha? 4. Participaram dessa pesquisa várias outras pessoas, quem você acha que a maioria delas escolheu? Por quê? e 5. Você sentiu algum incomodo/constrangimento em participar deste estudo? Por quê?

Análise dos dados

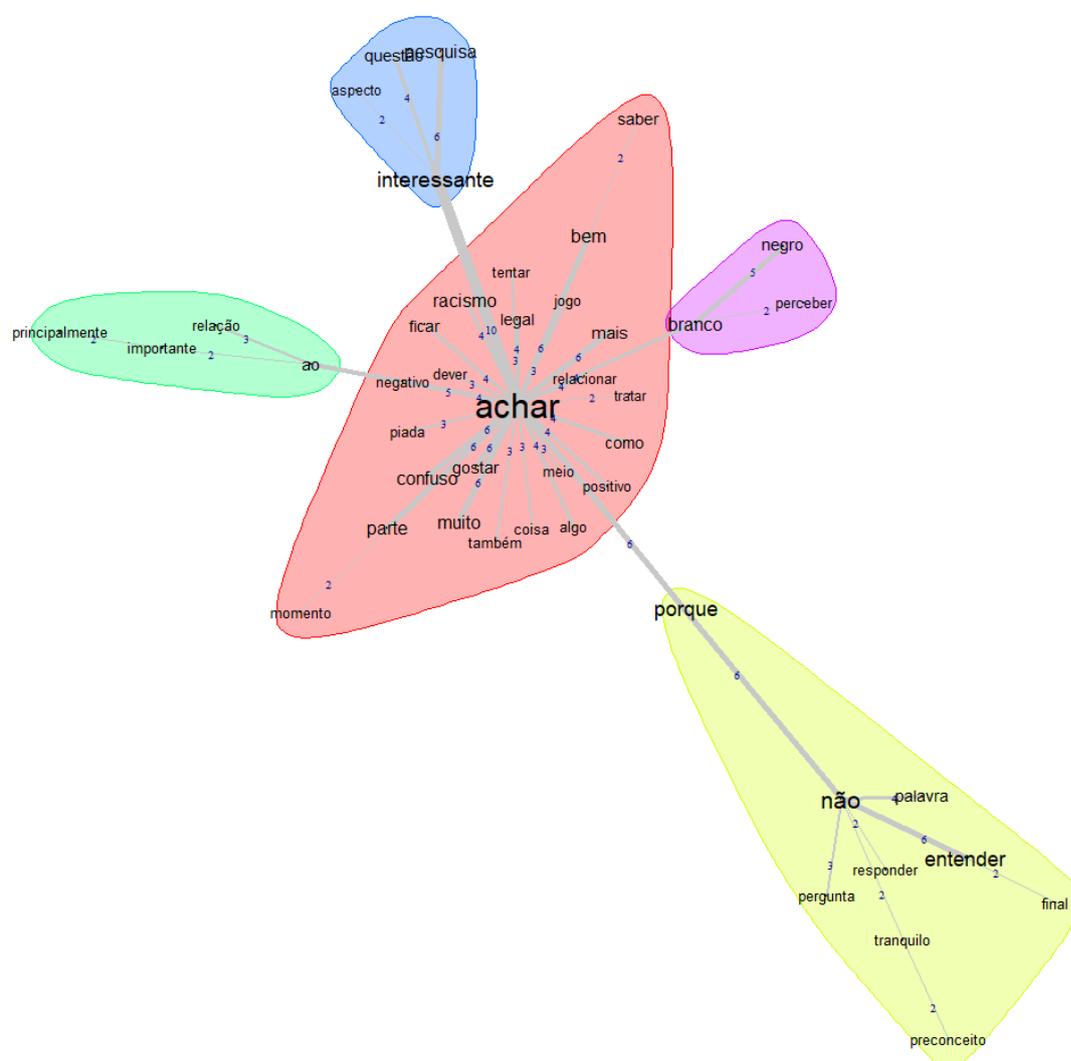
As respostas dadas as perguntas foram analisadas com o auxílio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que possibilita a realização de análises estatísticas de dados textuais, ou seja, análises lexicais (Camargo & Justo, 2013). Especificamente, esse *corpus* foi analisado a partir da Análise de Similitude, que se baseia na teoria dos grafos, em que há a identificação da coocorrência entre as palavras do *corpus*, possibilitando a visualização de sua estrutura textual, bem como a conexão entre elas. Como resultado, pode-se observar o gráfico denominado Árvore Máxima, que organiza tais termos em núcleos e vértices (Marchand & Ratinaud, 2012; Sousa, 2021).

Resultados

No que se refere à análise das respostas dadas à entrevista realizada após o experimento, a Análise de Similitude gerou cinco gráficos, sendo um para cada pergunta. É possível verificar a descrição e relação entre o conteúdo respondido pelos participantes, de uma forma geral, na Figura 1. Nela, verifica-se as impressões dos participantes sobre a pesquisa que acabaram de participar.

Figura 1.

Árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Quais as suas impressões sobre a pesquisa que acabou de participar?

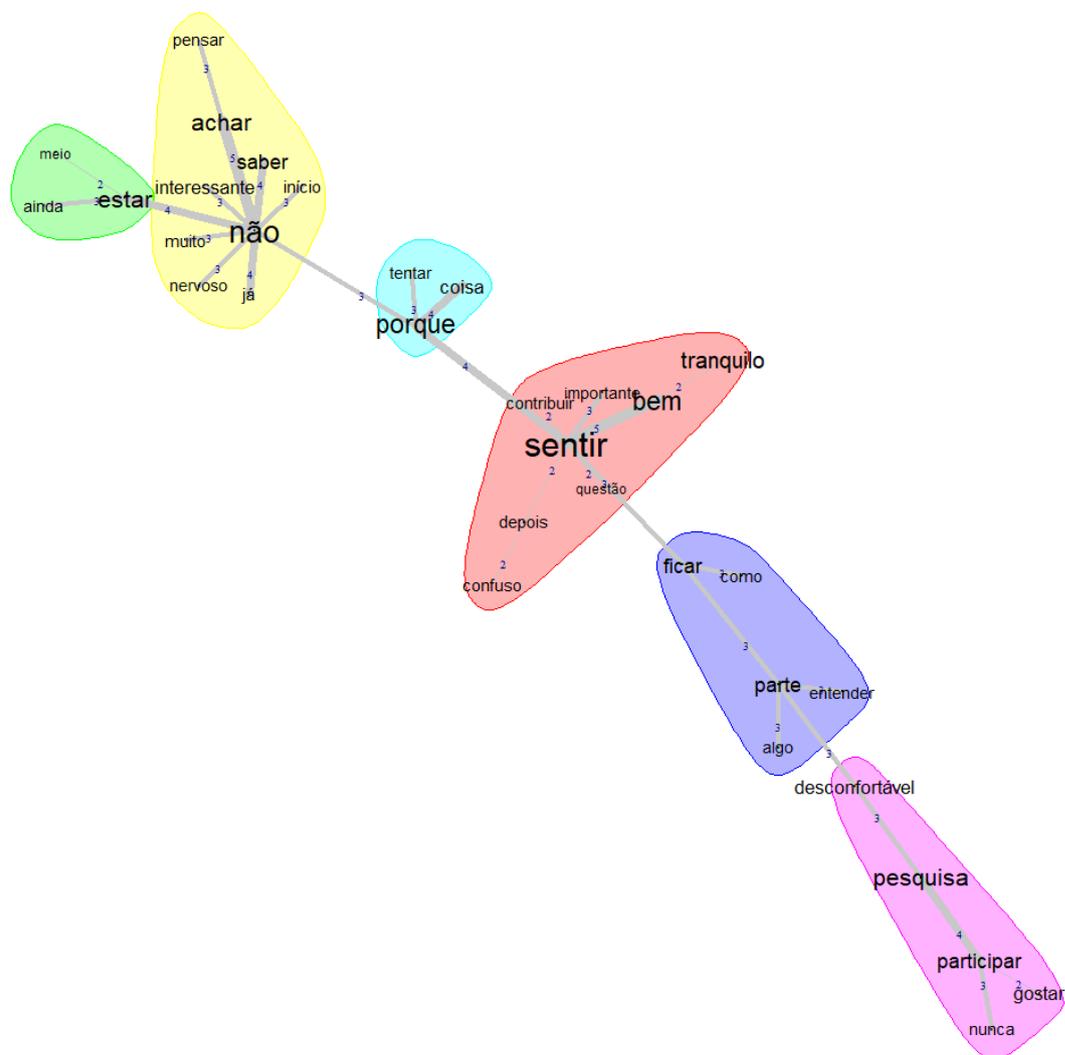


É possível observar que a palavra central, organizadora dos demais conteúdos, é “achar”, indicando que realmente os participantes relataram suas impressões, que variaram entre ter sido uma experiência “confusa”, “legal”, “interessante”, “positiva” e, também, “negativa”. Inclusive, acreditam que é “importante”, principalmente, por ser uma pesquisa que trata da temática do “preconceito” e do “racismo” em contextos que, muitas vezes, podem ser suavizados com a justificativa de se tratar de uma “piada”, um “jogo”, algo mais

“tranquilo”, o que na realidade não é, como ilustram as respostas: *“Eu achei a pesquisa interessante porque apesar de tudo muitas pessoas acham que não existe [racismo] no Brasil, o que é absurdo”* (Participante 30), e *“Achei legal, ao mesmo tempo é tocante, pesado uma parte a associação positiva e negativa porque tem um momento que o branco é considerado positivo e o negro negativo, na minha visão achei meio confuso, em certos momentos senti algo que a sociedade reproduz o que estava nas questões e refleti sobre o meu próprio comportamento”* (Participante 22).

Figura 2.

Árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Como você se sentiu ao participar do contexto de pesquisa?

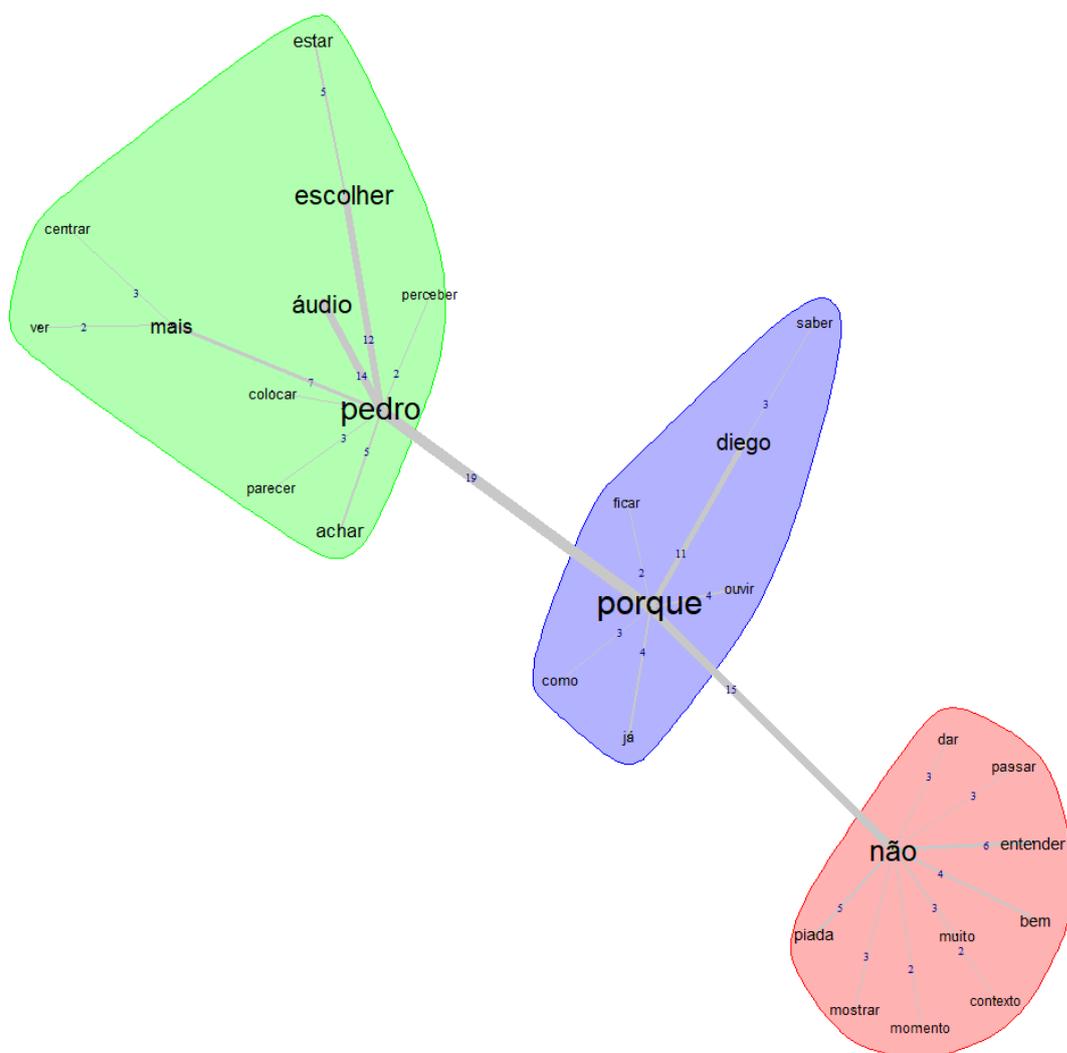


Já na Figura 2, que demonstra como os participantes se sentiram ao participar do contexto de pesquisa, pode-se observar que, em parte, sentiram-se “bem” e “tranquilo” por estar participando de uma pesquisa experimental, na área de psicologia social, que possui relevância quanto ao cenário político e social. Por outro lado, alguns também sentiram a experiência como “desconfortável” ou geradora de certo “nervoso”, o que foi justificado em função desta ter sido a primeira participação de alguns em pesquisas e, também, devido ao

tema e teor do cenário experimental, como é possível observar em: “*Um pouco reflexivo, algumas eu parei, você faz uma avaliação interna. Alguns momentos senti uma certa tristeza, outros bem*” (Participante 32).

Figura 3.

Árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Você escolheu um participante para uma atividade, quem e por que escolheu aquele e não o outro? O que motivou a sua escolha?



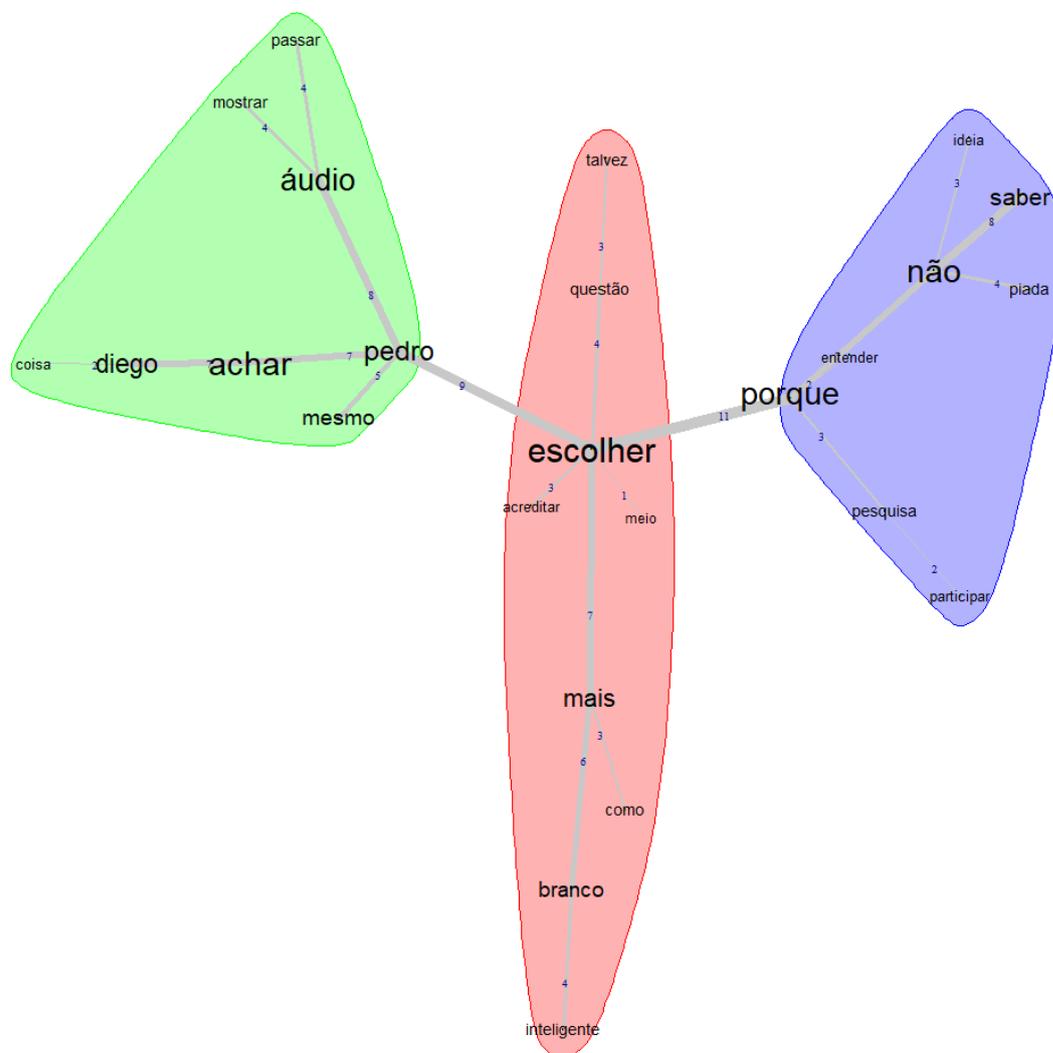
Por sua vez, na Figura 3, observa-se um resumo sobre a escolha, motivação e justificativa dada para quem foi o outro participante escolhido para uma atividade. Nesse caso, relataram que sua escolha pode ter sido motivada por ter sido o participante que colocou o áudio, ou por proximidade no ambiente em que o experimento foi realizado, ou também por já conhecer de um momento anterior. Não necessariamente houve uma resposta dada com uma motivação mais objetiva, a exemplo de: “Eu escolhi Pedro achei o outro menino sem

noção por colocar o áudio.” (participante 25) e “Diego, porque ele estava em silêncio, me vi nele.” (participante 30). No entanto, apesar do critério racial não ter sido apresentado como motivação para a escolha do parceiro, os dados frequenciais do Estudo II sugerem um possível impacto da cor da pele na escolha. O colaborador negro foi frequentemente mais escolhido independentemente de quem apresentou a piada no cenário experimental, sendo este a escolha de 26 (70,3%) entre os 37 participantes.

Pensamos que estes resultados reproduzem o efeito da assimetria positivo-negativa, observada em inúmeros estudos que comparam brancos e negros por meio de medidas explícitas, que implica numa tendência geral em avaliar mais positivamente e menos negativamente os alvos negros (Mummendey et al., 2000).

Figura 4.

Árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Participaram dessa pesquisa várias outras pessoas, quem você acha que a maioria delas escolheu? Por quê?



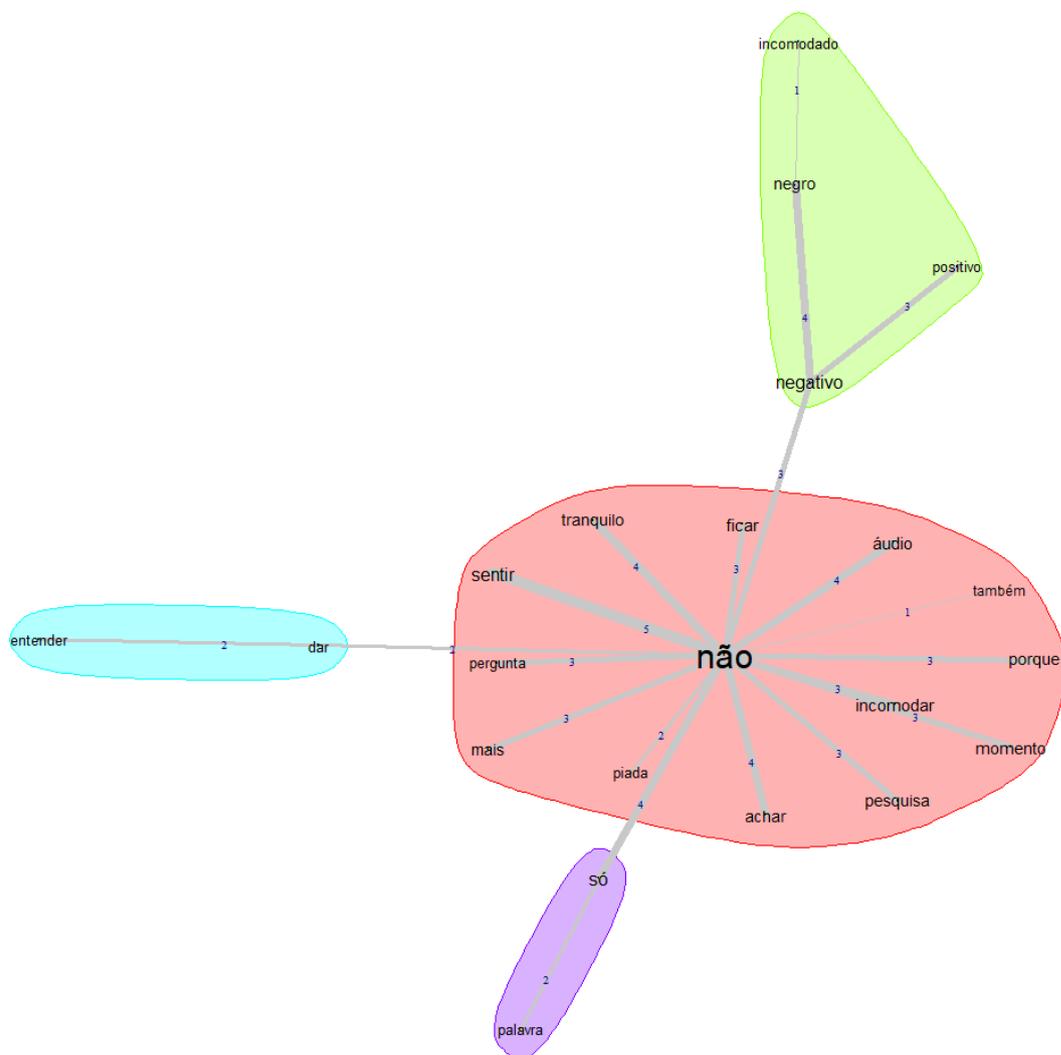
Já quando esses participantes puderam opinar sobre o que eles achavam que a maioria das outras pessoas que participaram dessa pesquisa escolheu (Figura 4), algumas palavras novas associadas à cor da pele surgiram, como “branco” e “inteligente”, como pode ser observado em: *“Eu acho que as pessoas infelizmente vão inferir o mais inteligente e infelizmente as pessoas entendem como mais inteligente o branco: Diego ou até mesmo eu”* (Participante 32); *“Bom na sociedade que a gente vive a maioria vai escolher Diego*

[branco]. As pessoas brancas são tidas como mais inteligentes” (Participante 37). As respostas dos participantes estão em consonância com a literatura que destaca a associação da identidade racial branca com diversos predicados positivos, como superioridade cultural, beleza estética, integridade moral, sucesso econômico e sexualidade sadia (Benedicto, 2018; Bento, 2002; Moreira, 2019; Schucman, 2001)

Paralelamente, numa direção oposta aos resultados da questão anterior, os dados frequenciais indicam que o colaborador branco foi o mais indicado como escolha dos demais participantes, sendo que 15 (40,5%) pessoas indicaram o branco, 12 (32,4%) o negro, quatro (10,8%) disseram não saber e cinco (13,5%) disseram ser a escolha dos outros quem passou o áudio no cenário experimental. Apesar desses dados não terem significância estatística, os resultados estão de acordo com outros estudos já realizados no Brasil (Rodrigues, 1995; Camino et al., 2001) que indicam que literatura que as pessoas têm uma clara consciência da existência do preconceito racial no país, no entanto não se sentem individualmente responsáveis por essa situação – “o inferno são os outros”.

Figura 5.

Árvore máxima com as respostas à entrevista pós-experimental: Você sentiu algum incomodo/ constrangimento em participar deste estudo? Por quê?



Por fim, quando foram perguntados se sentiram algum tipo de incômodo e/ou constrangimento em participar deste estudo (Figura 5), 24 (58,5%) entre os 37 participantes relataram sentir incomodo ou constrangimento, especialmente, no momento de apresentação da piada. No entanto, afirmaram entender devido a relevância da pesquisa em questão abordar um tema “tão importante”, como pode ser observado no relato: “Não, que as

perguntas tinham causado um constrangimento direto, mas gerava susto. Fiquei constrangida no momento do áudio, achei bem constrangedor” (Participante 34).

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi compreender como os participantes de uma pesquisa experimental sobre racismo avaliam a sua experiência de pesquisa, o seu comportamento e o comportamento dos outros. Considerando que entrevistar individualmente os participantes pós-cenário experimental não é uma prática frequente nas pesquisas em ciências humanas e sociais, os nossos dados ressaltam a relevância de investigar como eles entendem e avaliam a sua participação na pesquisa. O uso dos indicadores por meio das estatísticas utilizada por meio do IRAMUTEQ, além de verificar a descrição e relação entre o conteúdo respondido pelos participantes, possibilitou compreender como as pessoas brancas respondem, justificam e se relacionam com o humor racista.

Em consonância com Camino et al. (2001), os resultados sugerem que a força da norma antirracista leva as pessoas a evitarem assumir atitudes pessoais preconceituosas, contudo a norma não lhes impede de perceber que a discriminação racial é um problema persistente no Brasil. Assim, existe discriminação no País, mas ninguém é individualmente responsável por ela.

Embora não tenha sido explicitamente mencionado durante o estudo, os participantes tinham consciência de que o foco da pesquisa estava relacionado ao racismo. Essa percepção é relevante, considerando que o conteúdo explícito apresentado foi a piada, e, ao contrário de comediantes como Porchat e outros, o viés racista é facilmente reconhecido pelos participantes. No entanto, assim como esses comediantes, a maioria deles não manifestou desconforto diante do conteúdo racista.

Essa observação é fundamental para compreendermos o contexto em que ocorreram as respostas. Apesar de não terem sido informados explicitamente sobre o foco do estudo, eles foram capazes de identificar implicitamente a natureza do tema. Isso sugere uma sensibilidade social subjacente entre os participantes, permitindo-lhes reconhecer e interpretar as nuances do racismo presente na piada apresentada. Dito de outro modo, as práticas ofensivas presentes nas piadas racistas atuam como um conjunto de compreensões socialmente compartilhadas que os tornam inteligíveis e engraçados.

No entanto, o fato de que a maioria dos participantes não expressou desconforto diante do conteúdo racista é digno de reflexão. Isso pode indicar uma normalização do racismo na sociedade, onde as pessoas podem reconhecer a presença do preconceito, mas optam por não o confrontar ou não se sentem pessoalmente afetadas por ele. Essa dinâmica destaca a complexidade das atitudes em relação ao racismo e sugere a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre o papel das emoções nos estudos sobre racismo recreativo.

Ademais, o dado apresentado sobre a autodeclaração racial dos participantes, em que a maioria dos que se autodeclararam brancos no recrutamento online da pesquisa acabou por escolher outras categorias raciais ao final dos instrumentos, pode ser interpretado à luz do conceito de "branquitude envergonhada" de Jessé de Souza (2015).

O termo "branquitude envergonhada" refere-se à tendência de alguns indivíduos brancos se sentirem desconfortáveis ou envergonhados com sua identidade racial, especialmente em contextos em que o privilégio branco e as desigualdades raciais são evidentes (Souza, 2015). Nesse sentido, a discrepância entre a autodeclaração inicial como branca e a mudança posterior para outras categorias raciais pode sugerir uma rejeição ou desconforto em assumir abertamente a identidade branca.

Essa dinâmica levanta importantes questões sobre a percepção do racismo e do privilégio racial na sociedade contemporânea. A hesitação ou a tentativa de negar a identidade racial branca por parte de alguns indivíduos pode refletir uma consciência crescente das desigualdades raciais e uma tentativa de distanciamento dos privilégios associados à branquitude.

Esse achado presente em nossos resultados é também um dado de realidade. Um ex-candidato ao Governo do estado da Bahia⁹ – estado com maior população negra do país – durante uma campanha, mudou sua autodeclaração racial de branco para pardo. A “branquitude envergonhada” é também um sintoma de uma sociedade que ainda não enfrentou o racismo estrutural. Ao invés de confrontar e desafiar ativamente as desigualdades raciais, alguns indivíduos optam por negar ou minimizar sua própria identidade racial como estratégia de evitar o desconforto e a responsabilidade associada ao reconhecimento dos privilégios raciais.

Existem limitações neste estudo quanto a profundidade das questões realizadas em entrevistas (apenas cinco), o que pode limitar a compreensão do fenômeno, ainda que estas tenham respondido aos objetivos traçados na pesquisa. Por fim, acreditamos que o uso de entrevistas pós cenários de pesquisa (experimentais ou não) possam ser incorporadas como prática frequente nos estudos empíricos na psicologia para que um cenário mais amplo de produções possa emergir.

Por fim, acreditamos que novas estratégias de busca possam ser pensadas para que um cenário mais amplo de produções na área possa emergir. Para tanto, sugerimos que pesquisas futuras busquem ampliar o conhecimento sobre o humor racista a fim de compreender a compreensão do fenômeno sob a ótica dos atingidos.

⁹ Disponível em <https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2022/noticia/2022/09/23/acm-neto-apresenta-documento-em-que-e-declarado-pardo-e-comenta-criticas-de-adversarios-assim-que-eu-me-vejo.ghtml>

Referências

- Bakhtin, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, 21(2), 513-518. <https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- Camino, L., Silva, P., Machado, A., & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil. *Revista Psicologia Política*, 1, 13-36.
- Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse*. New York: Routledge.
- Freyre, G. (1933). *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record.
- Hollanda, S. B. (2012). *O homem cordial*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- Marchand, P., & Ratinaud, P. (2012). L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). *Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles. JADT*, 2012, 687-699.
- Moreira, A. (2019) *Racismo recreativo*. São Paulo: Pólen.
- Mummendey, A., Otten, S., Berger, U., & Kessler, T. (2000). Positive-negative asymmetry in social discrimination: valence of evaluation and salience of categorization. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 1258-1270. <https://doi.org/10.1080/14792779843000063>
- Pacheco, L. C. (2010). *Identidades: interface entre religião e negritude*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

Rodrigues, F. (1995). Racismo cordial. In *Racismo cordial - Folha de São Paulo - Datafolha - A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*, 11-55. São Paulo, Ática.

Souza, J. (2015). *A tolice da inteligência brasileira*. Editora Leya.

Sousa, Y. S. O. (2021). O uso do software IRAMUTEQ: fundamentos de lexicometria para pesquisas qualitativas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(4), 1541-1560.

DISCUSSÃO GERAL

A presente tese parte de uma reflexão teórica que propõe analisar como a exposição ao humor racista e ao riso afeta as reações das pessoas em relação aos negros, levando em conta a premissa de que o humor estabelece uma atmosfera de aceitação da discriminação, funcionando como um mecanismo de autorregulação para indivíduos com preconceito, o que pode resultar em um aumento na manifestação do racismo e exercer influência sobre as atitudes e comportamentos em relação às minorias étnicas.

Nesta tese, optamos por delimitar um áudio de uma piada racista como elemento ilustrativo do humor racista. Essa escolha decorre da vantagem que uma piada em formato de anedota oferece como estímulo experimental. Ao utilizar uma piada, conseguimos padronizar o conteúdo apresentado aos participantes, garantindo que todos estejam expostos a mesma variável independente. Além disso, o formato de piada proporciona uma estrutura reconhecível, facilitando a compreensão e interpretação por parte dos participantes. Dessa maneira, a escolha de uma piada como material de estímulo proporciona uma melhor manipulação das variáveis de interesse e a observação dos efeitos do humor racista sobre as respostas comportamentais e emocionais dos participantes.

O trabalho foi apresentado em duas seções – Marco Teórico e Artigos Empíricos. A Seção I foi estruturada em duas partes, a primeira consiste em uma introdução geral ao problema de pesquisa, justificativa, principais conceitos (racismo, racismo recreativo, normas sociais e branquitude) e as especificidades do racismo no Brasil. Na segunda parte, por sua vez, é apresentada um artigo teórico complementar (Artigo 1), que consiste em uma revisão sistemática de literatura sobre humor racista.

A seção II foi desenvolvida em duas partes, sendo cada uma composta por um artigo empírico. Esses artigos derivam de dois estudos experimentais conduzidos remotamente por

videochamada. No primeiro artigo (Artigo 2), analisamos o impacto da exposição ao humor racista nas expressões de racismo por meio de dois estudos experimentais e no segundo (Artigo 3) investigamos como os participantes de uma pesquisa experimental sobre racismo avaliam mais qualitativamente a sua experiência de pesquisa, o seu comportamento e o comportamento dos outros. De modo integrado, cada um dos artigos colabora para o atendimento ao objetivo geral da tese.

A revisão sistemática de literatura (Artigo 1) foi proposta devido importância dos estudos de revisão sistemática para obtenção de um panorama acerca de determinada temática (Zoltowski et al., 2014). Diante da pouca literatura científica disponível sobre o tema no Brasil, destaca-se a necessidade de investigar como a temática tem sido estudada em diferentes contextos e áreas do saber. O trabalho analisou a produção científica de distintas áreas que tiveram como foco de análise o racismo e o humor racista, a fim de apresentar um estado da arte em relação à temática na literatura internacional. Para isto, elencou-se como objetivo, ainda, identificar as principais perspectivas de análise dos estudos revisados.

Em síntese, os resultados indicaram uma pequena expressividade da psicologia brasileira enquanto área de publicização. Dos 42 artigos analisados, apenas nove (21,4%) pertenciam à área da psicologia, enquanto os demais eram provenientes das ciências sociais e comunicação. A maioria dos artigos foi escrita e publicada fora do Brasil (90,5%), com os Estados Unidos como principal país de origem. No Brasil, as regiões Nordeste e Sudeste contribuíram com dois artigos cada. A análise dos resumos revelou a presença de seis classes lexicais, destacando-se a Classe 6, "Humor racista e política", que representou 22,1% do *corpus* e abordou o uso de imagens satíricas e piadas para comentar sobre eventos políticos, como a eleição de Barack Obama. A Classe 5, "Humor racista e grupos inter-raciais", representou 19,9% do *corpus* e discutiu o uso do humor em programas de televisão para promover a ideologia pós-racial. Outras classes abordaram temas como o humor racista nas

plataformas online, discussões críticas sobre o tema e o uso do *Blackface*. Ademais, apesar de haver estudos da psicologia sobre o tema, poucos abordaram a perspectiva das pessoas negras e os impactos do humor racista na saúde mental. O estudo apontou a necessidade de ampliar o debate e explorar formas de resistência ao racismo no cotidiano.

No Artigo 2, contextualizamos a problemática do racismo brasileiro, que se manifesta de forma sutil e muitas vezes mascarado pelo humor. Abordamos a problemática do racismo cordial, que se manifesta de forma sutil e muitas vezes mascarada pelo humor, na sociedade brasileira (Turra & Venturi, 1995). Ao longo da história, o racismo no Brasil passou por transformações, desde a escravidão até a atualidade, marcando as relações sociais e culturais do país (DaMatta, 1997). Diante das nuances sociais e culturais do Brasil, o humor muitas vezes serve como última fronteira para os discursos preconceituosos, quando não encontram mais legitimidade social para se manifestar de outra forma. O riso torna-se uma via intermediária para extravasar o racismo latente, contornando a censura e a reflexão crítica sobre seu conteúdo, o que perpetua estereótipos negativos e atitudes preconceituosas (Dahia, 2010). Além disso, o artigo destaca a falta de estudos empíricos sobre o impacto do humor racista no contexto brasileiro.

Deste modo, objetivo do Artigo 2 foi analisar como a exposição ao humor racista influencia as expressões de racismo, por meio de dois estudos experimentais. Os estudos analisaram o impacto do humor racista na resposta emocional e comportamental dos participantes, considerando a cor da pele do cúmplice e o contexto de apresentação das piadas. Descobriu-se que, embora as pessoas previssem sentir-se chateadas com as piadas racistas, na prática, mostraram relativamente pouco sofrimento emocional. Consonante com Kawakami et. al (2009), os nossos resultados sugerem uma dissociação entre a previsão afetiva e a experiência real das emoções. Além disso, observou-se uma associação significativa entre a cor da pele do ator e atributos negativos, refletindo preconceito implícito.

A apresentação das piadas com sorriso aumentou as expressões desse preconceito, indicando uma influência do contexto na percepção do humor racista. Embora muitos participantes tenham expressado em respostas antirracistas em partes dos instrumentos, a falta de reação expressiva à cena de racismo evidenciou a persistência do preconceito racial na amostra estudada. Além disso, os estudos oferecem uma perspectiva ampla sobre como o preconceito implícito se revela diante do humor racista, evidenciando a complexidade das interações entre a cor da pele dos cúmplices, a cor da pele dos participantes e os diferentes contextos de apresentação das piadas.

No Artigo 3, abordamos aborda a controvérsia em torno do uso do humor racista no Brasil, onde o humor muitas vezes serve como veículo para mensagens discriminatórias disfarçadas de piadas. Defensores desse tipo de humor argumentam que ele é inofensivo e apenas busca provocar o riso, ignorando o potencial performativo da linguagem. No entanto, a análise crítica do discurso destaca que as palavras têm uma construção ideológica e impacto nas práticas sociais, influenciando a percepção e a manutenção de determinadas ordens sociais (Fairclough, 2003).

Soubemos por meio dos resultados do Artigo 2 que o humor racista tem um efeito significativo nas expressões de preconceito implícito, especialmente quando acompanhado de um sorriso, aumentando a associação da cor da pele negra com atributos negativos. Buscando responder à pergunta sobre como esse indivíduo percebe o humor racista e os seus impactos, o Artigo 3 apresentou como objetivo compreender como os participantes do estudo experimental II avaliam mais qualitativamente a sua experiência de pesquisa, o seu comportamento e o comportamento dos outros.

Os resultados do Artigo 3 revelaram que, embora os participantes não tenham sido explicitamente informados sobre o foco do estudo, eles reconheceram implicitamente o tema

relacionado ao racismo. Isso indica uma sensibilidade social subjacente, permitindo-lhes interpretar as nuances do racismo presente nas piadas apresentadas, apesar de não expressarem desconforto diante do conteúdo racista. Essa dinâmica sugere uma possível normalização do racismo na sociedade, em que as pessoas reconhecem sua presença, mas optam por não o confrontar ou não se sentem pessoalmente afetadas por ele, destacando a complexidade das atitudes em relação ao racismo recreativo e a necessidade de uma análise mais profunda sobre o papel das emoções nesses contextos.

Além disso, o estudo observou uma discrepância entre a autodeclaração racial inicial dos participantes e suas escolhas posteriores de categorias raciais. Esse fenômeno pode ser interpretado à luz do conceito de "branquitude envergonhada" (Souza, 2015), sugerindo uma hesitação em assumir abertamente a identidade branca em contextos em que os privilégios raciais são evidentes. Essa dinâmica levanta questões importantes sobre a percepção do racismo e do privilégio racial na sociedade contemporânea, indicando uma possível consciência crescente das desigualdades raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados ao longo desta tese confirmaram a hipótese central de que o humor racista, expresso por meio de piadas, tem um impacto direto sobre a intensificação do preconceito racial implícito, afetando a forma como as pessoas se comportam e percebem os negros. A análise empírica realizada mostrou que o aumento do preconceito racial é influenciado pela cor da pele do apresentador da piada e pela presença do sorriso, funcionando como um disparador para a manifestação de atitudes racistas. Os achados aqui reunidos destacam, de maneira evidente, a complexidade das interações entre as variáveis envolvidas: a cor da pele dos participantes, o contexto de apresentação das piadas e as reações emocionais e comportamentais dos envolvidos. A revelação de que a normalização do humor racista ocorre de maneira significativa no Brasil, mesmo diante das evidências

empíricas coletadas, colabora para a ampliação da lacuna teórica já identificada na introdução, que se referia à escassez de estudos sobre o impacto do humor racista no país.

Em relação ao panorama teórico apresentado, este estudo contribui para o entendimento da construção do racismo em contexto de humor, abordando especificamente a ausência de investigações empíricas sobre o tema no Brasil. Enquanto a literatura internacional já abordava o humor racista como uma ferramenta de manutenção de sistemas de opressão, pouco se sabia sobre os efeitos dessa prática na sociedade brasileira, marcada pela complexidade das relações raciais. Assim, esta pesquisa evidencia a urgência de uma maior atenção ao tema, destacando a lacuna existente entre as discussões acadêmicas sobre racismo em espaços formais e as manifestações cotidianas dessa discriminação, muitas vezes mascaradas pelo riso. Os achados empíricos da tese indicam que, embora o humor racista seja amplamente aceito e praticado em contextos informais, seus efeitos não são suficientemente discutidos nas esferas acadêmica e política, tornando-se uma questão a ser mais amplamente abordada no Brasil.

Uma das constatações mais relevantes nesta pesquisa reside na discrepância observada entre as expectativas dos participantes e suas reações efetivas quando expostos a piadas racistas. Enquanto muitos participantes antecipavam sentir-se desconfortáveis ou adotar uma postura crítica, na prática, as reações tendem a ser caracterizadas por uma aparente falta de envolvimento emocional. Isso sugere que a norma antirracista pode exercer influência sobre as atitudes que as pessoas expressam publicamente, porém não necessariamente sobre suas reações emocionais ou comportamentais em contextos privados. Este fenômeno reflete o que pode ser entendido como uma forma de resistência simbólica ao racismo, onde as atitudes racistas permanecem latentes, mas são silenciadas ou minimizadas em contextos formais e públicos.

Além das implicações teóricas, a pesquisa também traz à tona uma importante reflexão política sobre o papel do humor na perpetuação de estereótipos e na manutenção das relações desiguais de poder no Brasil. O estudo demonstra que, ao invés de ser uma forma inofensiva de entretenimento, o humor racista pode reforçar normas sociais de discriminação racial, influenciando a formação das atitudes das novas gerações. Ao se tratar de um fenômeno tão enraizado nas práticas sociais cotidianas, a normalização do humor racista se apresenta como um desafio a ser combatido, especialmente no contexto educacional e nos meios de comunicação.

A tese também apresenta limitações importantes, que devem ser consideradas nas futuras pesquisas sobre o tema. A coleta de dados foi realizada em um contexto remanescente da pandemia de Covid-19, o que dificultou o recrutamento de participantes e limitou a amostra a um público específico de universitários. Isso restringe a possibilidade de generalização dos achados, sendo necessário expandir a pesquisa para diferentes faixas etárias, regiões e grupos sociais, a fim de compreender a prevalência e os efeitos do humor racista em diferentes contextos. A necessidade de abordagens alternativas, como entrevistas presenciais, também se impõe como uma forma de explorar mais a fundo as respostas emocionais e as dinâmicas de poder que estão em jogo nesses contextos.

Por fim, esta tese contribui para o entendimento do impacto do humor racista nas práticas sociais, ampliando a visão de que, ao reduzir o humor a uma mera forma de entretenimento, perde-se de vista seu papel estruturante nas dinâmicas de preconceito racial. Portanto, as conclusões aqui apresentadas não apenas chamam atenção para uma lacuna teórica crucial, mas também abrem espaço para um debate político necessário sobre como enfrentar o racismo, não só em suas formas explícitas, mas também nas sutilezas cotidianas, como o humor. Acreditamos que este trabalho é um passo, não o primeiro, e que não seja ele um dos poucos em algum tempo.

APÊNDICE

Apêndice A: Instrumentos utilizados nos Estudos descritos no Capítulo 1

IPANAT

As palavras a seguir são de uma linguagem inventada. Elas se destinam a expressar diversos estados de humor.

Em todos os idiomas, existem palavras que ajudam a expressar seus significados pela forma como soam (por exemplo, a palavra *chocalho* soa como algo que chocalha). Na poesia e na literatura, isso é conhecido como *onomatopeia*.

Para cada uma das seguintes palavras, por favor, avalie o quão bem cada uma delas expressa diferentes estados de humor (por exemplo, até que ponto o som da palavra inventada *FILNU* transmite cada um dos seguintes estados de humor: feliz, desamparado(a), ativo(a), tenso(a), entusiasmado(a), inibido(a)?

Ao fazer essas avaliações, deixe-se levar por seus sentimentos espontâneos.

O quanto a palavra SAFME te faz sentir...

	Não se encaixa	Se encaixa um pouco	Se encaixa bem	Se encaixa muito bem
FELIZ	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DESAMPARADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ATIVO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
TENSO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ENTUSIASMADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
INIBIDO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O quanto a palavra VIKES te faz sentir...

	Não se encaixa	Se encaixa um pouco	Se encaixa bem	Se encaixa muito bem
FELIZ	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DESAMPARADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ATIVO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
TENSO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ENTUSIASMADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
INIBIDO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O quanto a palavra TUNBA te faz sentir...

	Não se encaixa	Se encaixa um pouco	Se encaixa bem	Se encaixa muito bem
FELIZ	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DESAMPARADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ATIVO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
TENSO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ENTUSIASMADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
INIBIDO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O quanto a palavra TALEP te faz sentir...

	Não se encaixa	Se encaixa um pouco	Se encaixa bem	Se encaixa muito bem
FELIZ	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DESAMPARADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ATIVO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
TENSO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ENTUSIASMADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
INIBIDO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O quanto a palavra BELNI te faz sentir...

	Não se encaixa	Se encaixa um pouco	Se encaixa bem	Se encaixa muito bem
FELIZ	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DESAMPARADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ATIVO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
TENSO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ENTUSIASMADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
INIBIDO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O quanto a palavra SUKOV te faz sentir...

	Não se encaixa	Se encaixa um pouco	Se encaixa bem	Se encaixa muito bem
FELIZ	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DESAMPARADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ATIVO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
TENSO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ENTUSIASMADO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
INIBIDO(A)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. As pessoas só devem tentar contar piadas que não ofendam os outros.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

Escala de Branquitude

(Responda essa escala APENAS se você se AUTODECLARA BRANCO, caso não se autodeclare branco, pode prosseguir para a próxima sessão)

Indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações a seguir. Seja honesto em suas respostas, não existem repostas certas ou erradas

1. No Brasil, pessoas brancas possuem privilégios apenas por serem brancas.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

2. Os brancos contribuem para a desigualdade racial no Brasil .

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

3. No Brasil, pessoas brancas pobres têm privilégios quando comparadas às pessoas negras pobres.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

4. Dizer que no Brasil há desigualdade de oportunidades entre brancos e negros é exagero.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

5. O que chamam de “privilégio dos brancos” no Brasil, é, na verdade, construído a partir do esforço dos brancos, e não de alguma vantagem já existente.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

6. Ter preferência estética por brancos em relação aos negros não tem a ver com racismo, é apenas uma questão de gosto.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

7. Sinto-me triste quando penso sobre a história do Brasil em relação à escravização e opressão dos negros.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

8. Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para compensar todo o dano que a escravidão causou aos negros no Brasil.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

9. Às vezes eu me sinto incomodado por ser branco.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

10. Quando ouço uma piada com conteúdo racista, eu sinto desconforto e digo que não deve ser contada.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

11. A escravização foi algo horrível, mas as pessoas negras precisam superar e seguir em frente.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

12. Os brancos devem participar da luta antirracista.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

13. O Governo do Brasil deveria compensar a população negra por todo o dano que a escravidão lhes causou.

Concordo totalmente	Concordo em parte	Estou em dúvida	Discordo em parte	Discordo totalmente
()	()	()	()	()

Escala de Motivação Interna e Externa para responder sem Preconceito

Indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações a seguir. Seja honesto em suas respostas, não existem repostas certas ou erradas

1. Procuo agir sem preconceito para evitar que me pressionem.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

2. Não tenho idéias negativas dos negros para que não me critiquem.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

3. Procuo não apresentar preconceito para evitar desaprovação.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

4. Se agir preconceituosamente contra negros, vou me preocupar se as pessoas ficarão com raiva de mim.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

5. Devido às normas não demonstro preconceito contra negros.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

6. De acordo com os meus valores, é certo usar estereótipos em relação aos negros.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

7. Procuo agir de forma não preconceituosa porque me é importante.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

8. Segundo o que creio, sinto-me motivado a não ter preconceito contra negros.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

9. É importante para meu auto-conceito não ser preconceituoso.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

10. Segundo meus valores é errado usar estereótipos em relação aos negros.

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo muito	Concordo totalmente
()	()	()	()	()	()	()

Qual a cor da sua pele? () Branca () Preta () Parda () Amarela () Indígena

Em que medida você se identifica com a cor da sua pele? () Nada () Pouco () Mais ou menos () Muito () Totalmente

Quantos amigos íntimos, no geral, você tem? _____

Quantos amigos íntimos você tem que são negros? _____

Conhece alguém que tem preconceito em relação aos negros? () Sim () Não

Algun familiar tem preconceito em relação aos negros? () Sim () Não

Algun amigo íntimo tem preconceito em relação aos negros? () Sim () Não

Em que medida você se considera preconceituoso em relação aos negros?

() Nada () Pouco () Mais ou menos () Muito () Totalmente

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____

ANEXO

Anexo A: Tabela de artigos incluídos na Revisão Sistemática de Estudos do Capítulo 1**Tabela 1.***Artigos incluídos na revisão*

Artigos	Região dos autores	Ano de publicação	Área de estudo
1. The denial of 152acista: The Role of Humor, Personal Experience, and Self-Censorship	África do Sul	2001	Psicologia
2. Human Exploitation Is NOT a Joke—So Don't Laugh!	Reino Unido	2009	Psicologia
3. Democracia Racial Brasileira: Uma Piada sem Graça	Brasil (Sudeste)	2017	Psicologia
4. Humour and hatred: the 152acista jokes of the ku klux klan	Reino Unido	2001	Psicologia
5. Just Joking? White College Students' Responses to Different Types of Racist Comments	Estados Unidos	2019	Psicologia
6. Race-Based Humor and Peer Group Dynamics in Adolescence: Bystander Intervention and Social Exclusion	Estados Unidos	2016	Psicologia
7. Policing and Race: Disparate Treatment, Perceptions, and Policy Responses	Estados Unidos	2016	Psicologia
8. Democracia racial: o não-dito racista	Brasil (Nordeste)	2006	Psicologia
9. A mediação do riso na expressão e consolidação do racismo no Brasil	Brasil (Nordeste)	2008	Psicologia
10. Fight the power: african american humor as a discourse of resistance	Estados Unidos	2012	Sociologia
11. Just Joking? Chimps, Obama and Racial Stereotype	Estados Unidos	2009	Artes

12. Lighten up?! Humour, Race, and Da off colour joke of Ali G	Reino Unido	2009	Ciências Políticas
13. What are You Laughing at? Examining White Identity and Enjoyment of Black Entertainment	Estados Unidos	2011	Comunicação
14. Experiencing Racial Humor with Outgroups: A Psychophysiological Examination of Co-Viewing Effects	Estados Unidos	2017	Comunicação
15. Speaking Fluent ‘Joke’ Pushing the racial envelope through comedic performance on Chappelle’s Show	Estados Unidos	2007	Comunicação
16. Trumping Tropes with Jokeums: The Daily Show “Plays the Race Card”	Estados Unidos	2013	Comunicação
17. No Laughing Matter? The Ethics of Racial Humor in Tres 153acista153os de copa	Reino Unido	2016	Letras
18. What are you laughing at? Assessing the “racial” in u.s. public discourse	Estados Unidos	2009	Antropologia
19. A laugh for the national 153acista: Contemporary Canadian blackface humour and its constitution through Canadian anti-blackness	Canadá	2018	Educação
20. On the back of blackness: contemporary Canadian blackface and the consumptive production of post-racialist, 153acis Canadian subjects	Canadá	2017	Educação
21. “Is it Because I is Black?” Race, Humour and the Polysemiology of Ali G	Reino Unido	2006	Comunicação
22. I’m not joking! The strategic use of humour in stories of racism	Reino Unido	2018	Educação
23. To Laugh or Not to Laugh at Racist Jokes	Espanha	2016	Filosofia
24. On the Comedy of Race	Estados Unidos	2021	Linguagem
25. (In/exclusion) Humor and diversity in Finnish public radio: ‘If all immigrants were as funny as you guys, nobody would have any	Finlandia	2019	Comunicação

problems'			
26. Satire, 154acista humour and the power of (um)laughter: On the restrained nature of Swedish online 154acista discourse targeting EU-migrants begging for Money	Suecia	2015	Sociologia
27. Jim Crow on Fraternity Row	Estados Unidos	2008	Comunicação
28. Learning to make 154acista funny in the 'color-blind' era: Stand-up comedy students, performance strategies, and the (re)production of 154acista jokes in public	Estados Unidos	2013	Sociologia
29. From Insult to Estrangement and Injury: The Violence of Racist Police Jokes	Estados Unidos	2019	Sociologia
30. Comic Relief: The Andy Griffith Show, White Southern Sheriffs, and Regional Rehabilitation	Estados Unidos	2015	Linguagem
31. Comic Provocations in Racial Culture: Barack Obama and the "Politics of Fear"	Estados Unidos	2011	Comunicação
32. Emancipatory Racial Humor as Critical Public Pedagogy: Subverting Hegemonic Racism	Estados Unidos	2015	Comunicação
33. Black-faced, red faces: the potentials of humour for anti-racist action	Austrália	2016	Ciências Físicas
34. It was 154aci a joke': how racial humour fuels colour-blind ideologies in Mexico and Peru	Estados Unidos	2013	Sociologia
35. Race and black humor: from a planetary perspective	Estados Unidos	2010	Sociologia
36. Psych's Comedic Tale of Black-White Friendship and the Lighthearted Affect of "Post-Race" America	Estados Unidos	2011	Linguagem
37. Disparagement humour and gendered 154acista on social media in Brazil	Brasil/Sudeste	2019	Ciências Políticas
38. Developing a rhetorical analysis of 154acista humour: examining anti-black jokes on the Internet	Reino Unidos	2010	Ciências da Saúde

39. The 'Other' Laughs Back: Humour and Resistance in Anti-racist Comedy	Reino Unidos	2010	Ciências da Saúde
40. Jokes, rhetoric and embodied 155acista: a rhetorical discourse analysis of the logics of 155acista jokes on the internet	Reino Unidos	2011	Ciências da Saúde
41. A rhetorical discourse analysis of online anti-Muslim and anti-Semitic jokes	Reino Unido	2013	Ciências da Saúde
42. Making Fun out of Difference: Ethnicity–Race and Humour in a London School	Reino Unido	2015	Antropologia

Anexo B: Pré-teste dos vídeos utilizados no Estudo 1 (Artigo 2)

Pré-teste dos vídeos

Para analisarmos a performance dos atores realizamos um estudo no qual participaram do estudo 58 sujeitos sendo 30 mulheres (51,7%), 22 homens (37,9%) e 6 indivíduos que não declararam o sexo (10,3%), todos estudantes universitários, com idades entre 17 e 61 anos ($M = 21,76$; $DP = 6,46$). Destes, 17 avaliaram o vídeo 1, 13 avaliaram o vídeo 2, 17 avaliaram o vídeo 3 e 11 avaliaram o vídeo 4.

Solicitamos aos juízes que avaliassem um entre os quatro vídeos que compõem a pesquisa e o julgassem quanto a qualidade da imagem apresentada, qualidade do áudio apresentado, a performance dos atores e da pesquisadora e o quanto compreenderam o diálogo apresentado em uma escala de amplitude entre 1 e 5, com extremos 1 = Muito ruim e 5 = Muito bom.

Tabela 2
Pré-teste dos vídeos

		N	Média	Desvio Padrão
A Qualidade da imagem do vídeo	Vídeo 1	17	4,41	,795
	Vídeo 2	13	3,92	1,115
	Vídeo 3	17	4,88	,781
	Vídeo 4	11	4,55	1,036
	Total	58	4,47	,959
A Qualidade do áudio	Vídeo 1	17	4,29	1,263
	Vídeo 2	13	4,00	1,291
	Vídeo 3	17	4,00	1,323
	Vídeo 4	11	4,45	1,214
	Total	58	4,17	1,258
Em que medida você compreendeu o diálogo entre os atores?	Vídeo 1	17	4,18	1,380
	Vídeo 2	13	4,54	1,330
	Vídeo 3	17	4,47	1,328
	Vídeo 4	11	5,09	,944
	Total	58	4,52	1,287
Considero a performance do participante A	Vídeo 1	17	4,41	1,228
	Vídeo 2	13	3,77	1,092
	Vídeo 3	17	4,94	1,029
	Vídeo 4	11	3,91	1,300
	Total	58	4,33	1,220
Considero a performance do participante B	Vídeo 1	17	5,18	,951
	Vídeo 2	13	4,31	1,182
	Vídeo 3	17	4,82	1,380
	Vídeo 4	11	4,82	,874
	Total	58	4,81	1,146
Considero a performance da pesquisadora	Vídeo 1	17	5,29	1,105
	Vídeo 2	13	4,77	,927
	Vídeo 3	17	4,88	1,536
	Vídeo 4	11	5,09	,701
	Total	58	5,02	1,147

Nota: o “Vídeo 1” corresponde ao vídeo do ator negro com expressão neutra, o “Vídeo 2” do ator branco sorrindo, o “Vídeo 3” do ator branco com expressão neutra e o “Vídeo 4” do ator negro sorrindo.

Os resultados de uma *One-Way* ANOVA pondo os vídeos como variáveis independentes e a qualidade da imagem, a qualidade do áudio e a capacidade de compreender o diálogo, as performances dos atores e da pesquisadora indicam que não houve efeito significativo sobre a qualidade do áudio vídeo ($M = 4,2$; $DP = 1,6$ vs $M = 4,0$; $DP = 1,2$ vs $M = 4,0$; $DP = 1,3$ vs $M = 4,4$; $DP = 1,2$), $F(3,54) = 0.41$, n.s.,nem sobre compreensão do diálogo ($M = 4,1$; $DP = 1,3$ vs $M = 4,5$; $DP = 1,3$ vs $M = 4,4$; $DP = 1,3$ vs $M = 5,0$; $DP = 0,9$), $F(3,54) = 1,14$, n.s, nem sobre performance do ator negro ($M = 5,1$; $DP = 0,9$ vs $M = 4,3$; $DP = 1,1$ vs $M = 4,8$; $DP = 1,3$ vs $M = 4,8$; $DP = 1,1$), $F(3,54) = 1.44$, n.s., .., nem sobre performance do pesquisadora ($M = 5,2$; $DP = 1,1$ vs $M = 4,7$; $DP = 0,9$ vs $M = 4,8$; $DP = 1,5$ vs $M = 5,0$; $DP = 0,7$), $F(3,54) = 0.614$, n.s..

No entanto, os resultados indicam efeito significativo sobre a qualidade da imagem do vídeo ($M = 4,4$; $DP = 0,7$ vs $M = 3,9$; $DP = 1,1$ vs $M = 4,8$; $DP = 0,7$ vs $M = 4,5$; $DP = 1,0$), $F(3, 54) = 2.72$, $p < .05$. Os juízes consideraram o vídeo do ator branco sorrindo com melhor qualidade do que o vídeo em que apresenta com a expressão neutra. Os juízes consideraram, também, a performance do ator banco significativamente melhor no vídeo em que apresenta a piada sério do que sorrindo ($M = 4,4$; $DP = 1,2$ vs $M = 3,7$; $DP = 1,0$ vs $M = 4,9$; $DP = 1,0$ vs $M = 3,9$; $DP = 1,3$), $F(3,54) = 3.11$ $p < 0.3$.

Os juízes avaliaram sistematicamente o ator negro como possuindo melhor performance que o branco, seu vídeo como possuindo melhor qualidade de imagem, e também melhor áudio. Consideramos que essas diferenças de desempenho do ator negro não são condições de invalidação dos vídeos, uma vez que foram sistemáticas, encontram-se nas três variáveis pesquisadas. Pensamos que estes resultados reproduzem o fenômeno da assimetria positivo-negativa, que pode ser observado em inúmeros estudos que comparam brancos e negros usando medidas explícitas (ver Mummendey, Otten, Berger & Kessler,

2000), que implica numa tendência geral a avaliar mais positivamente e menos negativamente os alvos negros.

Tabela 3.

Cor da pele do ator branco

		Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Total
Qual a cor da pele do participante A?	Branco	6	8	11	8	33
	Pardo	11	5	6	3	25
Total		17	13	17	11	58

No tocante a cor da pele dos atores. Os juízes avaliaram a cor da pele do ator branco como não-negra, sendo que 33 entre os juízes avaliaram-na como branco e 25 como pardo $\chi^2(3) = 4.89$, $p < 0.4$. Neste estudo adotaremos o termo “branco” para apresentar os dados referentes a este ator.

Tabela 4.

Cor da pele do ator negro

		Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Total
Qual a cor da pele do participante B?	Preto	17	13	17	11	58
	Total	17	13	17	11	58

Já o ator negro teve a sua cor da pele avaliada por todos os juízes como preta.

Tabela 5.

Cor da pele da pesquisadora

		Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Total
Qual a cor da pele da pesquisadora?	Branco	0	2	2	0	4
	Pardo	12	7	8	4	31
	Preto	5	4	7	7	23
	Total	17	13	17	11	58

A cor da pele da pesquisadora foi avaliada como branca por 4 juízes, como parda por 31 e preta por 23, $X^2(6) = 7,85$, n.s.